

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
ESCOLA DE INDÚSTRIA CRIATIVA
PROGRAMA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

DAIANE MARQUES CASTILHOS

MIDIATIZAÇÃO JORNALÍSTICA E COVID:
MUDANÇAS NAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS DURANTE A PANDEMIA

SÃO LEOPOLDO

2024

MIDIATIZAÇÃO JORNALÍSTICA E COVID:

MUDANÇAS NAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS DURANTE A PANDEMIA

Dissertação apresenta como requisito parcial para obtenção da qualificação para futuro título de Mestre em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadores: Prof. Dr. Antonio Fausto Neto/
Profa. Dra. Jiani Bonin

SÃO LEOPOLDO

2024

DAIANE MARQUES CASTILHOS

MIDIATIZAÇÃO JORNALÍSTICA E COVID:

MUDANÇAS NAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS DURANTE A PANDEMIA

Dissertação apresenta como requisito parcial para obtenção da qualificação para futuro título de Mestre em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

APROVADA EM 10 DE JANEIRO DE 2025.

BANCA EXAMINADORA

**PROFA. DRA. ANA PAULA DA ROSA - UFRGS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. PEDRO GILBERTO GOMES - UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROFA. DRA. JIANI ADRIANA BONIN - UNISINOS
ORIENTADORA**

C352m Castilhos, Daiane Marques.
 Midiatização jornalística e COVID : mudanças nas
práticas jornalísticas durante a pandemia / Daiane Marques
Castilhos. – 2024.
 107 f. : il. ; 30 cm.

 Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2024.
 “Orientadores: Prof. Dr. Antonio Fausto Neto e
 Profa. Dra. Jiani Bonin”.

 1. Jornalismo. 2. COVID-19, Pandemia de, 2020-2023.
3. Transformações jornalísticas. 4. Midiatização. 5. Tecnologias
digitais. I. Título.

CDU 070:004.738.5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Amanda Schuster Ditbenner – CRB 10/2517)

AGRADECIMENTOS

Lembro-me com clareza do dia em que recebi a notícia da UNISINOS de que havia sido contemplada com uma bolsa de estudos da CAPES para realizar o mestrado em Ciências da Comunicação. Era 23 de março de 2022, um dia que deveria ter sido marcado pela alegria de uma das melhores notícias da minha vida, mas que também se tornou um dos momentos mais desafiadores em termos de saúde.

Poucos dias antes, havia passado por uma cirurgia de revisão na coluna, da qual parecia estar me recuperando bem. Contudo, fui surpreendida por um quadro grave de meningite e infecção hospitalar. Naquele mesmo dia, fui internada em estado gravíssimo. Os médicos informaram minha família que fariam tudo o que fosse possível, mas as chances de sobreviver eram incertas. Além disso, descobriram que durante a cirurgia havia ocorrido uma perfuração na medula, resultando em uma fístula liquórica lombar, ou seja, um vazamento de líquido cefalorraquidiano (LCR), o fluido que envolve o cérebro e a medula espinhal.

Foi necessário um período na UTI e uma nova cirurgia, apesar do meu estado físico e neurológico precário, para fechar a fístula e aumentar minhas chances de sobrevivência. Felizmente, a cirurgia foi bem-sucedida, mas o caminho até a recuperação foi longo e árduo. Passei três meses internada e enfrentei oito meses de tratamento intensivo para uma infecção difícil de tratar, utilizando um cateter central durante todo esse tempo. Ainda precisei de outra cirurgia para a colocação de enxerto e pinos na coluna, devido a um quadro de discite lombar, em que a infecção havia danificado os ossos, necessitando de reparos. Como se todos esses desafios não bastassem, em setembro, ainda durante a minha recuperação, enfrentei a perda de meu amado pai, Ilson Roberto de Melo Castilhos.

Diante de todas essas adversidades, não consegui iniciar o mestrado junto com minha turma e precisei trancar a bolsa de estudos, com o apoio da professora Ana Paula da Rosa, que na época era a coordenadora do curso.

Retornei ao mestrado em agosto de 2022, ainda em tratamento. Enfrentei muitos desafios, pois minhas capacidades haviam mudado significativamente. Tive grande dificuldade para memorizar e compreender os textos, além de

participar dos debates com meus colegas. Essas dificuldades me acompanharam por um longo tempo, mas desistir nunca foi uma opção.

Sempre fui rápida em meus pensamentos e tinha boa memória. De repente, me vi na necessidade de reaprender muitas coisas que antes eram simples. Minha psicóloga, Candice, me ajudou a lidar com isso, ensinando-me a olhar no espelho e repetir uma frase que se tornou meu lema: “eu estou reaprendendo porque estou viva”. Essa mentalidade me ajudou a superar as dificuldades e a seguir fazendo o meu melhor, dentro do possível.

Meus primeiros agradecimentos são a Deus, que ouviu as orações da minha família e me concedeu um verdadeiro milagre. Acredito profundamente que sou a prova viva de um milagre.

Sou eternamente grata ao meu esposo Bruno Gass, à minha mãe Vera Castilhos, ao meu falecido pai Ilson Castilhos, e aos meus sogros Célio Gass e Julceria Gass, que estiveram ao meu lado nos piores e melhores momentos da minha vida. Agradeço a Deus por ter me abençoado com essas pessoas tão especiais ao meu lado.

Também sou profundamente grata à professora Ana Paula da Rosa, que apoiou meu esposo enquanto eu estava no hospital, garantindo que eu não perdesse a oportunidade de continuar no mestrado. Sua compreensão e assistência foram fundamentais.

Aos meus orientadores, Antônio Fausto Neto, que me acompanhou até junho de 2024, e Jiani Adriana Bonin, que assumiu a orientação após sua saída, agradeço por toda a dedicação, por elevarem meu entendimento sobre a linha de pesquisa em Midiatização e Processos Sociais, e por me apoiarem nos momentos de angústia.

Agradeço ainda à CAPES pela bolsa de estudos que me permitiu seguir no mestrado, à UNISINOS pelo acolhimento e aprendizado, e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação pelo excelente corpo docente.

Este trabalho é fruto de muito esforço e dedicação. Foram muitos desafios até este grande momento, e nada disso teria sido possível sem o apoio de todos os mencionados.

RESUMO

Esta dissertação investiga as transformações nas práticas jornalísticas durante a pandemia de COVID-19. O objetivo geral foi compreender como se alteraram as práticas jornalísticas num cenário de migração para o trabalho remoto, de intensificação do uso de tecnologias digitais e de mudanças nas rotinas produtivas, especialmente em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no contexto da crise sanitária global. A pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, que incluiu entrevistas com jornalistas que vivenciaram a cobertura da pandemia e análise documental de reportagens produzidas durante esse período. Os resultados indicam que a pandemia acelerou o processo de midiatização digital no jornalismo, promovendo a adaptação das práticas às novas exigências do trabalho remoto e das plataformas digitais. Contudo, essa transição revelou ambivalências: enquanto a tecnologia permitiu a continuidade do trabalho e inovou processos produtivos, também intensificou a sobrecarga emocional, precarizou condições laborais e comprometeu a profundidade de apurações em coberturas que demandavam presença no campo. Os depoimentos analisados destacam a resiliência dos profissionais ao improvisar em cenários adversos, como o uso de ambientes domésticos para gravações e a dependência de materiais enviados por fontes externas. Observa-se, ainda, uma humanização das narrativas, marcada pela maior proximidade com o público e pela informalidade das transmissões, embora acompanhada de desafios no combate à desinformação, que se intensificou durante a pandemia. A COVID-19 não apenas acelerou transformações já em curso no campo jornalístico, mas também expôs fragilidades estruturais e emocionais na prática profissional. A pesquisa contribui para a compreensão das mudanças no jornalismo em cenários de crise e ressalta a necessidade de equilibrar inovação tecnológica com valores fundamentais da profissão, como ética, veracidade e compromisso público.

Palavras-chave: Jornalismo; Pandemia de COVID-19; Transformações Jornalísticas; Midiatização; Tecnologias Digitais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Com covid-19, maio de 2020 se torna o mês com mais mortes na história do Brasil.....	57
Figura 2 - UTI em hospital de São Paulo: 75,5% dos pacientes intubados no Estado morreram de março de 2020 a fevereiro de 2021, o 2º resultado menos grave do país, atrás apenas de Santa Catarina	58
Figura 3 - País registra mortes de pessoas que esperam atendimento por dias, pacientes que sofrem por falta de leitos e desabastecimento de medicamentos	59
Figura 4 - Fila única por leitos de UTI? As propostas para fechar conta de desigualdade entre SUS e planos de saúde	61
Figura 5 – Mortes na fila por um leito de UTI, falta de insumos e funerárias sem férias: os sinais do colapso na saúde brasileira	62
Figura 6 - 17 estados e o DF estão em colapso na saúde; MT, MS, RS e RO não têm mais leitos	64
Figura 7 - Imagem do CTI do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) com 118% de ocupação, no dia 03 de março de 2021 (Foto: Silvio Avila/ Divulgação HCPA)	65
Figura 8 - Crise do oxigênio: um mês após colapso em hospitais, Manaus ainda depende de doações do insumo	66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de mortes por COVID-19 por país, território ou área	26
Gráfico 2 - Número de casos confirmados de COVID-19 por país, território ou área	26
Gráfico 3 - Média móvel de óbitos no Brasil entre abril de 2020 há outubro de 2022	28
Gráfico 4 - Progressão da quantidade de casos de UTI na capital Gaúcha e linha e tempo	29
Gráfico 5 - Complexidade da mediação	42
Gráfico 6 - Complexidade da mediação jornalística durante a pandemia	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de casos confirmados por estado no Brasil – TOP 10	27
Tabela 2 - Número de casos confirmados por município do estado do Rio Grande do Sul – TOP 10	27
Tabela 3 - Corpus de materiais analisados na pesquisa documental	50
Tabela 4 - Jornalistas entrevistados, função e local de trabalho durante a pandemia	54
Tabela 5 - Dimensões das práticas jornalísticas afetadas no contexto da pandemia e tipos de afetações.....	94
Tabela 6 – Tipos de afetações vividas pelos jornalistas no contexto da pandemia	94

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 O trajeto do problema de pesquisa	15
1.2 Objetivos	18
1.2.1 <i>Objetivo geral</i>	18
1.2.2 <i>Objetivos específicos</i>	18
1.3 Justificativa	19
1.4 Estrutura do trabalho	21
2 CONTEXTOS DA PESQUISA: A PANDEMIA E OS ESTUDOS SOBRE MIDIATIZAÇÃO JORNALÍSTICA E COVID	24
2.1 O surgimento da COVID-19	25
2.2 Estado da arte	31
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	37
3.1 Sociedade dos meios e a midiatização jornalística da pandemia no Brasil	37
3.2 A circulação de informações na pandemia e a produção de sentidos	41
4 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	50
4.1 Pesquisa documental	51
4.2 Entrevistas com jornalistas	52
5 A COBERTURA DA COVID-19 E A EXPERIÊNCIA DOS JORNALISTAS....	58
5.1 A COVID-19 noticiada por jornalistas	58
6 VOZES DA PANDEMIA: RELATOS DE JORNALISTAS NO CONTEXTO DA COVID-19	75
6.1 As práticas jornalísticas e os impactos do uso das tecnologias digitais e da migração para o trabalho remoto	75
6.2 Adaptações dos jornalistas em ambientes de risco e seus impactos na cobertura	84
6.3 O papel da tecnologia e das plataformas digitais frente aos desafios do distanciamento social	87
6.4 O papel dos jornalistas na mediação de informações da pandemia e a influência na percepção pública	90
7 INFERÊNCIAS COM BASE NAS FALAS DOS JORNALISTAS	94
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	101

APÊNDICE A: Entrevista sobre vivências, percepções e práticas jornalísticas durante a pandemia de COVID-19	108
--	-----

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como foco de estudo os impactos que o surgimento da COVID-19 causou nas práticas jornalísticas. A pesquisa concentra-se principalmente nas mudanças ocorridas nas rotinas dos profissionais da comunicação¹ em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, sem deixar de considerar aspectos mais amplos que envolvem o tema em contextos nacionais e internacionais.

Conforme notícia anunciada no dia 30 de março de 2020 no *Gaúcha ZH*², no Rio Grande do Sul a COVID-19 demorou mais para chegar em comparação com a data da primeira confirmação do vírus no país. No Brasil, o primeiro caso foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020, enquanto no Rio Grande do Sul foi em 10 de março na cidade de Campo Bom e somente no dia 11 surgiu o primeiro caso na capital do estado. Contudo, a evolução dos casos foi mais rápida do que a média nacional em termos proporcionais. Inicialmente, o crescimento de casos no estado foi superior ao estado de São Paulo, a região do Brasil mais afetada até aquele momento. Os gaúchos enfrentavam uma taxa de contaminação de 16,7 casos por milhão de habitantes, enquanto os paulistas tinham um índice de doentes de 1,2 por milhão – cerca de 14 vezes menos em termos proporcionais.

A partir desse ponto, a COVID-19 cresceu exponencialmente em todos os estados do Brasil. Conforme os indicadores pós-pandêmicos, a atualização disponibilizada em 22/06/2024 no *site* da Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul³ mostra que São Paulo acabou sendo o estado com o maior número de casos confirmados do vírus no Brasil, totalizando 6.786.120 casos e 182.316 óbitos. O estado de Minas Gerais aparece em segundo lugar, com 4.241.090 casos confirmados e 66.158 óbitos, seguido pelo Rio Grande do Sul, com 3.092.921 casos confirmados e 42.665 óbitos. No Rio Grande do Sul, o município com maior ocorrência de pessoas contaminadas foi Porto Alegre, com 345.339 casos confirmados e 6.815 óbitos.

A resposta global exigiu colaboração entre governos, organizações internacionais e a comunidade científica para enfrentar este desafio de maneira

¹ Profissionais da comunicação: jornalistas, assessores de imprensa, produtores, editores, repórteres etc.

² Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/03/um-mes-de-pandemia-covid-19-demorou-mais-para-chegar-ao-rs-mas-avancou-mais-rapido-do-que-a-media-nacional-ck8exnm1r098t01pqszb09lzh.html>. Acesso em: 18 nov. 2022.

³ Disponível em: <https://ti.saude.rs.gov.br/covid19/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

eficaz. No contexto do mundo do trabalho, muitos experimentaram a transição para o trabalho remoto, interrupção de atividades econômicas e, em alguns casos, perda de empregos. No aspecto pessoal, as medidas de distanciamento social afetaram relacionamentos, eventos sociais e atividades cotidianas, contribuindo para um aumento nos níveis de estresse e isolamento. Esse conjunto de desafios criou um cenário complexo, exigindo adaptação e resiliência das pessoas vários aspectos de suas vidas.

Antes mesmo da pandemia de COVID-19, o jornalismo já se encontrava em meio a transformações significativas, impulsionadas pelo avanço das tecnologias digitais e pela crescente midiatização da sociedade. Esse processo de transformação tecnológica vinha alterando profundamente as dinâmicas da produção e da distribuição de notícias, bem como o papel dos jornalistas como mediadores de informação. Fausto Neto (2015) já indicava que a era da informação estava se transformando, trazendo à tona novos formatos jornalísticos que questionavam o papel tradicional do jornal impresso e ampliavam a atuação dos profissionais para novas plataformas, como *sites* e redes sociais. Segundo ele, essa mudança sugeria uma reconfiguração do jornalismo, onde os profissionais se adaptavam a novos espaços e formatos, respondendo a um ambiente cada vez mais digitalizado.

De forma complementar, Sgorla (2022) aponta que os meios de comunicação estavam ajustando continuamente seu papel na sociedade, em resposta à ampliação da cultura midiática e à intensificação do processo de midiatização. Essa nova configuração marcava uma descontinuidade entre os meios tradicionais e o contexto social emergente, exigindo que os veículos se reposicionassem e buscassem formas de manter sua legitimidade e relevância como mediadores de informação. Para Sgorla, os meios de comunicação não só reagiam a essas mudanças culturais e sociais, mas também atuavam como agentes ativos desse processo, estimulando o consumo de seus produtos e promovendo o engajamento do público em ambientes sociotécnicos.

A chegada da pandemia, portanto, não criou essas transformações, mas as intensificou de maneira sem precedentes. Em um cenário de crise global e urgência informativa, o jornalismo teve que se adaptar rapidamente às novas demandas, reforçando o papel dos jornalistas como intermediários essenciais entre a ciência, a saúde pública e a população. Nesse contexto, a pandemia acelerou e evidenciou a necessidade de práticas jornalísticas que fossem mais

dinâmicas e adaptadas ao ambiente digital, intensificando o processo de midiatização e obrigando o jornalismo a explorar novas formas de contato e interação com o público.

Este trabalho, de natureza acadêmica, busca investigar as mudanças nas práticas jornalísticas durante a pandemia de COVID-19, entendendo-as como um aprofundamento das transformações já em curso antes do período pandêmico. Por meio de entrevistas com jornalistas que atuaram durante esse tempo, o estudo examina como esses profissionais adaptaram suas rotinas, enfrentaram desafios e lidaram com as incertezas globais. Além de documentar a cobertura factual, esta pesquisa busca compreender as percepções e dificuldades desses profissionais e explorar como o cenário pandêmico catalisou transformações que já vinham redesenhando o campo jornalístico no ambiente midiatizado.

1.1 O trajeto do problema de pesquisa

A pandemia impactou profundamente a sociedade global, afetando não somente a saúde pública, mas também, no contexto gaúcho, a forma como as informações foram transmitidas. Feitas essas primeiras observações, contextualizo a seguir os cenários que geraram o problema da pesquisa.

Jornalistas, repórteres, editores e demais profissionais da área de comunicação desempenharam, ao longo da pandemia, um papel fundamental na análise e disseminação de informações sobre a COVID-19. Eles ajudaram a combater a desinformação e a promover a conscientização pública. As rápidas transformações do vírus e as mudanças nas diretrizes e políticas relacionadas apresentaram desafios significativos, exigindo que os jornalistas se adaptassem rapidamente para fornecer informações atualizadas e relevantes.

No contexto de nosso problema de pesquisa, o jornalismo emergiu e destacou-se como um pilar fundamental no âmbito comunicacional, desempenhando um papel essencial na produção interpretação e circulação de notícias. De tal modo que os jornalistas se tornaram atores estratégicos, traduzindo complexidades científicas em mensagens acessíveis, fornecendo à sociedade atualizações sobre a propagação do vírus, orientações de saúde e medidas governamentais.

Durante a COVID-19 a relevância do jornalismo transcendeu a mera divulgação de notícias, diante do impacto de uma “pandemia” ao Integrar à rotina de trabalho o peso do risco de exposição ao vírus. Os profissionais desta área, que atuaram no campo da comunicação, sejam na cobertura de rádio, jornal, televisão, quaisquer instituições que fazem funcionar as mídias, tornaram-se ponte entre os especialistas e o público, oferecendo clareza em meio à incerteza. A rápida disseminação de notícias, muitas vezes em tempo real, permitiu que as pessoas se atualizassem sobre as mudanças nas condições de saúde, regras de distanciamento social e desenvolvimentos científicos.

Além disso, o jornalismo destacou histórias humanas, mostrando as dificuldades enfrentadas por profissionais de saúde, impactos econômicos nas comunidades, problemas relacionados à política e iniciativas positivas de solidariedade.

Devemos ainda ressaltar que os jornalistas também enfrentaram, dentre as adversidades, a desinformação e seus efeitos, dela se esquivando em nome da manutenção da transparência, da prestação de contas e da manutenção da confiança pública. Assim, a importância do jornalismo no âmbito comunicacional durante a pandemia transcende a mera entrega de notícias, destacando-se como atores estratégicos no esclarecimento de informações em tempos desafiadores.

Dentre outras adversidades, destacamos ainda medidas de segurança rigorosas, como a redução do número de profissionais trabalhando presencialmente, a transição para o *home office*, demissões e diminuição da carga horária.

No contexto, de acordo com informações divulgadas no *Portal Dos Jornalistas*⁴, em 11 de agosto de 2021, pela *Federação nacional dos jornalistas* (FENAJ), o Brasil perdeu 278 profissionais da imprensa nos primeiros sete meses da pandemia. Outra fonte relevante, o *Portal Comunique-Se*⁵, divulgou no dia 25 de março de 2022 que ao menos 314 jornalistas brasileiros haviam perdido suas vidas para a COVID-19. É importante enfatizar que na matéria publicada neste dia foi destacado que o país lidera o *ranking* mundial em relação

⁴ Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/levantamento-aponta-quase-300-jornalistas-mortos-por-covid-19-no-brasil/>. Acesso em: 06 fev. 2023.

⁵ Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/mais-de-300-jornalistas-brasileiros-morreram-em-decorrencia-da-covid-19/>. Acesso em: 06 fev. 2023.

ao número de mortes de profissionais de comunicação entre abril de 2020 e fevereiro de 2022.

Neste contexto, é crucial ressaltar a seriedade do impacto da pandemia sobre os profissionais de comunicação, especialmente no que diz respeito ao número de óbitos.

Diante desses dados, uma das principais dificuldades enfrentadas pelos jornalistas durante a pandemia está diretamente ligada à natureza de sua profissão: o contato constante com o público. Durante esse período, os jornalistas continuaram a atuar na linha de frente, cobrindo eventos, visitando hospitais e entrevistando pessoas em diversos ambientes, o que os expôs ao risco de contaminação pelo vírus. Mesmo com todas as precauções possíveis, o perigo de infecção permanecia uma realidade constante.

A urgência em noticiar os desdobramentos da pandemia, impulsionada pela dinâmica do negócio jornalístico, muitas vezes colocou os profissionais em situações em que manter o distanciamento social era inviável. Cobrir áreas de surto, entrevistar pacientes e profissionais de saúde e participar de coletivas de imprensa tornaram-se parte de suas rotinas, mas também os expuseram a ambientes de alto risco.

Além do risco pessoal, essas condições trouxeram mudanças significativas nas práticas jornalísticas. A necessidade de adaptação a uma nova realidade, equilibrando a busca por informações com a segurança pessoal, ressalta a importância de se investigar mais profundamente como a pandemia transformou o jornalismo. Este cenário abre uma oportunidade valiosa para explorar não só os desafios imediatos enfrentados pelos jornalistas, mas também as implicações de longo prazo para o modelo de negócios do jornalismo, que precisou se reinventar durante a crise.

Neste contexto complexo esta pesquisa foi orientada em torno da seguinte pergunta norteadora: Que mudanças sofreram as práticas jornalísticas durante a pandemia de COVID-19?

Pensamos que o conjunto de informações sobre o combate a pandemia produziu constantes mudanças nas diretrizes, rotinas, descobertas científicas e políticas relacionadas ao vírus, acarretando também desafios significativos para o campo jornalístico, incluindo o gaúcho. A busca constante de atualização sobre a COVID-19 ocorreu ao mesmo tempo em que os jornalistas se adaptavam às regras e planos de contingência determinados pela Anvisa.

Situando o problema em um contexto mais amplo, no cenário brasileiro lembramos o noticiário, destacando em mídias de vários contextos. É o caso da matéria disponibilizada, por exemplo, no *Portal do Governo do Estado de Rondônia*⁶. Esse portal ganha destaque nesta pesquisa por trazer à tona uma categoria do jornalismo utilizada durante a pandemia que é pouco conhecida e divulgada. Normalmente, os profissionais desta área procuram trabalhar de maneira “imparcial e objetiva” sendo um jornalismo idealizado que reporta os fatos sem se envolver. Mas durante a pandemia foi desenvolvido o que se nomeia como um jornalismo cívico, através do qual jornalistas se destacaram enquanto protagonistas, participantes justos e interessados no que se refere aos acontecimentos que dizem respeito à sociedade.

Esta modalidade de prática de jornalismo tem como objetivo central inserir a voz da população em circuitos discursivos estratégicos em termos de produção de sentidos, ao se escutar a população, destacando suas preocupações, abordando os interesses da sociedade, esclarecendo fatos, influenciando opiniões e, acima de tudo, mantendo o público bem-informado e atualizado.

Feita a apresentação do problema, exponho a seguir os objetivos deste trabalho.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Investigar as alterações nas práticas jornalistas no contexto da pandemia de COVID-19, explorando o impacto das tecnologias, as mudanças nas redações e nas relações entre jornalistas, fontes e o público.

1.2.2 Objetivos específicos

- Examinar como a migração para o trabalho remoto e a digitalização impactaram as práticas jornalísticas nas redações, as formas de cooperação entre os profissionais e o fluxo de trabalho.

⁶ Disponível em: <https://rondonia.ro.gov.br/durante-pandemia-da-covid-19-jornalistas-desempenharam-dever-civico-de-manter-a-sociedade-informada/>. Acesso em: 08 fev. 2023.

- Explorar as adaptações profissionais e pessoais implementadas pelos jornalistas em um ambiente de risco, e como impactaram a cobertura jornalística.
- Refletir sobre o papel dos jornalistas na mediação de informações sobre a pandemia.

Esses objetivos são perseguidos metodologicamente por meio de entrevistas com profissionais da área jornalística que participaram da cobertura durante a pandemia ou cujas atividades foram significativamente impactadas por ela. A pesquisa busca contribuir para a compreensão de como os jornalistas enfrentaram os desafios profissionais e pessoais impostos pela COVID-19, lançando luz sobre as estratégias adotadas para adaptar suas práticas em um cenário de crise global. Além disso, busca refletir sobre o papel central do jornalismo em momentos de crises de grande escala, como a pandemia, destacando a singularidade e a relevância do trabalho desses profissionais no processo de mediação da informação.

1.3 Justificativa

Inicialmente, o tema desta pesquisa buscava analisar os efeitos da pandemia no contexto da comunicação interna em uma indústria de grande porte no Rio Grande do Sul. Tratava-se de uma empresa que precisou adotar novos meios e estratégias para manter a comunicação interna e assegurar a continuidade de sua cadeia produtiva em um cenário de regras sanitárias rigorosas e a necessidade de reorganizar processos para garantir um fluxo comunicativo eficiente entre os colaboradores. Entretanto, por motivos de confidencialidade, não foi possível manter esse foco, o que levou a pesquisadora a reavaliar o direcionamento do estudo.

Nesse contexto, as experiências pessoais e profissionais da pesquisadora com a pandemia de COVID-19, marcadas por perdas, medo, estresse e uma profunda reestruturação de sua própria prática profissional, inspiraram uma nova perspectiva. Refletindo sobre o tema inicial – que se concentrava na comunicação “de fora para dentro” e nos efeitos internos causados por ações comunicativas da empresa – a pesquisadora se viu motivada a explorar o papel dos jornalistas como mediadores essenciais na disseminação da informação durante a pandemia. Como analista e estudante de comunicação, surgiu a

inquietação de entender a dinâmica da midiatização jornalística, focando em um elo essencial para a transmissão da notícia ao público.

Este elo envolve profissionais como editores, jornalistas, produtores e assessores, cuja atuação é crucial para que a notícia chegue ao público com qualidade e precisão. Esta pesquisa, portanto, adota uma abordagem que vai além do conteúdo das reportagens sobre a pandemia, buscando entender os bastidores e as transformações nas práticas jornalísticas que, muitas vezes, permanecem invisíveis para o público. O objetivo é explorar as adaptações e os desafios enfrentados pelos profissionais durante o cenário pandêmico, revelando uma dimensão que ultrapassa a narrativa exposta ao público.

A análise das mudanças nas práticas jornalísticas durante a pandemia permite observar como as notícias refletem não apenas os fatos reportados, mas também as condições de trabalho e as vivências dos jornalistas. Neste contexto, a escrita jornalística torna-se um espaço de observação valioso para compreender como as adaptações impostas pelas restrições sanitárias – como o distanciamento social e a migração para o trabalho remoto – impactaram a produção, a verificação e a distribuição das notícias. A cobertura da COVID-19 trouxe à tona desafios inéditos para jornalistas, fotógrafos e outros profissionais, revelando transformações significativas nas rotinas de apuração, no acesso às fontes e na própria dinâmica das redações.

Desta forma, a pesquisa concentra-se em como esses profissionais enfrentaram limitações e incertezas, revelando o impacto dessas mudanças nas práticas jornalísticas e na qualidade da informação fornecida ao público em tempos de crise. Vale destacar que, embora a pandemia e seus efeitos estejam documentados na bibliografia deste estudo, o foco está na novidade trazida pelo contexto: as mudanças específicas nas práticas jornalísticas.

Compreender como os jornalistas se adaptaram às restrições sanitárias impostas para conter o vírus é fundamental para avaliar a resiliência e a capacidade de resposta do jornalismo em situações de crise. Durante a pandemia, muitos jornalistas enfrentaram riscos diretos de contaminação ao cobrir eventos presenciais e entrevistar indivíduos infectados, lidando com impactos significativos em sua saúde mental e física, incluindo estresse e fadiga. A pesquisa, assim, também se propõe a compreender essas condições de trabalho e o impacto sobre o bem-estar dos profissionais.

Por fim, investigar as experiências desses jornalistas com as dificuldades da pandemia e como eles equilibraram suas responsabilidades, ética jornalística e estratégias para enfrentar mudanças constantes é um desafio valioso. Este estudo não só contribuirá para o corpo de conhecimentos na área da comunicação, mas também oferecerá insights relevantes para a prática jornalística e para a promoção de ambientes de trabalho mais saudáveis e sustentáveis para os profissionais de comunicação em tempos de crise.

1.4 Estrutura do trabalho

A estrutura desta dissertação está organizada em oito capítulos que seguem uma progressão lógica e aprofundada para explorar as transformações nas práticas jornalísticas durante a pandemia de COVID-19.

O primeiro capítulo, *Introdução*, apresenta os elementos fundamentais para a compreensão do estudo. Este capítulo oferece uma contextualização geral do tema e define o problema de pesquisa que orienta toda a investigação. Além disso, são delineados os objetivos, tanto o geral quanto os específicos, justificada a escolha do tema e situada a relevância da pesquisa no campo da comunicação.

O segundo capítulo, intitulado “*Contextos da Pesquisa: A COVID e os Estudos sobre Midiatização Jornalística e COVID*”, aborda os principais contextos da pesquisa. Primeiramente, discute o surgimento da COVID-19 no Brasil e em Porto Alegre, situando o impacto histórico e social da pandemia e suas implicações para o jornalismo. Em seguida, realiza um levantamento do estado da arte, apresenta uma revisão da produção científica nacional sobre o tema, incluindo uma seleção de teses, dissertações e artigos que analisam o vínculo entre o jornalismo e a COVID-19 sob a ótica da midiatização, abrangendo o período de 2020 a 2024. Tal revisão oferece um panorama das principais contribuições e lacunas no debate acadêmico, evidenciando a relevância do tema e servindo como guia para o desenvolvimento desta pesquisa, que se propõe a aprofundar o entendimento das práticas jornalísticas no contexto pandêmico.

No terceiro capítulo, dedicado à *Fundamentação Teórica*, são apresentados e discutidos os conceitos centrais que sustentam a pesquisa. Os temas explorados incluem “Sociedade dos Meios e a Midiatização Jornalística

da Pandemia no Brasil” e “A Circulação de Informações na Pandemia e a Produção de Sentidos”. O capítulo aprofunda o entendimento sobre o processo de midiatização, o papel da tecnologia na transformação das práticas jornalísticas e as novas dinâmicas de comunicação e produção de sentidos impostas pela pandemia. Esta fundamentação teórica oferece uma base sólida para as análises subsequentes, permitindo compreender os impactos das adaptações tecnológicas e sociais no jornalismo.

O quarto capítulo, intitulado *Estratégias Metodológicas*, descreve os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. A proposta metodológica inclui a análise documental de um *corpus* de notícias sobre a COVID-19 e a realização de entrevistas com uma amostra de jornalistas. Nesse capítulo, são detalhados os objetivos, fundamentos e processos de implementação desses métodos, incluindo critérios de seleção dos participantes, estrutura das entrevistas e estratégias de análise de dados.

O quinto capítulo, *A Cobertura da COVID-19 e a Experiência dos Jornalistas*, oferece uma introdução detalhada das atividades propostas neste segmento da dissertação. Em um primeiro movimento, realiza-se um mapeamento das principais características da cobertura jornalística sobre a COVID-19, analisando como os profissionais abordaram as informações sobre a pandemia e as estratégias de comunicação adotadas. Em um segundo movimento, o capítulo traz relatos e reflexões sobre as mudanças nas práticas jornalísticas e sobre os desafios enfrentados pelos jornalistas durante a cobertura da crise, destacando como a adaptação ao novo cenário impactou as rotinas e o processo de apuração e disseminação das notícias.

O sexto capítulo, intitulado *Vozes da Pandemia: Relatos de Jornalistas no Contexto da COVID-19*, aprofunda os dados coletados a partir das entrevistas, explorando as práticas jornalísticas, os impactos do uso das tecnologias digitais e a adaptação ao trabalho remoto. Este capítulo examina como os jornalistas se ajustaram a ambientes de risco, como o distanciamento social influenciou a cobertura e o papel das tecnologias e plataformas digitais na superação dos desafios impostos pela pandemia. Além disso, discute o papel dos jornalistas na mediação de informações sobre a pandemia e sua influência na percepção pública, destacando como as novas práticas impactaram o relacionamento entre a mídia e a sociedade.

O sétimo capítulo, *Inferências com Base nas Falas dos Jornalistas*, extrai inferências e interpretações sobre as falas dos jornalistas entrevistados. Neste capítulo, as respostas dos jornalistas são analisadas para identificar padrões, desafios e estratégias adotadas durante o período pandêmico, revelando os impactos dessas mudanças sobre as práticas jornalísticas e a qualidade da informação transmitida ao público. As inferências visam esclarecer como os profissionais interpretaram suas experiências e ajustaram suas práticas, oferecendo *insights* sobre as adaptações no campo jornalístico em tempos de crise.

Finalmente, o oitavo capítulo, *Considerações Finais*, sintetiza os principais pontos discutidos ao longo da dissertação, refletindo sobre as contribuições do estudo para o campo da comunicação. Este capítulo conclui a dissertação ao reafirmar a importância do estudo das transformações jornalísticas em tempos de crise e ao destacar as implicações práticas e teóricas das mudanças observadas, além de sugerir direções para investigações futuras sobre o papel do jornalismo em contextos de emergência e transformação social.

2 CONTEXTOS DA PESQUISA: A PANDEMIA E OS ESTUDOS SOBRE MIDIATIZAÇÃO JORNALÍSTICA E COVID

Este capítulo tem como objetivo apresentar o contexto da pesquisa, abordando dois aspectos centrais: o impacto da COVID-19 no Brasil e no mundo e as discussões sobre a midiatização jornalística no cenário pandêmico. A pandemia de COVID-19 representou um dos maiores desafios globais do século XXI, exigindo mudanças drásticas em todos os setores da sociedade, incluindo o jornalismo, que assumiu uma posição estratégica na comunicação e disseminação de informações. Em um momento de grande incerteza, os jornalistas cumpriram seu papel de mediadores de informações de saúde pública, funcionando como um elo entre as descobertas científicas e a população, o que é inerente à sua atividade profissional.

Nesse contexto, este capítulo aborda como o surgimento e a expansão do coronavírus transformaram as práticas jornalísticas e redefiniram a relação entre mídia e sociedade. Com a pandemia, o processo de midiatização – já em curso – foi intensificado, ampliando o uso das plataformas digitais e exigindo dos profissionais da imprensa adaptações rápidas e inéditas. Para entender essas mudanças, faz-se necessário explorar os estudos recentes sobre midiatização jornalística, que fornecem uma base teórica para examinar o papel dos jornalistas em tempos de crise e como eles se adaptaram a novas tecnologias, formatos e demandas do público.

O capítulo também busca sintetizar a literatura relevante sobre a interação entre COVID-19 e midiatização, destacando pesquisas que analisam como a pandemia acelerou transformações na comunicação jornalística, especialmente em relação à produção, circulação e consumo de notícias. Essa análise permite contextualizar a pesquisa, situando-a dentro das discussões contemporâneas sobre os efeitos da COVID-19 no jornalismo e o processo de midiatização, que ganhou nova dimensão à medida que a pandemia impôs novas realidades para a comunicação global.

2.1 O surgimento da COVID-19

Neste item capítulo será abordado o surgimento da COVID-19, desde seu início na China até sua disseminação global, com um foco particular na trajetória do vírus no Brasil e em Porto Alegre.

Conforme a literatura estudada, o assunto COVID-19 começou a aparecer nas mídias por volta de dezembro de 2019, quando a comunidade internacional de saúde foi notificada pela Organização Pan Americana da Saúde (OPAS)⁷ sobre uma série de casos de pneumonia registrados na cidade de Wuhan, localizada na província de Hubei, da República Popular da China. Esses casos foram associados a uma nova variante do coronavírus até então não identificada em seres humanos, marcando o início de uma pandemia que transformaria drasticamente o cenário mundial de saúde pública com efeitos em todos os segmentos das práticas sociais diversas.

Como consequência, desde então, a Organização Mundial de Saúde (OMS) colaborou com autoridades nacionais e especialistas internacionais para compreender melhor o vírus, seu impacto na saúde humana e as estratégias de tratamento e resposta à pandemia. Paralelamente, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)⁸ forneceu apoio técnico aos países das Américas, enfatizando a importância da vigilância contínua e da prontidão para identificar, isolar e tratar rapidamente pacientes infectados com o SARS-CoV-2.

O surto atraiu a atenção da mídia internacional. Como exemplo, a *BBC News Brasil*,⁹ no dia 20 de janeiro de 2020, publicou uma matéria descrevendo o início de um surto que seria um vírus respiratório, identificado como coronavírus que se originou em Wuhan, China, que se disseminou para outras regiões, incluindo grandes cidades como Pequim, gerando mais de 200 casos confirmados e três mortes. A transmissão entre humanos foi confirmada, levando a grandes preocupações. Além dos casos na China, foram registrados casos no Japão, Tailândia e Coreia do Sul, levando cientistas britânicos a especularem sobre o número real de infectados.

⁷ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 20 mar. 2023.

⁸ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 20 mar. 2023.

⁹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51157487>. Acesso em: 05 abr. 2023.

No Brasil não havia casos suspeitos, mas medidas de precaução estavam sendo tomadas inicialmente em aeroportos. O vírus, denominado como 2019-nCoV, causavam sintomas como febre, tosse e falta de ar, sendo uma nova cepa de coronavírus anteriormente não identificada em humanos. A transmissão parecia ter origem animal, possivelmente de um mercado de alimentos em Wuhan, embora ainda não estivesse claro o caminho inicial de transmissão.

O site *World Health Organization*,¹⁰ *Organização Mundial de Saúde* (OMS), publicou uma primeira matéria sobre o nome do COVID-19. Que foi uma derivação da expressão *Coronavirus Disease 2019* (Doença do Coronavírus 2019, em português). Este nome foi escolhido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para se referir à doença causada pelo vírus SARS-CoV-2. A decisão sobre o nome foi anunciada em 11 de fevereiro de 2020 pelo Diretor-Geral da OMS, Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus.

A OMS desempenha um papel central na preparação e resposta às doenças humanas, sendo responsável por oficializar os nomes das doenças na Classificação Internacional de Doenças (CID). Este processo permite uma comunicação eficaz entre profissionais de saúde, pesquisadores e autoridades de saúde pública para enfrentar desafios de saúde global.

O site jornal carioca *O Globo*¹¹ publicou uma notícia no dia 26 de fevereiro de 2020 sobre o primeiro caso de COVID-19 no Brasil, relacionado com um indivíduo que contraiu a doença após retornar de uma viagem à Itália, país que naquele momento estava enfrentando uma significativa disseminação do coronavírus. Ao apresentar sintomas de desconforto respiratório, ele procurou assistência médica em um hospital, onde recebeu o diagnóstico de COVID-19. Felizmente, sua condição não progrediu para uma forma grave da doença. Entretanto, por medida de precaução, aproximadamente 30 membros de sua família foram submetidos a um período de observação devido ao contato prévio com o paciente infectado.

Posteriormente, uma notícia publicada no dia 11 de março de 2020 no site brasileiro, G1¹², decreta estado de pandemia pelo vírus COVID-19 pela OMS.

¹⁰ Disponível em: [https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-\(covid-2019\)-and-the-virus-that-causes-it](https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-(covid-2019)-and-the-virus-that-causes-it). Acesso em: 05 abr. 2023.

¹¹ Disponível em: <https://epoca.globo.com/coronavirus-chega-ao-brasil-veja-os-principais-fatos-sobre-doenca-1-24275705>. Acesso em: 21 mar. 2023.

¹² Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 21, mar. 2023.

Neste mesmo dia, o prefeito de Porto Alegre Nelson Marchezan Júnior anunciou, numa coletiva de imprensa, o registro do primeiro caso importado do novo coronavírus na capital¹³. O prefeito ressaltou que a paciente agiu corretamente, procurando seu médico ao perceber os sintomas. O médico prontamente notificou a vigilância sanitária, que realizou a coleta da amostra de forma domiciliar, sem permitir que ela circulasse entre um sistema de saúde e outro.

Relembrando o contexto, sabemos que a pandemia ensejou desafios como sobrecarga nos sistemas de saúde, incerteza econômica e mudanças nos padrões de vida, principalmente porque nada se sabia sobre esta doença. As pessoas, de maneira geral, não tinham como imaginar o quanto suas vidas iriam mudar e seriam impactadas pelo vírus.

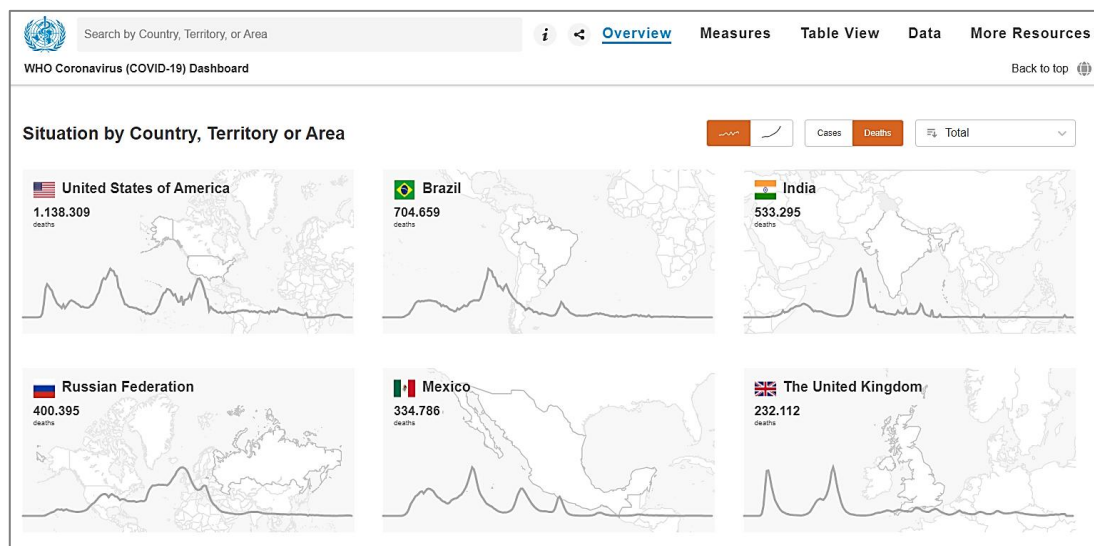
O medo e as incertezas não estavam relacionados somente com a saúde. Conforme Matta et al. (2021), os problemas ocasionados pela pandemia foram também socioeconômicos, políticos, culturais, éticos, científicos. Além disso pode-se dizer que foram extremamente potencializados pelas adversidades causadas pelos comportamentos desiguais entre países, localidades e coletividades.

Pós pandemia, de acordo com informações divulgadas, no mês de abril de 2023 igualmente através de fontes jornalísticas através do *site Coronavírus/Brasil*,¹⁴ que apresenta dados do Sistema Único de Saúde (SUS), a pandemia resultou em mais de 700 mil vítimas fatais no Brasil, totalizando mais de 37 milhões de casos confirmados. No gráfico 1, mostrado a seguir, é possível observar os 6 países com maior número de mortes por COVID-19, sendo o Brasil o segundo colocado.

¹³ Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/sms/noticias/prefeitura-confirma-primeiro-caso-de-coronavirus-na-capital>. Acesso em: 21, mar, 2023.

¹⁴ Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 21, mar., 2023.

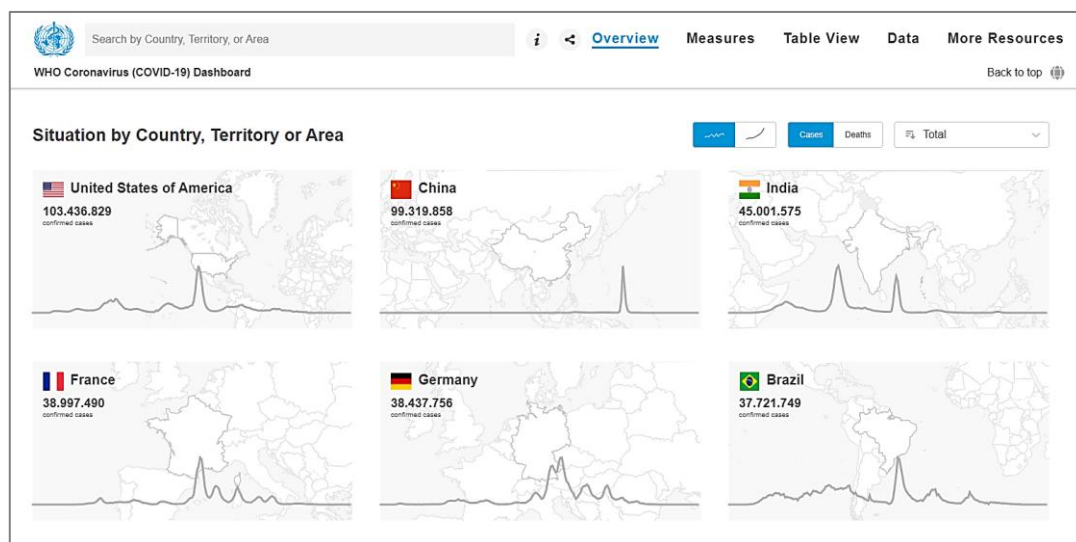
Gráfico 1 – Número de mortes por COVID-19 por país, território ou área



Fonte: <https://covid19.who.int/>¹⁵

No gráfico 2 podemos ver o número de casos confirmados de COVID-19 por país. Entre os países analisados, o Brasil ocupa a sexta posição em termos de casos confirmados.

Gráfico 2 – Número de casos confirmados de COVID-19 por país, território ou área



Fonte: <https://covid19.who.int/>¹⁶

Vale lembrar que Porto Alegre foi o município com o maior número de casos confirmados e de óbitos no estado e o Rio Grande do Sul foi o terceiro

¹⁵ Disponível em: <https://data.who.int/dashboards/covid19/cases?n=c>. Acesso em: 16, mai. 2023.

¹⁶ Disponível em: <https://data.who.int/dashboards/covid19/cases?n=c>. Acesso em: 16 mai. 2023.

estado com maior incidência de COVID-19 no Brasil, oferecendo um contexto relevante para a investigação proposta conforme confirmam as tabelas 1 e 2 mostradas a seguir.

Tabela 1 – Número de casos confirmados por estado no Brasil – TOP 10

Estado	Confirmados	Incidência	Óbitos	Mortalidade /100 mil hab	Letalidade aparente
SP	6768120	14739.2	182316	397.0	2.7
MG	4241090	20034.6	66158	312.5	1.6
RS	3092921	27185.2	42665	375.0	1.4
PR	2983269	26091.3	46793	409.2	1.6
RJ	2896272	16775.5	77799	450.6	2.7
SC	2058455	28730.2	23002	321.0	1.1
GO	1986386	28302.7	28461	405.5	1.4
BA	1825353	12272.9	31891	214.4	1.7
CE	1497233	16395.3	28215	309.0	1.9
ES	1361866	33888.6	15157	377.2	1.1

Fonte: <https://ti.saude.rs.gov.br/covid19/>¹⁷

Tabela 2 – Número de casos confirmados por município do estado do Rio Grande do Sul – TOP 10

Município	Confirmados	Novos Confirmados	Incidência /100 mil hab	Óbitos	Novos Óbitos	Mortalidade /100 mil hab
Porto Alegre	341944	3	23045.6	6772	0	456.4
Caxias do Sul	175257	1	34303.2	1729	0	338.4
Pelotas	116402	3	33995.4	1573	0	459.4
Canoas	106214	5	30643.1	1955	0	564.0
Santa Maria	83773	3	29693.8	1026	0	363.7
Passo Fundo	77929	1	38336.7	837	0	411.8
Rio Grande	61045	5	28930.6	731	0	346.4
Novo Hamburgo	58209	2	23590.5	1140	0	462.0
Santa Cruz do Sul	50854	2	38993.7	418	0	320.5
São Leopoldo	50554	0	21345.7	907	0	383.0

Fonte: <https://ti.saude.rs.gov.br/covid19/>¹⁸

Outro item relevante a ser mencionado é que no Brasil ocorreram três grandes “ondas” em relação ao número de óbitos por dia: a primeira em abril de 2020, permaneceu até meados de outubro; a segunda teve início em dezembro de 2020 e se manteve até aproximadamente junho de 2021 e a terceira começou em janeiro de 2022 e terminou em abril do mesmo ano. Porém, foi durante a

¹⁷ Disponível em: <https://ti.saude.rs.gov.br/covid19/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

¹⁸ Disponível em: <https://ti.saude.rs.gov.br/covid19/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

primeira e segunda “onda” que ocorreram os piores colapsos no sistema de saúde do país em diversos estados.

Gráfico 3 – Média móvel de óbitos no Brasil entre abril de 2020 há outubro de 2022



Fonte: <https://covid19.healthdata.org/> (gráfico adaptado)¹⁹

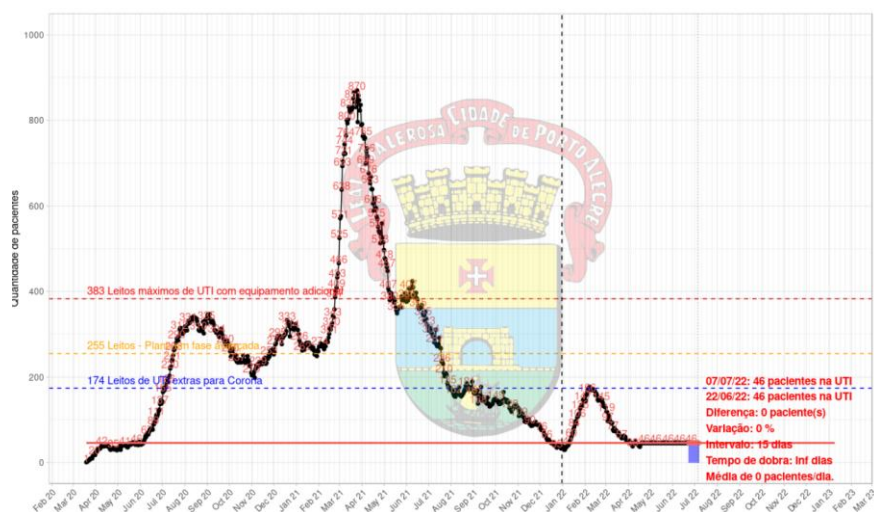
Em Porto Alegre, realizando um comparativo, destacam-se três fases significativas em relação às três grandes ondas que vamos destacar utilizando como referência a demanda por leitos de UTI, evidenciando a importância da cobertura jornalística nesse período. A primeira em julho de 2020, quando houve a necessidade de disponibilizar pelo menos 174 leitos extras para pacientes com COVID-19 na capital. Logo antes de agosto de 2020, uma segunda fase crítica exigiu a alocação de pelo menos 255 leitos extras para pacientes da doença e a terceira fase, entre fevereiro e março de 2021, representou o auge da crise, com a demanda de 870 leitos de UTI, enquanto os hospitais conseguiram disponibilizar apenas 383. Conforme já mencionado neste texto, neste momento chegamos a ter hospitais da cidade de Porto Alegre com 118% de ocupação no Centro de Tratamento Intensivo (CTI), tendo como exemplo o do Hospital de Clínicas.

Deste modo, em Porto Alegre também foi durante a primeira e segunda “onda” que ocorreram os piores colapsos no sistema de saúde. Essa fase crítica, caracterizada pela discrepância entre a demanda e a capacidade de resposta dos hospitais, perdurou até junho de 2021. Esses períodos de escassez de leitos de UTI em Porto Alegre destacam a relevância da cobertura jornalística para

¹⁹ Disponível em: <https://covid19.healthdata.org/brazil?view=cumulative-deaths&tab=trend>. Acesso em: 15 nov. 2023..

informar a população sobre a evolução da pandemia e os desafios enfrentados pelo sistema de saúde local.

Gráfico 4 – Progressão da quantidade de casos de UTI na capital Gaúcha e linha e tempo



Fonte: <https://msrodrigues.shinyapps.io/>²⁰

No contexto jornalístico, um aspecto significativo ocorreu em 22 de março de 2020, quando o decreto Nº 10.288 foi emitido para regulamentar a Lei Nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Este decreto classificou as atividades e os serviços de imprensa como essenciais durante a pandemia de COVID-19 no Brasil²¹. Do ponto de vista do cenário da informação, destaca-se a importância do fluxo contínuo de informações jornalísticas de ordem prática.

Assim, a pandemia trouxe mudanças drásticas para o cotidiano dos brasileiros, e os meios de comunicação passaram a desempenhar um papel crucial ao informar diariamente sobre os protocolos sanitários recomendados pela OMS.

2.2 Estado da arte

Nesta sessão abordaremos ângulos de estudos de trabalhos que discutem a midiaticização jornalística e COVID-19 destacando pesquisas

Disponível em: ²⁰ <https://msrodrigues.shinyapps.io/Corona/> Acesso em: 15 nov. 2023.

²¹ Disponível em:

<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=10288&ano=2020&ato=cd0ETR U1EMZpWT0f7>. Acesso em: 25 mar. 2023.

publicadas no Brasil, bem como teses, como dissertação e artigos da área de comunicação em convergência com a temática do COVID-19 entre os anos de 2020 até 2024.

Para tanto valemo-nos da recuperação dos materiais junto a várias fontes, destacando-se as seguintes: repositório digital da Unisinos; OATD – Teses e dissertações de acesso aberto; BDTD Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; CAPES – Banco de Teses e Dissertações; google escolar; site do CISECO e Compós. Para as buscas, utilizamos as palavras chaves “Jornalismo em períodos de pandemia”. Dentre os 308 resultados encontrados, foram baixados 14 arquivos que possuem relação com o tema desta pesquisa por tratar de assuntos como os desafios dos jornalistas durante a pandemia, processos de trabalho no telejornalismo durante a pandemia, rotinas dos jornalistas durante a pandemia, ameaças vivenciadas pelos jornalistas durante a pandemia, checagem de informações durante a pandemia, credibilidade da notícia durante a pandemia, performance comunicativa dos jornalistas com uso de máscaras, telejornalismo remoto, a influência da pandemia nas práticas e rotinas de um jornalista de rádio, a precarização do trabalho jornalístico durante a pandemia.

Dentre os 14 trabalhos escolhidos, 8 deles são de pós-graduação em comunicação, 3 em jornalismo, 1 em administração, divulgação científica tecnologia e saúde 1 em ciência política 1 em questões me chamaram atenção pelo modo que podem contribuir com a minha investigação.

A análise das dissertações e teses relacionadas ao tema revela diversos aspectos fundamentais que enriqueceram a dissertação, abordando não apenas as dificuldades inerentes à cobertura de uma crise global de saúde, mas também ilustra como os jornalistas se tornaram parte da própria notícia, uma inversão notável do paradigma tradicional onde o repórter é um observador e não um protagonista.

Nesse contexto, a crescente midiaticização, conforme observada por Braga (2012), apresenta na sociedade contemporânea um atravessamento dos campos sociais estabelecidos, gerando situações indeterminadas e experimentações correlatas.

Esse fenômeno é exemplificado de forma clara na dissertação de mestrado de Cardoso (2023), que aborda as dificuldades enfrentadas pelos profissionais de comunicação durante a cobertura de uma crise global de saúde, pois os jornalistas tiveram que se adaptar às mudanças no modo de fazer

jornalismo. Um exemplo significativo é o uso intensificado de tecnologias, o que ampliou as demandas sobre os jornalistas. Estes, além de interagir com o público, passaram a realizar edições e outras tarefas, tanto na redação quanto em campo. A dissertação também destaca a divisão entre o trabalho de rua e o trabalho remoto, a intensificação do ritmo de trabalho e a flexibilização das jornadas como mudanças significativas impostas pela pandemia evidenciando as rupturas e adaptações necessárias nesse processo.

Nesse enquadramento os profissionais de comunicação enfrentaram diversos desafios ao longo da pandemia, incluindo a necessidade de adaptar suas rotinas às medidas sanitárias e de segurança. Araújo (2022) em seu estudo identifica pistas que indicam alterações nas rotinas laborais nas emissoras de TV analisadas, como uma maior participação das fontes na construção da informação e uma realidade de práticas laborais de maiores e mais constantes desafios e tensões para os profissionais jornalistas durante a pandemia, voltadas ao grande número de notícias falsas, sobrecarga de atividades e adaptações nos conteúdos para manter o fluxo produtivo mesmo com os protocolos sanitários de segurança. O estudo de Souza (2023) revela como os jornalistas tiveram que modificar suas abordagens para garantir a segurança pessoal e ao mesmo tempo continuar a cobertura de notícias, especialmente diante dos episódios de agressão sofridos pelos profissionais. Além disso, a pandemia evidenciou a precarização do trabalho jornalístico, com aumento da carga de trabalho e redução de salários, conforme analisado na pesquisa de SILVA (2021).

Fernandes (2021) em seu estudo, constata em suas conclusões forte instabilidade na profissão, crescimento da precarização do fazer jornalístico e desqualificação dos trabalhadores, além do aumento dos sinais de esgotamento entre os jornalistas.

A relação entre os jornalistas e suas audiências sofreu transformações significativas durante a pandemia. A pesquisa de Santos (2023) explora como diferentes audiências, divididas por grupos políticos, percebem a cobertura jornalística do Jornal Nacional. A diversidade de perfis dos participantes foi intencional, abrangendo diferentes idades, estados, sexualidades e atuações profissionais, o que proporcionou uma riqueza de perspectivas sobre o objeto de estudo. Foi evidenciado que mesmo dentro dos mesmos grupos, houve uma diversidade de opiniões sobre a atuação do Jornal Nacional, especialmente em relação ao partidarismo percebido na cobertura jornalística. Esse estudo

demonstra como os meios de comunicação influenciam a forma como as notícias são recebidas e interpretadas, destacando não somente a necessidade de uma comunicação adaptada às sensibilidades e expectativas da audiência, mas também a importância da transparência e da empatia na comunicação com o público.

Além disso, Krhon (2022), em seu estudo intitulado *Negacionismo e desinformação em tempos de pandemia: como a imprensa repercutiu o documento manifesto pela vida*, analisa um manifesto realizado por médicos que promoveu desinformação ao divulgar tratamentos precoces com medicamentos como vitamina D, anticoagulantes e ivermectina, os quais foram posteriormente constatados como ineficazes no tratamento da COVID-19. O estudo de Krhon reforça a necessidade de uma comunicação pública sensível às preocupações da população, especialmente em tempos de crise, pois informações equivocadas divulgadas em veículos de mídia têm impactos significativos nas opiniões e atitudes das pessoas.

Nesta mesma linha de raciocínio, Almeida (2023) e Oliveira (2024), também abordam, em seus estudos, a influência que diferentes posturas e discursos de figuras públicas, divulgados em diversas mídias, exercem sobre as atitudes e comportamentos da população.

Nesse contexto, a midiaticização se revela como um processo fundamental que molda não apenas a produção, mas também a recepção e a circulação das informações. A capacidade dos meios de comunicação de mediar e influenciar o debate público sublinha a importância de estratégias comunicativas que sejam responsivas às dinâmicas sociais e políticas em momentos críticos.

A verificação da veracidade das informações tornou-se uma prioridade durante a pandemia, dada a proliferação de desinformação²². O serviço de checagem *Fato ou Fake* do Grupo Globo foi analisado por Souza (2021) em sua dissertação de mestrado, a qual buscou demonstrar o quanto cientistas e jornalistas tiveram seus trabalhos afetados pela desinformação e o quanto isso gerou alterações nas dinâmicas de eleições ou influenciou opiniões geopolíticas

²² "Os termos 'desinformação' e 'fake news' são frequentemente utilizados como sinônimos, ambos referindo-se a informações que não são baseadas em fatos. Segundo Martinez (2024), a desinformação pode ser vista de duas maneiras: como notícias intencionalmente falsas ou como um conceito mais amplo que inclui qualquer tentativa de informar que não se baseia em fatos. Assim, ambos os termos abrangem a disseminação de conteúdos que, embora pretendam informar, carecem de veracidade."

em períodos de pandemia. Souza (2021) exemplifica as estratégias utilizadas para combater a desinformação durante a pandemia e destaca a importância da autoridade científica na refutação de notícias falsas.

Já Falcão (2023), em sua pesquisa sobre o jornal diário *O Globo*, também aponta a relevância do jornalismo como um “cão de guarda” da sociedade, fundamental na disseminação de informações corretas e na luta contra a desinformação.

Nascimento (2023) também discute as mudanças no jornalismo decorrentes da desinformação, destacando como a pandemia de COVID-19 intensificou essas transformações e tensões.

Vale ressaltar que as redes sociais desempenharam um papel crucial na comunicação durante a pandemia, facilitando a disseminação de informações e a interação entre jornalistas e suas fontes. No estudo de Mascarello da Silva (2021) sobre o uso do Twitter por cientistas e jornalistas é destacado como essas plataformas foram essenciais na construção de pautas e na descoberta de novas fontes, contribuindo para um ecossistema informativo mais dinâmico e conectado. Em contrapartida, a dissertação de Gindri (2023) também aborda o uso de tecnologias por jornalistas durante a realização de entrevistas telejornalísticas, mas traz como resultado de seu estudo a entrevista online, mediada pelas telas, impactou significativamente a qualidade da construção das reportagens televisivas do RBS Notícias. Os problemas de enquadramento, ângulo, iluminação, áudio e nitidez foram frequentes, principalmente no primeiro ano pandêmico. Com o passar do tempo, os entrevistados se mostraram mais preparados para fazer uma boa utilização da tecnologia. Também foi evidenciada a importância do uso das videoconferências como alternativa para manter o telejornalismo funcionando em meio à crise.

Esta sessão sobre o “Estado da Arte” evidencia como a pandemia de COVID-19 acelerou e intensificou transformações no jornalismo, afetando práticas, rotinas e a relação entre jornalistas e suas audiências. As análises de diversas dissertações e teses mostram a complexidade e a amplitude dos desafios enfrentados pelos profissionais de comunicação, desde a adaptação às novas tecnologias até a luta contra a desinformação. A midiatização surge como um processo central, influenciando a produção, recepção e circulação das informações, sublinhando a importância de estratégias comunicativas adaptadas às dinâmicas sociais e políticas em momentos críticos. Este cenário reforça a

necessidade de uma comunicação pública sensível e empática, capaz de responder às preocupações da população e de garantir a veracidade das informações, destacando o papel fundamental do jornalismo em tempos de crise.

Esta pesquisa se diferencia das abordagens anteriores ao investigar os impactos da COVID-19 na rotina dos jornalistas com um foco específico nas mudanças na cultura organizacional das redações. Enquanto outros estudos tratam do tema de forma ampla, este trabalho se aprofunda nas dinâmicas de cooperação entre os profissionais, nas transformações do fluxo de trabalho e nas estratégias adotadas para enfrentar as adversidades impostas pela pandemia. Além disso, explora como a tecnologia se tornou um elemento central na adaptação do jornalismo diante do distanciamento social, influenciando a forma como as redações operaram e os jornalistas conduziram suas coberturas. Um ponto-chave é a análise da midiatização jornalística, entendida como a intensificação do uso de tecnologias digitais, que remodelou não apenas o fazer jornalístico, mas também as relações entre jornalistas, fontes e público durante a pandemia.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo de fundamentação teórica, serão abordadas as dinâmicas da sociedade dos meios e a midiatização jornalística durante a pandemia de COVID-19 no Brasil, explorando como a mídia moldou e foi moldada pelo contexto pandêmico. Em primeiro lugar, discute-se o conceito de midiatização e seu papel na amplificação dos eventos relacionados à pandemia, analisando como os meios de comunicação influenciam e são influenciados pelas práticas sociais. Em seguida, é examinada a circulação de informações durante a crise sanitária, focando na produção de sentidos e na maneira como as narrativas midiáticas impactaram a percepção pública e a resposta social à pandemia.

3.1 Sociedade dos meios e a midiatização jornalística da pandemia no Brasil

A pandemia trouxe consigo a complexidade da midiatização no Brasil, onde as dinâmicas e o funcionamento de práticas jornalísticas desempenharam um papel crucial, “influenciando” a percepção pública através das estratégias da imprensa jornalística e da linguagem dos profissionais do setor.

Para melhor compreensão sobre o tema midiatização, é fundamental esclarecer qual o entendimento sobre este conceito para o nosso estudo.

Para Fausto Neto (2008), a midiatização pode ser compreendida como um processo que se desenvolveu ao longo do tempo nas sociedades industriais, resultado de transformações nos meios de comunicação. Diversos autores, nas últimas décadas, têm se dedicado a estudar como esses meios influenciam e organizam as dinâmicas sociais e simbólicas.

Nesse sentido, Garcia (2024) complementa essa reflexão ao destacar que a complexidade envolvida no conceito de midiatização não se limita às ações das mídias, mas vai além, pois este processo configura uma ambiência construída pela interação de múltiplos fluxos de meios, tanto na produção quanto na recepção, por meio de intensos processos sociotécnicos que se relacionam com as mídias, os atores sociais e suas relações. Deste modo, esse fenômeno destaca a crescente importância das estratégias de mídias na construção de significados sociais.

Veron (2014) ressalta que o início de cada momento crucial de midiatização pode ser identificado, já que consiste em um dispositivo técnico-comunicacional que surgiu e se estabeleceu em comunidades humanas identificáveis, o qual podemos afirmar que foi adotado pela sociedade de alguma forma. O autor enfatiza que, neste contexto, a tecnologia não está necessariamente envolvida; os coletivos podem se apropriar de dispositivos técnicos que possuem a capacidade de assumir diversas formas, institucionalizados em um local e tempo específicos ao redor de um dispositivo de comunicação que nesta configuração são corretamente chamados de meios. Para Fausto Neto (2008), a midiatização é um fenômeno decorrente da evolução dos meios de comunicação que ocorre nas sociedades industriais.

Essa problemática tem sido explorada por diversos autores ao longo das últimas décadas, que destacam como os meios de comunicação se organizam e operam dentro das interações sociais e culturais.

O processo de midiatização não se limita apenas à disseminação de notícias, mas abrange diversos aspectos da vida cotidiana, incluindo entretenimento, política, educação e mais. O conceito de midiatização destaca a interconexão profunda entre a mídia e a sociedade, evidenciando como a comunicação mediada desempenha um papel central na formação de valores, normas e percepções coletivas. Valho-me aqui de autores como Gomes (2016) que propõe que a midiatização configura “um novo modo de ser no mundo”, ou seja, passamos por uma transformação social que altera e adequa as relações entre as pessoas e a sociedade. Sendo assim, é o começo de uma nova etapa que estamos vivendo.

Gostaria aqui de estabelecer uma conexão mais profunda com a reflexão apresentada por Fausto Neto (2011) em seu texto intitulado *Transformações do Jornalismo na Sociedade em Vias de Midiatização*, relacionando-a à atuação dos jornalistas durante a pandemia de COVID-19. O autor discute um momento de transição, em que o jornalismo está passando por uma fase de evolução, movendo-se de uma “sociedade dos meios” para uma “sociedade em midiatização”. Na “sociedade dos meios”, os jornalistas desempenhavam um papel de narradores, relatadores, mantendo-se distantes das notícias em comparação com os dias atuais, onde estes profissionais têm um papel mais proeminente e suas opiniões, experiências, emoções, são mais evidentes.

O autor também ressalta mudanças relacionadas à organização produtiva do jornalista, destacando a importância das relações deste universo profissional com suas fontes e leitores. Essa mudança implicava em adaptações para os jornalistas, que seriam diretamente afetados por suas práticas jornalísticas inovadoras e pelo uso de dispositivos sociotécnicos.

A transição do jornalismo da "sociedade dos meios" para a "sociedade da midiatização" reflete profundas mudanças nas práticas, nas lógicas e nos processos de comunicação na sociedade contemporânea. Na sociedade dos meios, que predominou durante o século XX, os meios de comunicação de massa (como jornais, rádio e televisão) eram os principais difusores de informação. Eles detinham o controle sobre a produção, seleção e distribuição das notícias, moldando a percepção pública por meio de sua comunicação, que tinha uma clara separação entre emissores (os jornalistas) e receptores (a audiência). Nessa perspectiva, é relevante considerar o papel dos meios massivos na construção de sentido para a vida das pessoas. Esses meios atuam como mediadores tanto da recepção quanto da interação dos indivíduos com seu meio ambiente, moldando suas relações com o espaço e o tempo (Gomes, 2016).

Com a chegada da era digital e o desenvolvimento da internet, as dinâmicas de comunicação mudaram drasticamente, e emergiu o conceito de "midiatização". Nessa nova sociedade, o processo de comunicação se torna mais horizontal e descentralizado. Os meios tradicionais perdem o monopólio sobre a circulação da informação, enquanto plataformas digitais e redes sociais criam possibilidades para a produção, compartilhamento e consumo de conteúdo, permitindo que qualquer pessoa possa se tornar emissora de informações.

Essa capacidade de qualquer indivíduo se tornar emissor de informações é potencializada pelo uso cada vez mais sofisticado de tecnologias, que passam a influenciar diretamente a maneira como as pessoas pensam, agem e interagem na sociedade. De acordo com Gomes (2016), essa sofisticação tecnológica não apenas amplia as possibilidades de comunicação, mas também cria um novo ambiente que molda profundamente o comportamento social, caracterizando a sociedade midiatizada.

Essa transição trouxe impactos significativos para o jornalismo. Na sociedade midiatizada, o jornalismo se vê inserido em um ecossistema de

comunicação cada vez mais permeado por lógicas digitais, onde algoritmos e interações instantâneas transformam o modo como a notícia é produzida e consumida. Os jornalistas precisam adaptar suas práticas às novas tecnologias, engajar-se com audiências fragmentadas e atuar em um ambiente competitivo, onde as fronteiras entre jornalismo, entretenimento e informação se tornam menos nítidas.

Ao mesmo tempo, a credibilidade jornalística é constantemente desafiada pela desinformação e pela rápida circulação de informações não verificadas nas redes sociais. Portanto, o papel do jornalista se transforma de transmissor de informações para curador, que valida e contextualiza os fatos em meio a um fluxo contínuo de dados e fontes.

Essa transição reflete a adaptação do jornalismo às novas realidades comunicacionais, em que as tecnologias digitais e a interatividade reconfiguram tanto a relação entre os jornalistas e seu público quanto o papel da mídia na sociedade. Ao comparar esse cenário com a realidade atual e analisar o comportamento dos jornalistas durante a pandemia, torna-se evidente a necessidade de estabelecer conexões significativas com os leitores e as fontes, uma vez que sempre foi uma característica fundamental do trabalho jornalístico. No entanto, durante a pandemia essa necessidade se intensificou ainda mais de forma evidente, pois estes profissionais tornaram-se a principal fonte de informação para o público, investigando e relatando diretamente de locais impactados pela pandemia, como hospitais, postos de saúde, entre outros.

Este cenário midiático trouxe consigo muitos desafios para os jornalistas, que, ao exercerem seu trabalho, enfrentaram situações de risco e tiveram que buscar informações, indicadores e notícias relevantes, mesmo em condições adversas.

De acordo com Fausto Neto (2011), é possível observar que mesmo uma década antes da pandemia, já se notava uma mudança significativa no sentido de que os jornalistas deixavam de ser apenas mediadores entre a notícia e o público para se tornarem “objeto de matérias”, enquanto o público, que antes se colocava como receptor, passava ser também comunicador ativo. No entanto, ao longo dos anos, com o avanço tecnológico e o aumento do engajamento do público na disseminação de notícias, eles têm desempenhado um papel mais participativo na transformação do jornalismo.

No contexto da pandemia, essa participação do público se tornou bastante evidente e desafiadora para os jornalistas, entre outros aspectos, devido ao maior envolvimento da sociedade na disseminação de notícias, o que resultou em um aumento na distribuição de desinformação.

Conforme informações do *site* do *Senado Federal*²³, durante a pandemia ocorreu uma infodemia, definida pelo excesso de informações, marcadas por dados falsos e verdadeiros distribuídos pela própria sociedade de modo geral, incluindo agentes ou instituições públicas; quando entrelaçadas umas nas outras, elas prejudicavam fortemente a distribuição de informações assertivas para a população. Essas informações repassadas descontroladamente e em grande escala, corretas ou incorretas, poderiam tanto salvar vidas quanto contribuir para o aumento do número de casos de pessoas contaminadas e de morte. Deste modo, os jornalistas precisaram permear por este universo e realizar seu trabalho da melhor forma possível com a intensão de trazer informações precisas, rápidas e verdadeiras para o público de forma geral.

Portanto, é importante abordar o tema pandemia e o jornalismo de forma ética, promovendo a compreensão científica, pois esta crise acarretou a geração de uma nova ambiência social a nível mundial. É necessário analisar mais profundamente as dinâmicas dos jornalistas durante a pandemia para compreender melhor como as decisões foram tomadas e quem as influenciou. Por isso, neste trabalho vamos ouvir o que os jornalistas têm a dizer a respeito destas e de outras questões.

Retomando a problemática teórica sobre o conceito de midiatização, devo salientar que terá profunda relação com esta pesquisa, uma vez que se refere ao processo pelo qual a mídia produz e desenvolve afetações sobre o corpo social ao se tornar, por suas operações, forças interpretativas e ao afetar não apenas a forma como as informações são transmitidas, mas também como as pessoas percebem e interagem com o mundo ao seu redor.

3.2 A circulação de informações na pandemia e a produção de sentidos

Durante a pandemia, os jornalistas ao mesmo tempo que lidavam com os desafios inerentes à sua função, muitas vezes precisaram driblar as medidas

²³ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/05/desinformacao-e-fake-news-sao-entrave-no-combate-a-pandemia-aponta-debate>. Acesso em: 11 set. 2023.

sanitárias, principalmente o distanciamento social, em busca pelas notícias. Manter a sociedade informada sobre as medidas de segurança necessárias para combater o vírus, os principais acontecimentos e frequentemente lutar pelos direitos das pessoas tornou-se a essência da atividade destes profissionais.

Neste contexto, vale lembrar dos conceitos de circulação e de produção de sentidos, pois os comunicadores foram afetados pela pandemia de diversas formas, o que nos instiga a pensar nas afetações que foram geradas, em termos de sentidos, pelas estratégias midiáticas.

Rosa (2022) reflete sobre o processo de mediatização atual que, conforme a autora, ocorre de forma gradual e contínua, nos inserindo em um “presente” onde a mediatização está diretamente interligada com a dimensão maquínica da vida. Simples tarefas como por exemplo, um embarque no aeroporto, pagamentos bancários pelo celular, solicitação de um Uber, dentre outras diversas situações que ocorrem no nosso dia a dia, nos fazem sentir tão acostumados que sequer percebemos seus atravessamentos e como lidamos com eles, com o outro, com o tempo, com os sentidos em circulação.

Deste modo, com o passar do tempo, tornou-se cada vez mais evidente que nossos sentidos são afetados de formas diferentes e que produzem efeitos e reações distintas em cada pessoa, muitas vezes sem nem percebermos essas dinâmicas acontecendo diante de nossos olhos.

Durante a pandemia, o jornalismo fez circular histórias humanas, evidenciando desafios enfrentados por profissionais de saúde, impactos econômicos e iniciativas de solidariedade, ampliando a compreensão do impacto da crise nas vidas cotidianas e produzindo diferentes sentidos tanto no público de modo geral quanto nos profissionais da área. Nesse cenário desafiador, os profissionais de comunicação se viram diante de uma dualidade: atualizar-se sobre as notícias enquanto se adaptavam às medidas sanitárias e aos efeitos do isolamento social que também os afetavam. A exposição diária a notícias tristes, perdas de colegas, risco de contágio e incertezas teve um impacto significativo nesses profissionais, cujo sacrifício em prol da sociedade se reflete no número de jornalistas mortos pela COVID-19 no Brasil.

Essa experiência ressalta a importância de refletirmos sobre a circulação de informação durante a pandemia e a produção de sentidos geradas nos profissionais deste ramo que buscaram incansavelmente meios de se relacionar com suas audiências.

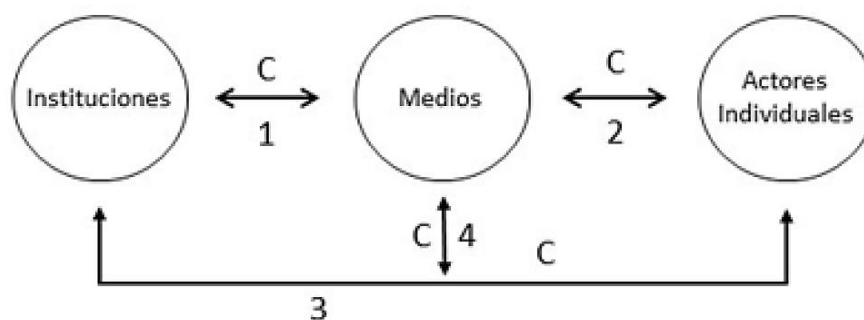
Independente da pandemia, para informação chegar no telejornal, no rádio, dentre outros, o jornalista precisa ir a campo para realizar entrevistas, buscar imagens, informações que ainda não foram divulgadas, ou seja, precisa produzir produtos a fim de que possa interagir com seu público. Porém, na pandemia conforme Heberlê (2021) foi adicionado à esta função um mundo completamente caótico, no qual o jornalismo, além de informar sobre os perigos do vírus, precisou também destacar comportamentos importantes da sociedade com a finalidade de conter sua propagação. Enfrentaram pressões políticas, comerciais, científicas, culturais, religiosas e foram obrigados a avaliar cuidadosamente as informações que recebiam antes de tomar uma posição, pois estava em suas mãos o papel de editar, cortar, destacar ou ocultar informações nos noticiários.

Além disso, Heberlê (2021, p.31) destaca que “as novas mídias agora “sociais” abrem espaço para a apresentação de conteúdos por qualquer pessoa que tenha à disposição um aparelho receptor e ao mesmo tempo transmissor de um para um ou para muitos”. Consequentemente, esta situação complicou em parte o trabalho do jornalismo, uma vez que foi necessário agregar às suas demandas obrigações complementares de análise crítica das informações, visando evitar a propagação de notícias falsas.

Neste contexto, pode-se dizer que ocorreram mutações nas condições de circulação de sentidos durante a pandemia, afetando tanto a vida pessoal quanto profissional dos jornalistas. Ao centralizar o jornalismo como fonte de informação entre meios de comunicação, audiências e instituições é válido realizar um comparativo com a perspectiva de Eliseo Verón em relação à complexidade da midiatização.

Conforme Fausto Neto (2018, p.12) Eliseo Verón “propõe que uma das características da midiatização é o fato da sua dinâmica não contemplar processos lineares de causa e efeito, nas relações dos seus componentes”. O autor destaca que dentro destes circuitos ocorrem feedbacks imprevisíveis, que são destacados pelas flechas duplas no desenho a seguir (gráfico 5), demonstrando que instituições, meios e atores individuais estão conectados e interligados gerando afetações entre eles, bem como impactos cujos efeitos não são sabidos previamente.

Gráfico 5: Complexidade da midiatização



Fonte: Baseado no modelo gráfico de Eliseo Verón (1997).

O gráfico demonstra a dinâmica dos fluxos de informação entre instituições, meios de comunicação e receptores, destacando a complexidade desse processo dentro do contexto da midiatização. Os fluxos entre instituições, meios e receptores fluem entre diferentes entidades: instituições (como governos, empresas, etc.), meios de comunicação (TV, rádio, internet) e receptores (o público em geral) e cada entidade tem um papel específico nesse processo. As instituições, juntamente com os jornalistas, produzem acontecimentos e esses são então veiculados pelos meios de comunicação. Os meios de comunicação oferecem esses acontecimentos aos atores individuais, ou seja, ao público. Os atores individuais reagem aos acontecimentos, criando um *feedback* que retorna aos meios de comunicação. Os meios, por sua vez, repercutem essas reações de volta para as instituições.

A complexidade reside na macro transação, ou seja, na interação ampla e contínua entre instituições, meios e atores sociais, pois a produção de acontecimentos não é um processo isolado, mas resultado de múltiplas interações e *feedbacks* entre essas entidades. A midiatização refere-se a essa complexa rede de interações e trocas de informações. O gráfico sugere que, mesmo ao considerar esses fluxos, ainda existem vestígios da "sociedade dos meios", um conceito que descreve uma época em que os meios de comunicação tinham um papel central e quase exclusivo na mediação da realidade.

Em resumo, o gráfico explica como a produção de eventos e a disseminação de informações são processos dinâmicos e interativos, envolvendo instituições, meios de comunicação e o público, e destaca a complexidade dessa rede de interações na era da midiatização.

Já na pandemia, a midiatização produz interferências na forma de transmitir, emitir, circular e receber informações que afetaram este processo como um todo. Compreendemos que depois dos profissionais da área da saúde, os profissionais do jornalismo foram os que mais ficaram expostos ao risco de contato com o vírus COVID-19, devido à necessidade constante de aproximação com pessoas contaminadas ou de aglomerações na sua rotina de trabalho. Os jornalistas foram os principais agentes de informações, e “são com essas materialidades: a versão dos fatos e a busca da verdade sobre os conteúdos, que o jornalista trabalha no dia a dia” conforme assinala Heberlê (2021, p.28).

Proponho-me aqui a trazer uma releitura do esquema proposto por Verón onde a proposta busca dinamizar o esquema de fluxos de informação entre instituições, meios de comunicação e receptores, aplicando-o ao contexto específico de uma pandemia. Neste cenário, os jornalistas assumem um papel central e atuam como uma instância crucial no processo de midiatização, com vínculos distintos com instituições, meios e receptores. Os jornalistas, neste contexto, não apenas relataram eventos, mas também atuaram como intermediários essenciais entre instituições (como governos e organizações de saúde), meios de comunicação e o público.

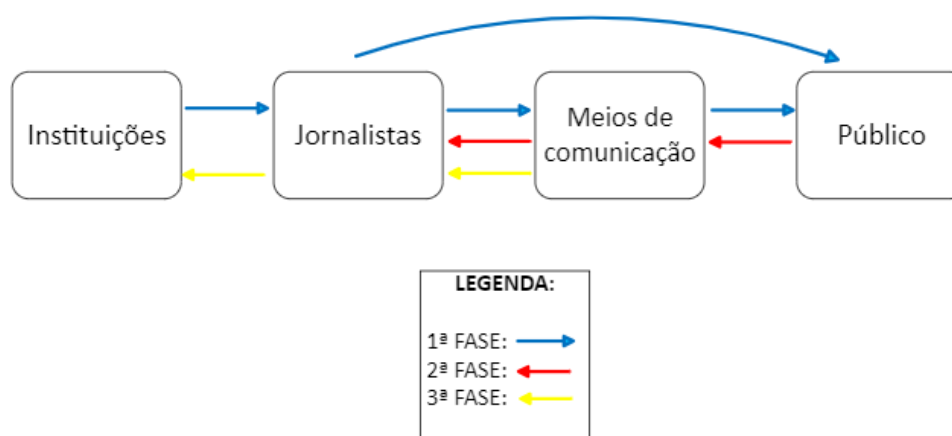
Durante a pandemia, os jornalistas mantiveram um relacionamento estreito e contínuo com instituições como ministérios da saúde e órgãos governamentais, que forneciam dados e orientações vitais que os jornalistas interpretavam e disseminavam. A credibilidade e a confiança nas informações fornecidas por essas instituições eram fundamentais, e os jornalistas desempenharam um papel crítico na verificação e interpretação dessas informações para o público.

Os jornalistas, ao obterem informações das instituições, utilizavam diversos meios de comunicação (televisão, rádio, internet) para distribuir essas informações de maneira eficiente e abrangente. A escolha do meio e a forma de apresentação das notícias foram cruciais para garantir que a mensagem chegasse ao público de maneira clara e compreensível.

O público, em busca de informações confiáveis e atualizadas, reagia ao conteúdo divulgado pelos jornalistas, gerando *feedbacks* que retornavam aos meios de comunicação. Esse feedback ajudava a moldar a cobertura jornalística, destacando as preocupações e necessidades do público e ajustando a narrativa conforme necessário.

No esquema original de Verón, os fluxos de informação entre instituições, meios e receptores são interativos e contínuos. Durante a pandemia, essa dinâmica tornou-se ainda mais complexa e vital. A proposta, que pode ser vista no desenho a seguir (gráfico 6), é destacar o jornalista como um ator central nessa rede de interações.

Gráfico 6: Complexidade da midiatização jornalística durante a pandemia



Fonte: Elaborado pela autora.

Este fluxo demonstra primeiramente que as instituições fornecem dados, estatísticas e diretrizes diretamente aos jornalistas. Estes, por sua vez, utilizam os meios de comunicação tradicionais, como noticiários de TV, artigos *online* e rádio, para disseminar informações verificadas e interpretadas, adaptando a mensagem conforme o canal utilizado. Além disso, com o avanço das plataformas digitais, muitos jornalistas passaram a usar seus próprios espaços nas redes sociais para fornecer informações diretamente ao público, estabelecendo uma conexão mais direta e pessoal com os atores sociais.

O público, ao receber essa informação tanto pelos meios tradicionais quanto pelos novos canais digitais, responde com *feedbacks*, incluindo comentários, dúvidas e necessidades específicas. No fluxo inverso, o público também fornece *feedbacks* que retornam aos meios de comunicação e aos jornalistas, influenciando a continuidade da cobertura e a abordagem das notícias. Esse *feedback* pode ainda impactar as instituições, que ajustam suas

comunicações e políticas conforme as respostas do público, mediadas pelos jornalistas.

Este esquema dinamizado busca ressaltar a importância dos jornalistas como mediadores entre instituições, meios de comunicação, público e como produtores de conteúdo autônomo, especialmente durante a pandemia, quando muitos romperam com o modelo exclusivo de mediação pelos grandes meios e exploraram novas formas de comunicação. A centralidade dos jornalistas no processo de midiaticização e sua capacidade de transitar entre diferentes plataformas refletem a complexidade e a transformação das práticas jornalísticas, que passaram a integrar tanto as instituições midiáticas clássicas quanto os novos espaços digitais.

Essa mudança de dinâmica reforça a importância dos jornalistas como agentes fundamentais na construção do fluxo informacional durante crises, respondendo às necessidades sociais de maneira mais rápida e direta.

Conforme já dissemos, nesta pesquisa buscamos destacar a voz dos jornalistas como sujeitos que, durante a pandemia, não apenas transmitiam mensagens para o público e as instituições, mas também, como receptores, eram afetados pelas informações que recebiam; conforme Heberle (2021), enquanto receptores desempenhavam um papel fundamental ao abrir espaço para a produção e circulação de sentidos.

As audiências dos jornalistas, ou seja, o público de modo geral transmitia informações de dentro de vários ambientes, utilizando dispositivos como telefones móveis e computadores, o que lhes proporcionava segurança. No entanto, ao contrário da maioria das pessoas, os jornalistas não estavam isolados dos impactos da pandemia, uma vez que eram afetados tanto pelas notícias que reportavam, quanto pelas experiências diárias que testemunhavam.

O Jornalista Marcelo Freitas, em seu livro intitulado *Nós também estivemos na linha de frente – As histórias do jornalismo na pandemia*, publicado em julho de 2022, enfatiza a essência do trabalho do jornalismo, destacando que é uma profissão que relata o que acontece no mundo. Independentemente de serem grandes ou pequenos acontecimentos, notícias boas ou tristes, é o jornalista que dá voz a quem não tem voz, ouve e dá vida a opinião das pessoas, vai a locais aonde nem todos vão, compartilha com as pessoas suas tristezas, comemorações e tragédias.

O livro do jornalista Marcelo Freitas foi importante para esta pesquisa porque ele enxerga o jornalista, colocando-o como protagonista e observando questões como o medo que precisaram enfrentar ao ir para entrevistas coletivas ou para hospitais correndo o risco de se contaminarem, ameaças que sofreram, aborda como as redações se organizaram para disponibilizar as notícias da noite para o dia, o trabalho em *home office* e seus diversos desafios e o fato de às vezes precisarem dar notícias que não gostariam de dar. Este livro nos traz um pouco de tudo isso, tendo como foco as rotinas vivenciadas pelo jornalista. Foram realizadas pelo menos 63 entrevistas com editores e repórteres de dezenas de veículos de informação do Brasil, com assessores de imprensa e com profissionais da área da saúde que contribuíram ativamente para que as informações corretas chegassem aos leitores, ouvintes e telespectadores.

A partir da página 50 do livro, são colocados em destaque jornalistas que decidiram se colocar na linha de frente para realizar entrevistas, indo a hospitais e visitando CTIs. Quero destacar o relato de Ana Lúcia Azevedo, repórter especial de *O Globo*, que iniciou a cobertura jornalística dentro dos hospitais no final de abril de 2020, pois foi o momento em que houve a liberação para os profissionais da imprensa para acessarem estes locais, pois já sabiam os procedimentos corretos a serem adotados. Ela cobriu o atendimento às vítimas que estavam no hospital municipal Ronaldo Gazzola, em Acari, no Rio de Janeiro. Para a repórter, existiram duas grandes razões para realização da cobertura jornalista dentro dos hospitais: primeiro, para as autoridades compreenderem que a imprensa era uma aliada no controle e combate à doença e, segundo, porque aumentou a conscientização das pessoas de que estar num hospital para tratar a doença era algo ruim, por isso seria fundamental cuidar-se seguindo todas as recomendações da Anvisa. A jornalista relata que entrevistou muitas pessoas doentes e que elas, em sua maioria, “queriam compartilhar a angústia, o medo ou então a felicidade, porque estavam melhorando” (p.51).

O repórter Artur Rodrigues, da “Folha de São Paulo”, que também optou pelo trabalho nas ruas e hospitais, trouxe um relato muito interessante sobre a cobertura que realizou no hospital de campanha montado pela prefeitura de São Paulo no estádio do Pacaembu, o qual chamou a minha atenção. Ele relata que percebeu que, mesmo naquele cenário de guerra, “lá havia um sentimento meio de missão, meio de solidariedade, que era bonito de ver” (p.52). Em contrapartida, relata que presenciou uma cena muito triste, quando um fotógrafo

que o acompanhava teve uma crise de choro após a morte de um paciente em específico.

Portanto, é inegável que os jornalistas passaram por muitos altos e baixos na cobertura da pandemia, e neste estudo temos como objetivo escutar e refletir sobre a perspectiva dos profissionais de comunicação. Não apenas para contar a história deles, mas sim porque buscamos compreender melhor suas vivências e experiências.

4 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

No presente capítulo são trabalhados os procedimentos adotados para abordar a análise do objeto de estudo desta pesquisa. Nele são refletidas as decisões e opções realizadas para construir a pesquisa, explicitados e fundamentados os procedimentos adotados e a forma como foram realizados.

De acordo com Weschenfelder (2021), a realização de uma dissertação ou tese requer uma reflexão metodológica abrangente, abordando diversos componentes, tais como a construção da coerência entre os observáveis (no caso desta pesquisa, os profissionais da mídia jornalística) e os objetivos estabelecidos, a seleção e organização dos dados e evidências, as decisões interpretativas e a retroalimentação dos resultados em relação à reflexão teórica empreendida. A autora ressalta que não há uma fórmula prescritiva de passos a serem seguidos, mas destaca alguns aspectos que devem ser considerados, particularmente relacionados ao processo de tomada de decisões do pesquisador, à construção da pesquisa ao longo de sua trajetória e, por fim, à coerência mantida pelo pesquisador em relação aos seus resultados. A construção do caminho que conduz à nossa questão central leva em consideração diversos elementos presentes no cenário jornalístico durante a pandemia por COVID-19.

A metodologia desta pesquisa abrange a análise documental de um *corpus* de notícias e a realização de entrevistas com jornalistas. Conforme Martino (2018), a análise documental permite examinar teorias ou conceitos de diversos autores, explorando novas interpretações, discutindo sua validade e identificando problemas, com o objetivo de aprofundar a compreensão da realidade. No que tange às entrevistas, Martino destaca que, embora sejam amplamente utilizadas para a obtenção de dados e informações, é fundamental conduzi-las com rigor metodológico para que a aparente simplicidade do método não comprometa a qualidade dos dados coletados. Os objetivos, fundamentos e processos de implementação desses procedimentos metodológicos são detalhados a seguir.

4.1 Pesquisa documental

Esta etapa da pesquisa tem como objetivo mapear aspectos da cobertura jornalística relacionada à pandemia de COVID-19, com foco em identificar as mudanças e os desafios enfrentados pelos profissionais de comunicação em suas práticas ao longo desse período. Pretende-se compreender como os jornalistas relataram, por meio de textos e imagens, as transformações em suas rotinas e os obstáculos encontrados durante a crise sanitária.

Para alcançar esses objetivos, optou-se pela análise documental, uma abordagem metodológica que, conforme Martino (2018), consiste no exame de materiais escritos, visuais ou audiovisuais que contenham informações pertinentes ao problema de pesquisa. Essa técnica permite ao pesquisador identificar padrões, tendências e *insights* capazes de ampliar a compreensão do tema investigado.

Nesta análise documental, foram selecionados diversos tipos de documentos, incluindo matérias jornalísticas, reportagens, artigos acadêmicos, livros e outros materiais produzidos a partir de 2020, início da pandemia. A coleta dos dados foi realizada em *sites* de veículos de comunicação, portais especializados e outras fontes disponíveis na internet, adotando um caráter exploratório. Este método permitiu que os materiais selecionados indicassem novos conteúdos relevantes, formando um conjunto mais amplo e interconectado de informações.

O propósito central dessa análise é investigar como os relatos jornalísticos refletem as mudanças nas práticas profissionais e os desafios enfrentados pelos jornalistas durante a pandemia. Além disso, a pesquisa busca identificar as estratégias de adaptação utilizadas e os impactos que a crise sanitária teve nas rotinas desses profissionais. Essa etapa fornece um olhar mais abrangente sobre o fenômeno estudado, permitindo correlacionar os dados coletados com os depoimentos obtidos nas entrevistas qualitativas realizadas na pesquisa.

Na tabela 3 são detalhados os materiais que compuseram o *corpus* de análise dessa etapa da pesquisa.

Tabela 3 – *Corpus* de materiais analisados na pesquisa documental

Fonte	Autoria (jornalista)	Título da matéria
Site Uol	Carlos Madeiro Colaboração para o UOL, em Maceió	Com covid-19, maio se torna o mês com mais mortes na história do Brasil
Site do Poder 360	editores Tiago Mali, Paulo Silva Pinto e o redator Paulo Motoryn	88% dos intubados com covid em fevereiro morreram no Brasil
Site Exame	jornalista Diego Vara (Agência Brasil)	as vítimas da COVID-19 e a falta de eficiência no Brasil
Site BBC News Brasil em Londres	Juliana Gragnani	fila única por leitos de UTI? As propostas para fechar conta de desigualdade entre SUS e planos de saúde
Site G1	Fábio Manzano e Camila Rodrigues da Silva	mortes na fila por um leito de UTI, falta de insumos e funerárias sem férias: os sinais do colapso na saúde brasileira
Site CNN em São Paulo	Paloma Souza e Murillo Ferrari	17 estados e o DF estão em colapso na saúde; MT, MS, RS e RO não têm mais leitos
Site UFRGS	Jornal da universidade	médicos alertam para situação dramática dos hospitais de Porto Alegre
Site G1	G1 Amazonas	crise do oxigênio: um mês após colapso em hospitais, Manaus ainda depende de doações do insumo
Site Abraji	Caê Vatiery, Paula Beatriz Neiva e Bruna Lima	Um ano depois da pandemia, jornalistas relatam desafios e danos à saúde mental
Site Fiocruz	Danielle Monteiro	10 fake news que você precisa conhecer sobre a Covid-19
Livro	Siqueira e Monteiro (2020)	O Jornalismo em Tempos de Pandemia

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2 Entrevistas com jornalistas

A entrevista foi escolhida como método de pesquisa nesta dissertação com o objetivo de captar, de maneira detalhada e contextualizada, as transformações vivenciadas pelos jornalistas durante a pandemia de COVID-19. Esse método se alinha diretamente ao objetivo geral desta pesquisa, que busca investigar as alterações nas práticas jornalísticas no contexto da pandemia,

explorando o impacto das tecnologias, mudanças nas redações e nas relações entre jornalistas, fontes e o público. Além disso, está em consonância com os objetivos específicos que orientam esta investigação, tais como compreender o impacto da migração para o trabalho remoto, explorar adaptações profissionais e pessoais dos jornalistas, analisar o uso de plataformas digitais e refletir sobre o papel dos profissionais de comunicação na mediação de informações sobre a pandemia.

Para alcançar esses objetivos, optou-se por realizar entrevistas com jornalistas atuantes na região metropolitana de Porto Alegre. A escolha dessa localização reflete tanto o interesse de pesquisa da autora, residente na capital gaúcha, quanto a relevância da região no contexto da cobertura jornalística local e estadual. Assim, a amostra foi composta por profissionais de Porto Alegre.

De acordo com Martino (2018), a entrevista é um método amplamente utilizado em estudos que buscam explorar as percepções, experiências e vivências individuais de maneira aprofundada. Esse método é valorizado por permitir que os entrevistados expressem suas opiniões de forma livre e detalhada, revelando nuances e aspectos subjetivos que outros instrumentos de coleta de dados dificilmente alcançariam. No contexto desta pesquisa, a escolha da entrevista como método foi especialmente pertinente, uma vez que possibilitou captar as experiências únicas de jornalistas em relação às mudanças nas práticas profissionais durante a pandemia.

A entrevista foi essencial para compreender como os jornalistas lidaram com questões como a migração para o trabalho remoto e a digitalização, transformações que impactaram profundamente o fluxo de trabalho e a cooperação nas redações. Além disso, esse método possibilitou explorar as adaptações pessoais e profissionais adotadas em um ambiente marcado por risco e incerteza, revelando como essas estratégias influenciaram a cobertura jornalística. Por meio das entrevistas, foi possível acessar relatos sobre o uso de plataformas digitais e outras ferramentas tecnológicas como soluções para os desafios impostos pelo distanciamento social. Ademais, os depoimentos permitiram refletir sobre a responsabilidade assumida pelos jornalistas ao mediar informações sensíveis para o público em um momento de crise global.

A abordagem qualitativa adotada nesta pesquisa, conforme destaca Martino (2018), valoriza a exploração de ideias, sentimentos e razões individuais. Essa perspectiva é essencial em um contexto como o da pandemia, marcado

por experiências diversas e dinâmicas. O foco aqui não está na quantidade de entrevistados, mas na profundidade e riqueza de suas vivências, que oferecem elementos para a compreensão das mudanças ocorridas no ambiente jornalístico.

Para a coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada, um formato que, segundo Martino (2018), combina um roteiro prévio de perguntas com flexibilidade suficiente para que o entrevistado traga elementos novos ao diálogo. Embora o pesquisador mantenha o foco no tema central, essa abordagem permite que questões inesperadas, mas relevantes, sejam incorporadas, enriquecendo a análise. Esse formato foi especialmente adequado para esta pesquisa, pois possibilitou captar tanto os aspectos objetivos quanto os subjetivos das experiências dos jornalistas durante a pandemia, garantindo que os objetivos gerais e específicos fossem plenamente atendidos.

A entrevista, intitulada *Vivências, percepções e práticas jornalísticas durante a pandemia de COVID-19*, foi norteada por um roteiro estruturado em três blocos, abordando dimensões cruciais para esta investigação. Cada bloco visou explorar aspectos específicos relacionados às experiências pessoais e profissionais dos jornalistas no contexto da pandemia.

No primeiro bloco, intitulado *Perfil do entrevistado e vivências pessoais em relação à COVID-19*, o objetivo era coletar informações básicas sobre o entrevistado, como sua função na área de comunicação durante a pandemia, o local de trabalho, além de dados como idade e gênero. Essas informações fornecem um panorama geral sobre o perfil do participante, contextualizando sua experiência no período analisado.

O segundo bloco, intitulado *Vivências e percepções pessoais em relação à COVID-19*, foi desenvolvido para compreender o impacto direto da pandemia na vida dos entrevistados. Esse segmento abordou aspectos como a experiência de contrair COVID-19, incluindo o momento em que isso ocorreu em relação à vacinação e as implicações dessa vivência. Também considerou as possíveis perdas pessoais enfrentadas pelos jornalistas, seja de familiares, amigos ou colegas de trabalho, analisando como esses eventos influenciaram seu bem-estar emocional e sua atuação profissional. Além disso, foram exploradas as percepções sobre o fato de o Brasil liderar o *ranking* mundial de mortes de profissionais de comunicação por COVID-19, investigando as repercussões dessa informação na vida e no trabalho dos entrevistados.

Por fim, no terceiro bloco, intitulado *Práticas jornalísticas*, o objetivo era entender como os jornalistas adaptaram suas rotinas e enfrentaram os desafios impostos pela pandemia. Este bloco explorou se o profissional precisou sair às ruas para trabalhar, com que frequência, e em que condições (como o uso de máscaras e presença de aglomerações). Indagou se essa decisão foi espontânea ou influenciada por pressões da liderança, investigando as motivações e sentimentos envolvidos, como o senso de dever social. Também foram levantados desafios específicos enfrentados no exercício da profissão, como a adaptação às medidas sanitárias, a relação com as audiências, e o uso de tecnologias para superar limitações. Além disso, o roteiro abordou questões relacionadas à verificação de informações para evitar a disseminação de *fake news*, eventuais ameaças ou insultos sofridos devido ao trabalho jornalístico, e mudanças na carreira causadas pela pandemia, como afastamento, tratamento psicológico ou transições de função. O roteiro completo pode ser visto no apêndice A.

Em relação à escolha dos jornalistas participantes, elegi compor uma amostra condizente à natureza qualitativa da pesquisa. Uma amostragem de natureza qualitativa é composta por um pequeno número de elementos, mas valorizando a riqueza qualitativa presente nas falas dos participantes. Neste caso, a amostra foi inicialmente pensada para ser composta por no mínimo 5 e no máximo 10 jornalistas que atuam na cidade de Porto Alegre ou na região metropolitana e que exerceram suas funções durante a pandemia.

A diversidade entre os participantes era um critério importante para garantir múltiplas perspectivas sobre o tema. Assim, foi considerada a variedade nas funções desempenhadas pelos jornalistas, incluindo aqueles que trabalharam em *home office* e outros que precisaram atuar presencialmente, como nas ruas. Além disso, buscou-se incluir profissionais de diferentes meios de comunicação, como rádio, televisão e outras plataformas, evitando que a amostra fosse homogênea em termos de experiências e contextos profissionais.

Um dos desafios encontrados foi estabelecer contato com jornalistas disponíveis para participar das entrevistas, especialmente porque, vindo da área da administração, eu não possuía uma rede de contatos consolidada entre profissionais da comunicação que atuaram durante a pandemia. Embora tivesse conexões no meio acadêmico, elas não incluíam jornalistas diretamente envolvidos em veículos como rádio e televisão. Para superar essa barreira,

recorri à minha rede acadêmica em busca de indicações de profissionais atuantes nessas áreas. Esse esforço resultou em contatos com diversos jornalistas até que, com persistência e dedicação, consegui reunir nove participantes dispostos a contribuir para a pesquisa.

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa, planejei realizar as entrevistas com os nove profissionais. No entanto, esse número teve que ser revisto devido às enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em maio de 2024. As enchentes não apenas afetaram diretamente alguns dos jornalistas, mas também resultaram em uma demanda extraordinária por cobertura jornalística dos eventos, o que impossibilitou a participação de quatro dos entrevistados. Esses profissionais estavam sobrecarregados com a necessidade de cobrir os desdobramentos das enchentes ou foram impactados pessoalmente pelo desastre climático, inviabilizando a realização das entrevistas no período previsto, quando deveria ser realizada a coleta de dados. Diante da proximidade dos prazos para a entrega do texto final da pesquisa, não foi possível adiar as entrevistas, o que levou à necessidade de encerrar o processo com o número reduzido de participantes. Desse modo, o perfil da amostra final da pesquisa foi composta por 5 profissionais, que aqui serão referidos por pseudônimos para garantir a confidencialidade dos dados obtidos. Informações relativas à função e trabalho exercido por estes profissionais durante a pandemia podem ser vistas na Tabela 3.

Tabela 4 – Jornalistas entrevistados, função e local de trabalho durante a pandemia

Pseudônimos	Idade	Função	Local de trabalho
Bruno	59	Professor	Universidade
Cláudia	48	Assessora de Imprensa	Hospital
Fabiana	31	Repórter	Rádio
Jéssica	51	Repórter	TV
Laura	47	Repórter	TV

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações concedidas pelos entrevistados

As entrevistas realizadas tiveram duração média de uma hora, resultando em um material qualitativo interessante para a análise. Na fase de coleta, um desafio por mim enfrentado foi conduzir as entrevistas com os jornalistas, uma área que, apesar de estar fora do meu campo de formação, proporcionou uma experiência enriquecedora. Foi necessário não apenas adaptar meu

conhecimento à realidade jornalística, mas também construir uma relação de confiança com os entrevistados, o que se mostrou muito gratificante, já que todos me receberam com muita disponibilidade e abertura.

As entrevistas foram realizadas de forma remota, o que demandou flexibilidade no uso de diferentes plataformas, como Teams, Zoom e até chamadas de vídeo pelo WhatsApp, conforme as preferências de cada participante. As entrevistas de Bruno e Cláudia foram realizadas e gravadas através do teams. Com Laura, o processo foi um pouco diferente, pois nossa interação aconteceu pelo WhatsApp. Enviei as perguntas para ela, e ela me retornou com um arquivo contendo todas as respostas. Laura foi bastante detalhista em suas contribuições, enriquecendo significativamente a pesquisa.

Um caso interessante foi o da jornalista Fabiana que, mesmo com uma bebê de sete meses, encontrou tempo para contribuir com minha pesquisa. No caso dela, as perguntas foram respondidas por meio de áudios no WhatsApp, o que nos permitiu manter um diálogo contínuo e dinâmico.

No entanto, enfrentei um desafio técnico durante a entrevista com Jéssica. Estávamos conversando por chamada no WhatsApp enquanto eu realizava a gravação pelo Teams, mas uma interrupção no serviço de internet no meu bairro, causada pelas enchentes que afetaram o Rio Grande do Sul, resultou na perda de parte da gravação. Para contornar esse problema, imediatamente após a entrevista, transcrevi tudo o que conseguia lembrar, enquanto as informações ainda estavam frescas na memória, a fim de minimizar as perdas de conteúdo.

Esses desafios destacaram a importância da adaptação e da resiliência ao longo do processo de pesquisa, reforçando o papel da criatividade na superação de adversidades.

No próximo capítulo, são examinadas informações disponíveis em *sítes*, artigos e livros, com o objetivo de lançar luz sobre as experiências dos jornalistas durante a pandemia e as adaptações que tiveram que implementar para continuar desempenhando suas funções em um cenário de crise. Esta análise preliminar será fundamental para compreendermos o que já foi abordado sobre o tema por esses profissionais, antes de realizarmos a análise das entrevistas conduzidas com jornalistas do contexto de Porto Alegre.

5 A COBERTURA DA COVID-19 E A EXPERIÊNCIA DOS JORNALISTAS

Neste capítulo, examino a cobertura jornalística da COVID-19, destacando os aspectos fundamentais e as transformações ocorridas nas práticas dos profissionais de imprensa durante a pandemia. Em um primeiro momento, realizo um mapeamento dos principais elementos que caracterizaram a cobertura realizada por jornalistas sobre a COVID-19, identificando tendências, enfoques e desafios enfrentados na transmissão de informações ao público. Posteriormente, apresento relatos e análises sobre as mudanças nas práticas jornalísticas e os obstáculos que os profissionais encontraram ao reportar sobre a pandemia, evidenciando como esses fatores influenciaram o exercício do jornalismo em um contexto de crise sanitária global.

5.1 A COVID-19 noticiada por jornalistas

Neste contexto desafiador da pandemia, a cobertura jornalística desempenhou um papel vital ao fornecer informações para o público. Para ilustrar a importância crucial da cobertura jornalística, apresentamos a seguir um conjunto de notícias e de imagens onde se destaca o impacto humano, social e global da pandemia da COVID-19.

Começo com a notícia do jornalista Carlos Madeiro, intitulada *com covid-19, maio se torna o mês com mais mortes na história do Brasil* destaca uma estatística alarmante²⁴, que foi o triste marco de maio de 2020 como o mês com o maior número de mortes registradas na história do país. Segundo notícias, até o dia 25 do respectivo mês, foram registrados nos cartórios 123.861 óbitos, sendo 24.111 por COVID-19. Esta notícia traz consigo um retrato da gravidade da situação e da necessidade de medidas urgentes para conter a propagação do vírus.

A imagem mostrada na Figura 1 foi capturada por Saulo Ângelo e demonstra o enterro de vítimas de coronavírus no cemitério do Caju (São Francisco Xavier) no Rio de Janeiro.

²⁴ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/25/com-covid-19-maio-se-torna-o-mes-com-mais-mortes-na-historia-do-brasil.htm>. Acesso em: 04 jun. 2023.

Figura 1 - Com COVID-19, maio de 2020 se torna o mês com mais mortes na história do Brasil



Fonte: <https://noticias.uol.com.br>²⁵

A notícia intitulada *88% dos intubados com covid em fevereiro morreram no Brasil*, divulgada no site do *Poder 360*²⁶ exemplifica a realidade angustiante das unidades de terapia intensiva (UTIs) em hospitais de São Paulo durante o período crítico da pandemia. Segundo os editores Tiago Mali, Paulo Silva Pinto e o redator Paulo Motoryn os relatos dos ambientes internos dos hospitais trazem informações das pessoas internadas por COVID-19 com ventilação respiratória invasiva em fevereiro de 2021, no qual 87,9% morreram. Conforme a pesquisa realizada por eles, este foi o pior mês desde o início da pandemia, pois em novembro este percentual ficou em 80,2% e em dezembro subiu para 82,7%; em janeiro foi de 85,3% até chegar no seu maior índice em fevereiro com 87,9%. Ao realizar uma comparação com outros países, o Brasil se saía mal; na Itália, por exemplo, este percentual cai para 52% de óbitos após a intubação e na Alemanha, para 53%.

Os jornalistas abordam que o pesquisador da Fiocruz Fernando Bozza é o autor do estudo original e que elenca alguns fatores como principais causas deste péssimo resultado no Brasil, que são os seguintes: UTIs lotadas ou com

²⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/25/com-covid-19-maio-se-torna-o-mes-com-mais-mortes-na-historia-do-brasil.htm>. Acesso em: 04 jun. 2023.

²⁶ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/88-dos-intubados-com-covid-em-fevereiro-morreram-no-brasil/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

falta de leitos; unidades de saúde sem condições de atendimento; profissionais da área de saúde sem experiência para realização de entubação; *burnout* das equipes; falta de insumos e equipamentos nos hospitais e não cumprimento de protocolos e boas práticas.

Neste caso, a notícia revela os altos índices de mortalidade entre os pacientes entubados, destacando a gravidade da crise de saúde e a necessidade de recursos adequados para salvar vidas. Para ilustrar esses dados, os jornalistas disponibilizaram uma imagem da UTI de um hospital em São Paulo, mostrando um paciente sendo atendido, conforme se vê na Figura 2.

Figura 2 - UTI em hospital de São Paulo: 75,5% dos pacientes intubados no Estado morreram de março de 2020 a fevereiro de 2021, o 2º resultado menos grave do país, atrás apenas de Santa Catarina



Fonte: <https://www.poder360.com.br>²⁷

Numa outra cobertura, intitulada *as vítimas da COVID-19 e a falta de eficiência no Brasil*, o jornalista Diego Vara (Agência Brasil)²⁸ documenta os desafios enfrentados pelo sistema de saúde brasileiro durante a pandemia, incluindo a tragédia de pessoas que aguardaram atendimento médico por dias, a falta de leitos e o desabastecimento de medicamentos essenciais.

Diego traz relatos citando os nomes de diversas vítimas da COVID-19, demonstrando claramente sua frustração com o sistema de saúde. Um exemplo é Antônio, que estava em uma UPA do Rio e, mesmo conseguindo o direito na justiça para ser transferido para um leito de UTI, infelizmente a liminar não foi cumprida a tempo, resultando em sua morte após uma espera de dois dias. Outro

²⁷ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/88-dos-intubados-com-covid-em-fevereiro-morreram-no-brasil/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

²⁸ Disponível em: <https://exame.com/brasil/as-vitimas-da-covid-19-e-da-falta-de-eficiencia-no-brasil/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

caso é o de Evandro, paciente que vivia em Macapá que também morreu esperando leito de UTI. No município onde morava faltavam sedativos e anestésicos fundamentais para o processo de intubação, levando à fatalidade pela falta de insumos. Jorge, outro paciente que morava em São Paulo, só conseguiu ser internado em um hospital público na quarta vez em que procurou ajuda, mas quando foi hospitalizado seu quadro já estava crítico e ele acabou falecendo alguns dias depois. Juraci, uma técnica de enfermagem de 72 anos que trabalhava na capital paulista, mesmo com idade avançada, só conseguiu afastamento do trabalho 20 dias após a doença ter se espalhado na cidade. Nos dias anteriores a seu afastamento, informou aos familiares que estava ocorrendo a falta de máscaras no hospital. Três dias depois de ser dispensada, ela começou a apresentar sintomas da doença e, onze dias mais tarde, acabou vindo a óbito.

O jornalista Diego Vara destaca que o caso de Juraci não foi o único, que pelo menos 176 profissionais de saúde já haviam morrido de COVID-19 no país desde o início da pandemia. Alguns funcionários não receberam equipamentos de proteção individual (EPIs) adequados, o que pode ter agravado a situação. Ele também menciona que somente no Estado do Rio de Janeiro, entre abril e junho, pelo menos 730 pessoas morreram sem suporte necessário, aguardando leitos de enfermaria ou UTI, segundo a Defensoria Pública do Rio.

Neste contexto, a mídia teve um papel fundamental ao dar visibilidade a essas questões urgentes. A Figura 3, escolhida pelos jornalistas, ilustra essa notícia, desempenhando um papel crucial na cobrança por soluções e ações governamentais para enfrentar a crise.

Figura 3 - País registra mortes de pessoas que esperam atendimento por dias, pacientes que sofrem por falta de leitos e desabastecimento de medicamentos.



Fonte: <https://exame.com/>²⁹

²⁹ Disponível em: <https://exame.com/brasil/as-vitimas-da-covid-19-e-da-falta-de-eficiencia-no-brasil/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

A próxima notícia, intitulada *fila única por leitos de UTI? As propostas para fechar conta de desigualdade entre SUS e planos de saúde*, da jornalista Juliana Gragnani³⁰, da *BBC News Brasil* em Londres, expressa preocupação com a desigualdade entre as condições oferecidas pelo SUS e por planos de saúde e discute uma proposta feita por especialistas visando implementar uma fila única para acesso a leitos de UTI, integrando os leitos do sistema público e privado, visando garantir o acesso equitativo a serviços essenciais durante a pandemia.

Juliana testemunha que, apesar das medidas de isolamento e distanciamento social sendo realizadas em todo Brasil, os hospitais rapidamente enfrentaram superlotação em UTIs. Esta era uma situação considerada grave, especialmente levando em conta que os casos mais graves de pessoas infectadas com o vírus necessitavam de cuidados especiais, principalmente em unidades de terapia intensiva.

Na notícia, ela cita dados da Agência Nacional de Saúde (ANS) que indicavam que, no início de 2020, ao menos 47 milhões de brasileiros tinham planos de saúde, representando quase um quarto da população brasileira. É importante ressaltar que os usuários de planos de saúde ainda tinham o direito de utilizar os benefícios do SUS. No entanto, mais de três quartos da população brasileira dependia exclusivamente do SUS, o que tornava mais compreensível a necessidade da proposta de fila única para acesso a leitos de UTI ao se comparar o número de leitos disponibilizados pelo serviço privado. No Brasil, naquele período, existiam 55.101 leitos de UTI, sendo 49,8% deles pertencente ao SUS. Isso significava que três quartos da população tinham acesso apenas à metade dos leitos, enquanto a outra metade estava destinada a atender o quarto da população que possuía plano de saúde.

A BBC News entrevistou diversos especialistas, e a jornalista Juliana Gragnani destaca a entrevista com Pedro Amaral, professor do Departamento de Economia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que estudou a distribuição regional da oferta de equipamentos de saúde no Brasil. Ele comenta que os 49,8% de leitos de UTI disponibilizados pelo SUS não seriam necessariamente insuficientes se não fosse pelo agravante da pandemia. Neste contexto, a ideia de fila única foi defendida pelos especialistas, pois garantiria a

³⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52375980> Acesso em: 06 jun. 2023.

todos as mesmas chances de lutar por suas vidas em meio à pandemia. Juliana escolheu uma imagem impactante de um paciente entubado em uma UTI para ilustrar a notícia, que pode ser vista na Figura 4.

Figura 4: Fila única por leitos de UTI? As propostas para fechar conta de desigualdade entre SUS e planos de saúde



Fonte: <https://www.bbc.com>³¹

Na matéria a seguir, intitulada *mortes na fila por um leito de UTI, falta de insumos e funerárias sem férias: os sinais do colapso na saúde brasileira*, os jornalistas Fábio Manzano e Camila Rodrigues da Silva, do G1³², testemunham e expressam preocupação com a ocorrência de mortes na fila por leitos de UTI, evidenciando a gravidade da situação. Além disso abordam, conforme segue, a escassez de insumos médicos e o colapso do sistema funerário. “O G1 consultou secretarias da Saúde, centrais de regulação, hospitais, prefeituras e até a Defensoria Pública para analisar a situação dos leitos da UTI”. De acordo com os dados, em pelo menos 16 estados ocorreram mortes de pacientes infectados com COVID-19 na fila por uma vaga. Foi evidenciado que em São Paulo, estado com a maior estrutura hospitalar do Brasil, ocorreram pelo menos 135 mortes de pessoas na fila de espera.

Os jornalistas também ressaltaram os alertas emitidos por diversos hospitais e entidades médicas do país sobre a falta de medicamentos usados na

³¹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52375980>. Acesso em: 06 jun. 2023.

³² Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/20/mortes-na-fila-por-um-leito-de-uti-falta-de-insumos-e-funerarias-sem-ferias-os-sinais-do-colapso-na-saude-brasileira.ghtml>. Acesso em: 06 jun. 2023.

entubação de pacientes graves e que, diante deste cenário, o Ministério da Saúde chegou a requisitar mais de 665 mil medicamentos devido à quantidade alarmante de pacientes infectados com o vírus internados nos hospitais. Destacaram ainda sérios problemas relacionados ao abastecimento de oxigênio, como ocorrido no Rio Grande do Sul, onde um hospital da Região Metropolitana de Porto Alegre registrou “instabilidade na distribuição do oxigênio” por cerca de 30 minutos, resultando na morte de pelo menos seis pessoas. A matéria incluiu um vídeo de uma entrevista com o marido de uma das vítimas desta fatalidade, intitulado “Perdi a nossa companheira”, demonstrando a indignação por parte do entrevistado e dos jornalistas.

A notícia também destacou a falta de caixões em funerárias devido à escassez de matéria-prima para produção. A Figura 5 apresenta uma foto tirada por Carla Carniel/Reuters, do cemitério da Vila Formosa, em São Paulo, demonstrando uma fileira de túmulos adornados com coroas de flores; imagem que expressa de certa forma o sentimento de perda vivenciado pelas pessoas em diferentes contextos.

Figura 5: Mortes na fila por um leito de UTI, falta de insumos e funerárias sem férias: os sinais do colapso na saúde brasileira



Fonte: <https://g1.globo.com>³³

³³ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/20/mortes-na-fila-por-um-leito-de-uti-falta-de-insumos-e-funerarias-sem-ferias-os-sinais-do-colapso-na-saude-brasileira.ghtml>. Acesso em: 06 jun. 2023.

Os jornalistas Paloma Souza e Murillo Ferrari, da CNN em São Paulo³⁴ revelam na matéria intitulada *17 estados e o DF estão em colapso na saúde; MT, MS, RS e RO não têm mais leitos*, a abrangência da crise de saúde no Brasil, com 17 estados e o Distrito Federal enfrentando colapso no sistema de saúde e quatro estados sem disponibilidade de leitos de UTI devido a ocupação de leitos estar acima de 100% de sua capacidade. Eles destacam que os estados mais afetados são o Mato Grosso do Sul, com 110% de ocupação e Mato Grosso com cerca de 108%. Rondônia e Rio Grande do Sul chegaram à marca exata de 100% dos seus leitos de UTI em uso. A Agência CNN obteve essas informações junto às secretarias de Saúde estaduais e, de acordo com essa coleta de dados, ainda havia 13 estados com mais de 90% de ocupação de leitos. Os jornalistas explicam que os hospitais com ocupação de leitos de UTI acima de 90% já enfrentavam um colapso no sistema de saúde, pois não haveria naquele momento, mais espaço para a rotatividade de pacientes entre os leitos.

Nesta matéria ocorre algo inusitado, os jornalistas mencionam uma reportagem publicada no dia anterior, na qual o presidente Bolsonaro questiona o motivo da lotação das UTIs e, em meio a este colapso, faz o seguinte comentário “parece que só se morre de Covid no Brasil”. O uso dessa declaração do presidente, feita no dia anterior, enfatiza os fatos levantados nessa notícia matéria e de certa forma demonstra a indignação dos jornalistas em relação a este comentário, que desrespeita as pessoas que sofreram com os impactos dos problemas enfrentados no sistema de saúde.

Neste caso, a mídia foi fundamental para fornecer atualizações regulares sobre a situação, informando o público e pressionando por medidas urgentes para enfrentar a crise. Para ilustrar a notícia, os jornalistas escolheram publicar a imagem de um paciente internado na UTI posicionado de bruços, conforme é possível observar na Figura 6.

³⁴ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/17-estados-e-o-df-estao-em-colapso-na-saude-mt-ms-rs-e-rr-nao-tem-mais-leitos/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Figura 6 - 17 estados e o DF estão em colapso na saúde; MT, MS, RS e RO não têm mais leitos. 19/03/2021



Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br>³⁵

A reportagem seguinte, intitulada *médicos alertam para situação dramática dos hospitais de Porto Alegre*, divulgada pelo *Jornal da Universidade UFRGS (JU)*³⁶, que tem como principal objetivo realizar um jornalismo que não apenas divulga notícias, mas também tem a missão de apresentar novas perspectivas, inferindo e opinando, como afirmou a professora do departamento de Comunicação da universidade Maria Helena Weber em entrevista concedida para a edição de setembro de 2017.

Nesta notícia, a equipe do JU retrata a realidade preocupante do Centro de Tratamento Intensivo (CTI) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), mostrando uma ocupação de 118% no dia 03 de março de 2021. O médico pneumologista Marcelo Gazanna relatou ao JU que, em 12 meses de atendimento a pessoas infectadas pelo vírus COVID-19, a situação nunca esteve tão caótica. Ele descreveu que é como se diariamente ocorressem diversos acidentes, com uma incessante chegada de pacientes até o ponto em que, infelizmente, não haveria mais capacidade de atendimento para todos.

Pela primeira vez, os hospitais privados e públicos de Porto Alegre estavam com seus leitos de UTI acima da capacidade. Conforme dados da Secretaria Municipal de Saúde, havia 486 pacientes com COVID em estado

³⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/17-estados-e-o-df-estao-em-colapso-na-saude-mt-ms-rs-e-rr-nao-tem-mais-leitos/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

³⁶ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/medicos-alertam-para-situacao-dramatica-dos-hospitais-de-porto-alegre/?print=print>. Acesso em: 10 jun. 2023.

grave, enquanto 142 pessoas aguardavam na fila de espera. Gazanna enfatiza que o colapso em Porto Alegre já era uma realidade, com improvisações de atendimento e leitos e com equipes não especializadas realizando atendimentos devido à falta de intensivistas.

Outro relato importante nesta matéria feito pelo JU ocorreu a partir de uma entrevista com o professor de cirurgia torácica da Faculdade de Medicina, Maurício Guidi, que explica que a maior dificuldade neste momento era a falta de pessoas qualificadas para as equipes de cuidados hospitalares. Ele relata que era comum ouvir comentários sobre a necessidade de abrir mais leitos e hospitais de campanha. No entanto, segundo ele, não se poderia simplesmente disponibilizar uma cama e um ventilador, pois os hospitais precisavam de recursos humanos para atender as pessoas contaminadas e, naquele momento, estavam utilizando seus recursos no limite máximo.

Neste caso, as entrevistas e a foto de capa tirada por Clóvis de Souza Prates (coordenadoria de Comunicação do HCPA), mostrada na Figura 7, destacaram a sobrecarga dos hospitais durante a pandemia, deixando claro que os recursos existentes para conter a crise não estavam sendo suficientes.

Figura 7 - Imagem do CTI do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) com 118% de ocupação, no dia 03 de março de 2021 (Foto: Silvio Avila/ Divulgação HCPA)



Fonte: <https://www.ufrgs.br>³⁷

³⁷ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/medicos-alertam-para-situacao-dramatica-dos-hospitais-de-porto-alegre/?print=print>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Outra matéria feita pelo G1,³⁸ intitulada *crise do oxigênio: um mês após colapso em hospitais, Manaus ainda depende de doações do insumo*.

foi sobre um tema que teve grande repercussão na mídia foi o caso da crise do oxigênio em Manaus, que ocorreu um mês após o colapso nos hospitais da região, ou seja, em fevereiro de 2021. A mídia destacou a situação crítica enfrentada pela cidade, chamando a atenção para a necessidade contínua de assistência e fornecimento de insumos médicos essenciais para salvar vidas durante a pandemia. A foto tirada por Bruno Kelly (Reuters), mostrada na Figura 8, demonstra parentes de pacientes hospitalizados que se reuniram para comprar oxigênio e encher botijões em empresa privada de Manaus. Este foi um período no qual o Amazonas vivia sua pior fase em relação a pessoas contaminadas com a COVID-19 que necessitavam de oxigênio, inclusive os próprios médicos desesperados com a situação transportavam cilindros em seus carros para os hospitais. Infelizmente, em meio a esse caos, diversos pacientes acabaram morrendo asfixiados, sem oxigênio.

Figura 8 - Crise do oxigênio: um mês após colapso em hospitais, Manaus ainda depende de doações do insumo



Fonte: Portal G1, Globo.com³⁹

³⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/02/14/crise-do-oxigenio-um-mes-apos-colapso-em-hospitais-manaus-ainda-depender-de-doacoes-do-insumo.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2023.

³⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/02/14/crise-do-oxigenio-um-mes-apos-colapso-em-hospitais-manaus-ainda-depender-de-doacoes-do-insumo.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2023.

A cobertura jornalística da pandemia de COVID-19 revelou não apenas a gravidade da crise sanitária, mas também as profundas transformações e desafios nas práticas jornalísticas diante de um contexto inédito. A análise das matérias e imagens permite identificar não apenas os temas abordados, mas também como os jornalistas adaptaram suas práticas para informar o público em meio às adversidades.

Um dos principais ângulos de análise é o papel do jornalismo como uma ferramenta de vigilância e denúncia. Durante a pandemia, os jornalistas tiveram que ir além da simples transmissão de informações, atuando como fiscalizadores do poder público e das condições do sistema de saúde. Essa prática foi evidente nas reportagens que destacaram a falta de insumos básicos, como oxigênio em Manaus, e o colapso em UTIs de diversos estados. A crítica à gestão pública e à desigualdade de acesso a recursos foi uma constante, como na reportagem da BBC sobre a proposta de fila única para leitos de UTI, que expôs as disparidades históricas entre o sistema público e o privado. Aqui, o jornalismo assumiu uma postura propositiva, ao trazer especialistas para debater soluções.

A cobertura também revelou a importância de um jornalismo humanizado, que busca dar voz às vítimas e às comunidades mais afetadas. Histórias como as de Antônio, que morreu aguardando transferência para um leito de UTI, e de Juraci, técnica de enfermagem vítima da COVID-19, ilustram como os jornalistas utilizaram relatos individuais para traduzir as estatísticas em histórias de vida. Essa prática, além de sensibilizar o público, evidenciou o impacto humano da pandemia, reforçando a necessidade de respostas urgentes e eficazes.

Outro aspecto relevante foi a utilização de dados e fontes especializadas para construir reportagens. Veículos como o Poder 360 e o G1 recorreram a estudos de instituições como a Fiocruz e a dados de secretarias de saúde para embasar suas matérias. Esse movimento reflete a intensificação de práticas de apuração baseada em evidências, em um contexto em que a desinformação se espalhava com a mesma velocidade que o vírus. No entanto, essa prática exigiu dos jornalistas um maior esforço para verificar informações e contextualizar os números em meio a um ambiente de trabalho remoto e restrições de acesso às fontes.

A adoção de imagens impactantes foi outro recurso estratégico no trabalho dos jornalistas durante a pandemia. Fotografias como as do cemitério

da Vila Formosa, em São Paulo, e das UTIs superlotadas em Manaus e Porto Alegre, reforçaram visualmente as mensagens das matérias, destacando a gravidade do momento. Contudo, a escolha e o uso dessas imagens envolvem questões de sensibilidade e ética, já que capturar e divulgar cenas tão dramáticas poderia, por um lado, mobilizar o público e, por outro, gerar polêmica ou exposição desnecessária de indivíduos.

Em termos de práticas, a pandemia também evidenciou desafios específicos para os jornalistas. A necessidade de trabalhar em condições adversas, como o risco de contaminação e as limitações do trabalho remoto, impactou diretamente a forma de produzir conteúdo. Muitos profissionais passaram a utilizar novas tecnologias e ferramentas digitais para realizar entrevistas e coletar dados, adaptando suas rotinas às restrições sanitárias. Essa adaptação incluiu, por exemplo, a dependência de videoconferências para acessar fontes e o aumento do uso de bancos de dados e informações oficiais disponíveis online.

Além disso, a pandemia acelerou o uso de plataformas digitais e redes sociais como canais complementares de disseminação de informações. Muitos jornalistas, como já destacado em outras análises, passaram a utilizar seus próprios perfis em redes sociais para ampliar o alcance de suas reportagens e estabelecer conexões mais diretas com o público. Esse movimento revelou uma transformação nas práticas jornalísticas tradicionais, com uma maior integração entre os veículos de comunicação e os canais pessoais dos profissionais.

Por fim, a cobertura jornalística da pandemia destacou o papel essencial dos jornalistas como mediadores entre a realidade e a sociedade. Apesar das dificuldades, os profissionais de imprensa se adaptaram e buscaram inovar para garantir que informações de qualidade fossem disseminadas. A combinação de práticas humanizadas, apuração rigorosa, uso de dados e tecnologias e o emprego ético de imagens permitiu que a mídia desempenhasse um papel crucial durante a maior crise sanitária do século XXI. Essa análise evidencia não apenas a relevância do trabalho jornalístico, mas também sua capacidade de se reinventar em contextos extremos.

5.2 Relatos de jornalistas: desafios enfrentados na pandemia

Neste item exploro desafios e dificuldades vividos e relatados por jornalistas na sua atividade no contexto da epidemia de COVID 19. Os relatos apontam riscos de saúde, questões relativas à saúde mental, desafios vinculados à obtenção dos dados para a cobertura e à proliferação das *fake news*.

Neste sentido, a *Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo* (ABRAJI)⁴⁰, publicou uma reportagem um ano após a pandemia, em 2021, na qual descreve relatos de profissionais da área de comunicação em relação aos desafios enfrentados durante a pandemia, além dos danos à saúde mental. Entre os relatos destaca-se, como exemplo, a fala de Paulo Mario Martins, repórter da *TV Globo* do Rio, que comentou sobre sua luta diária para informar as pessoas e sobre suas dificuldades para lidar com as emoções devido ao contato com tanta tragédia, banalização da vida e *desinformação*. Ele ressaltou a importância do jornalismo televisivo, porque através deste meio de comunicação foi possível alcançar um grande público.

Também se destaca o relato da diretora assistente da *Rede Internacional de Checagem de Fatos* Cristina Tardáguila, ao informar que desde 24 de janeiro de 2020, 99 organizações identificaram mais de 12 mil informações enganosas sobre a Covid-19, em 77 países, em 46 idiomas, 16 fusos horários e em todos formatos e plataformas. Ainda ressaltou que os checadores tiveram que trabalhar com uma base de dados instável, em elaboração, mas que após a pandemia finalmente este trabalho teve o reconhecimento merecido porque o mundo entendeu que a verificação de informações “salvam vidas”.

Um exemplo de desinformação é registrado no *site* da *Fiocruz*,⁴¹ que publicou uma notícia no dia 01/04/2020 com 10 tipos diferentes de *desinformações*, como a crença de que álcool em gel pode ser feito em casa com apenas dois ingredientes ou de que gargarejar com água morna ou salgada evita que o vírus vá para os pulmões. Estes exemplos destacam a importância de proteger a sociedade de informações falsas, que podem levar as pessoas a

⁴⁰ Disponível em: <https://www.abraji.org.br/noticias/um-ano-depois-da-pandemia-jornalistas-relatam-desafios-e-danos-a-saude-mental>. Acesso em: 18 abr. 2023.

⁴¹ Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/48548>. Acesso em: 18, abr, 2023.

adotarem atitudes desnecessárias e desviarem o foco das medidas eficazes de prevenção.

Retomando as entrevistas da ABRAJI⁴² Marina Atoji, gerente de projetos transparência do Brasil, relatou problemas em relação à transparência pública na disponibilização de dados e microdados pelo Governo Federal relacionados à pandemia, mas destacou que grandes resultados foram conquistados graças ao esforço conjunto da imprensa e da sociedade civil.

Os efeitos psicológicos da pandemia sobre os jornalistas também foram registrados. Conforme relata o repórter Caetano Vasconcelos da *Ponte Jornalismo*, um *site* independente do Brasil, o fato de noticiar tragédias e violências diariamente afetou muito seu estado psicológico, especialmente pela ausência de formas de distração como ir ao cinema, devido ao trabalho remoto. Caetano destacou que as entrevistas por chamada de vídeo foram um ponto positivo, pois diminuíram a distância com as fontes.

Paula Guimarães, cofundadora do *Portal Catarinas*, o primeiro portal de notícias brasileiro focado em pautas feministas expressou medo, pois os jornalistas colocaram seus corpos na linha de frente, expondo-se a riscos de maneira exponencial, mas não receberam prioridade na vacinação e, como já mencionado anteriormente, o Brasil liderou o *ranking* mundial em relação ao número de mortes de profissionais da imprensa pela COVID-19, o que valida a preocupação que Paula Guimarães teve em relação à sobrevivência destes profissionais.

Conforme Siqueira e Monteiro (2020) abordaram no livro *O Jornalismo em Tempos de Pandemia*, esta crise não apenas alterou drasticamente as rotinas dos profissionais da área de comunicação, mas também gerou uma sensação generalizada de pressão e sobrecarga no trabalho, pois o temor de contrair o coronavírus, acompanhado de um forte sentimento de preocupação em transmiti-lo aos familiares, tornou-se uma realidade palpável para estes profissionais durante esse período desafiador. Tudo isso nos instiga a descrever e ao mesmo tempo analisar sobre como se alteraram suas práticas durante a pandemia, que estratégias utilizaram para realizar seu trabalho, como orientaram e apoiaram a sociedade em termos de informação pública sobre a transcorrência da COVID-19, dentre outros desafios.

⁴² Disponível em: <https://www.abraji.org.br/noticias/um-ano-depois-da-pandemia-jornalistas-relatam-desafios-e-danos-a-saude-mental>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Os relatos dos jornalistas destacam uma transformação significativa nas práticas jornalísticas e revelam os desafios multifacetados enfrentados pela categoria durante a pandemia de COVID-19. As mudanças no cotidiano profissional, os impactos na saúde mental e a necessidade de adaptação às novas condições de trabalho foram marcantes, evidenciando um cenário de sobrecarga, insegurança e reinvenção.

Em termos de alterações práticas, os jornalistas tiveram que adaptar suas rotinas para garantir a continuidade da cobertura em meio às restrições impostas pela pandemia. A substituição de entrevistas presenciais por chamadas de vídeo, mencionada por Caetano Vasconcelos, é um exemplo claro dessa transformação. Embora essa mudança tenha aproximado as fontes em alguns aspectos, também trouxe limitações, como a dificuldade de captar nuances e contextos que apenas o contato presencial poderia oferecer. Além disso, o trabalho remoto intensificou o isolamento e reduziu os espaços de interação entre colegas, afetando tanto a qualidade do trabalho em equipe quanto o suporte emocional no ambiente de redação.

A pandemia também impôs aos jornalistas o desafio de lidar com a desinformação em uma escala sem precedentes. Conforme destacado por Cristina Tardáguila, a disseminação de *fake news* sobre a COVID-19 exigiu um esforço redobrado dos profissionais para verificar informações, corrigir boatos e educar o público sobre os riscos associados a práticas equivocadas. Nesse contexto, a checagem de fatos tornou-se um componente central do trabalho jornalístico, contribuindo para fortalecer a credibilidade da imprensa e reforçando seu papel como mediadora entre a ciência e a sociedade.

Outro aspecto fundamental foi o impacto psicológico do contexto pandêmico sobre os profissionais. O relato de Paulo Mario Martins, por exemplo, evidencia como a exposição contínua à tragédia e à banalização da vida afetou a saúde mental dos jornalistas. Sem as válvulas de escape habituais, como atividades culturais e sociais, e diante da pressão de informar com precisão em um cenário de incertezas, muitos profissionais enfrentaram níveis elevados de estresse e exaustão emocional. Essa realidade é reforçada pelas reflexões de Siqueira e Monteiro (2020), que apontam para a sobrecarga e o temor constante de contaminação como fatores que agravaram a sensação de vulnerabilidade dos jornalistas.

Além disso, os depoimentos apontam para a necessidade de coragem e resiliência diante dos riscos físicos associados à cobertura em campo. Paula Guimarães destacou a exposição direta ao vírus, especialmente em um cenário onde os jornalistas não tiveram prioridade na vacinação, apesar de estarem na linha de frente da comunicação em saúde. A alta taxa de mortes de profissionais da imprensa reforça a gravidade desse risco e o impacto da falta de políticas que priorizassem sua proteção.

Por fim, os problemas enfrentados na obtenção de dados e na transparência das informações públicas também foram marcantes. A luta pela disponibilidade de microdados, como relatado por Marina Atoji, reflete os obstáculos impostos por autoridades que, em muitos casos, dificultaram o acesso a informações fundamentais para a cobertura jornalística. Essa barreira não apenas limitou o trabalho dos jornalistas, mas também prejudicou a sociedade, que depende de informações precisas para tomar decisões informadas.

Em síntese, os relatos analisados revelam um contexto de transformações profundas nas práticas jornalísticas, marcadas por adaptações tecnológicas, reforço das práticas de checagem, enfrentamento da desinformação e desafios relacionados à saúde física e mental.

No próximo capítulo, são analisados os dados obtidos a partir das entrevistas, lançando luz sobre as vivências dos jornalistas que atuaram no contexto de Porto Alegre durante a pandemia e as adaptações que tiveram de fazer para continuar exercendo suas funções em meio a um cenário de crise.

6 VOZES DA PANDEMIA: RELATOS DE JORNALISTAS NO CONTEXTO DA COVID-19

Este capítulo tem como objetivo apresentar a análise das entrevistas realizadas com cinco jornalistas que vivenciaram e cobriram a pandemia de COVID-19. Para tanto, são analisadas as práticas jornalísticas, buscando entender suas transformações, as estratégias de adaptação dos jornalistas às condições de trabalho e às medidas sanitárias, os usos da tecnologia neste contexto, as práticas adotadas para garantir a veracidade das informações e a manutenção do relacionamento com o público e entre outras questões.

6.1 As práticas jornalísticas e os impactos do uso das tecnologias digitais e da migração para o trabalho remoto

As entrevistas com os jornalistas evidenciam profundas mudanças e desafios enfrentados na migração para o trabalho remoto durante a pandemia de COVID-19. Cada profissional entrevistado trouxe uma perspectiva própria sobre como esse contexto impactou suas práticas de trabalho jornalístico.

Cláudia, que atuou como assessora de imprensa de um hospital descreveu como, inicialmente, acreditava que suas tarefas seriam simples, mas logo se viu envolvida em uma demanda muito maior de trabalho. "Era uma demanda bem acima do que havia sido combinado, e a remuneração era baixa." Essa percepção de descompasso entre o volume de trabalho e a remuneração é reveladora da precarização enfrentada por muitos profissionais, um tema que se reflete em sua fala sobre a desvalorização do setor de comunicação.

Cláudia já trabalhava em *home office* antes da pandemia e estava em processo de mudança de São Paulo para Porto Alegre, buscando uma oportunidade nesse formato. Ela comentou que queria aumentar sua empregabilidade no Rio Grande do Sul, especialmente em Porto Alegre, e decidiu mudar-se para o Sul por motivos pessoais. Foi então que surgiu a oportunidade de atuar como assessora de imprensa em um hospital, o que ela interpretou como uma chance de aprender bastante.

Entretanto, à medida que seu trabalho passou a demandar mais atividades presenciais Cláudia se desinteressou. "Quando o trabalho foi se tornando cada vez mais presencial, já não me interessava tanto, até porque não havia uma previsão de fim para a pandemia", explicou. Embora houvesse

esforços para digitalizar algumas atividades, como assessora, ela recebia demandas quase prontas do próprio hospital, como sugestões de pautas e entrevistas com médicos e pacientes. Embora a estrutura para comunicação interna e do *site* fosse mínima, seu foco principal era encontrar espaço para matérias em grandes veículos de informação, o que incluía elaborar os textos, obter as aprovações e fazer toda a ativação para garantir que as matérias fossem veiculadas em diferentes mídias, como TV e rádio, até mesmo em outros estados.

Cláudia também se vacinou em maio ou junho de 2021, mas teve uma reação adversa significativa. Após isso, decidiu desistir de seu trabalho como assessora de imprensa.

O retorno ao formato presencial trouxe riscos adicionais, especialmente para quem, como Cláudia, trabalhou em ambientes hospitalares, onde as medidas de segurança nem sempre eram respeitadas. Ao afirmar que "a área de comunicação não parou, mas as questões de segurança foram ultrapassadas em prol do resultado final", ela destaca como a pressão para manter o fluxo de trabalho e a colaboração com outros profissionais se sobrepôs às preocupações com saúde e segurança.

Por outro lado, **Bruno**, professor de jornalismo, teve uma experiência positiva com a migração para o trabalho remoto durante a pandemia. Ele expressa orgulho ao afirmar que "não faltou aula nem por doença, nem por outros motivos", destacando a resiliência tanto dele quanto de seus estudantes para manter as atividades acadêmicas diante de tantas adversidades. O ambiente acadêmico, segundo ele, proporcionou flexibilidade suficiente para adaptar o laboratório de jornalismo esportivo, com o qual trabalhava, a novas realidades. Bruno ressaltou que era essencial que os alunos continuassem praticando suas habilidades de escrita, o que foi possível graças a soluções criativas, como o estudo de biografias de atletas, a realização de atividades *online* e até de aulas de ginástica ministradas virtualmente por professores especializados.

Ao ser questionado sobre a adaptação da cobertura jornalística presencial à realidade da pandemia, Bruno destacou a importância da experiência e da capacidade de adaptação. "Foi aí que entrou a experiência e a adaptação... construir com as outras pessoas as soluções", comentou, sublinhando a

relevância da colaboração entre alunos e professores para continuar as atividades práticas mesmo à distância.

O uso de ferramentas digitais, segundo Bruno, não apenas manteve o curso ativo, mas também trouxe novas possibilidades de cooperação entre os envolvidos. Ele reflete com satisfação sobre o sucesso dessa transição, afirmando: "Fomos felizes ao adaptar o curso a um modelo totalmente remoto." Esse processo, para ele, foi mais do que técnico; foi também humano, envolvendo um esforço coletivo para preservar o espírito de aprendizado e a prática colaborativa, mesmo nas limitações impostas pela pandemia.

Bruno mencionou que, em alguns momentos, contou com o apoio de sua filha para lidar com questões tecnológicas específicas, embora as entrevistas *online* já fossem uma prática consolidada em suas aulas. Ele explicou que os alunos realizavam entrevistas virtuais com ex-alunos e colegas, o que lhes permitia observar trajetórias inspiradoras e reforçava a conexão prática com o mercado.

Outro fator crucial, segundo Bruno, foi sua rede de apoio composta por sua esposa, filha e até sua cachorrinha, que lhe ofereciam suporte emocional e incentivo. Ele destacou que sua filha lhe ensinou algumas habilidades tecnológicas que ele desconhecia, enquanto a companhia da família foi essencial para manter sua motivação. "Saber que os alunos estavam esperando por mim me fortalecia", disse, reforçando a importância do apoio da universidade, que também se mostrou disponível para ele e para os estudantes.

Bruno cultivava um relacionamento próximo com os alunos, colocando-se à disposição deles o tempo todo. Embora alguns colegas se queixassem dessa postura, ele via isso como uma dádiva. Gostava de conversar sobre filmes, matérias e outros temas, criando um ambiente de aprendizado dinâmico e acessível.

A experiência de Bruno ilustra como, em determinados contextos, como o ambiente acadêmico, a digitalização foi uma solução eficaz para manter o fluxo de trabalho e a cooperação. Mesmo em um cenário desafiador, os estudantes puderam continuar praticando o jornalismo esportivo de forma adaptada, demonstrando que a pandemia não apenas impôs obstáculos, mas também incentivou a reinvenção de práticas consolidadas. Essa adaptação incluiu novas metodologias, como o uso de biografias e exercícios práticos de escrita, que enriqueceram o aprendizado remoto.

Por fim, Bruno observou que a digitalização já era uma realidade em algumas atividades antes da pandemia, mas as aulas permaneciam predominantemente presenciais. Com a pandemia, houve uma aceleração inevitável no processo de migração para o ambiente digital, aprofundando transformações que já estavam em curso em suas práticas acadêmicas.

Jéssica, repórter de rádio e televisão, enfrentou grandes desafios ao lidar com o trabalho remoto, que ela considera incompatível com a natureza de sua profissão: "Trabalhar em casa não é da natureza do repórter". Na sua fala, ela revela a frustração de não poder estar no campo para coletar informações e imagens, algo que considera essencial para a integridade de seu trabalho. Embora tenha conseguido se adaptar ao uso da tecnologia para realizar entrevistas e captar imagens remotamente, ela diz ter sentido que essa ausência de interação presencial prejudicou a qualidade do jornalismo que estava acostumada a praticar.

A dificuldade de realizar seu trabalho de casa foi um ponto central em sua experiência. *"A principal dificuldade foi realmente o fato de ter que trabalhar em casa. Não gostei de trabalhar em casa, foi muito desafiador"*, relata Jéssica, deixando claro que o ambiente doméstico trouxe obstáculos significativos. Situações cotidianas, como vizinhos fazendo reformas, dificultavam a realização de entrevistas e exigiam flexibilidade tanto dela quanto dos entrevistados. Ela relata que, muitas vezes, foi necessário ajustar os horários para evitar interrupções por barulhos externos, o que afetava diretamente o fluxo de trabalho e a cooperação entre repórter e fonte.

Também mencionou que seu esposo trabalhava no formato home office, embora essa situação não estivesse relacionada à pandemia. Ela ainda destacou que o casal não tem filhos.

Essa experiência revela que para ela o ambiente controlado de uma redação ou a imersão em campo são partes fundamentais do trabalho jornalístico e que o trabalho remoto impôs limitações significativas à sua prática. *"Fiz o que tinha que ser feito"*, ela comenta, demonstrando resiliência, mas também destacando o sofrimento e a insatisfação em não poder exercer sua profissão de forma completa.

Ao refletir sobre a experiência de Jéssica, fica claro que o trabalho remoto, embora necessário, trouxe uma série de dificuldades que impactaram não apenas as práticas jornalísticas, mas também a sensação de realização

profissional. A adaptação tecnológica foi para ela uma solução paliativa, que ajudou a manter a atividade, mas não substituiu a prática do jornalismo presencial que Jéssica tanto valoriza. A necessidade de ajustar horários devido ao barulho externo, a falta de controle sobre o ambiente e a ausência de interação pessoal com as fontes evidenciam como a prática do jornalismo, na experiência dela em rádio e televisão, depende ainda de dinâmicas presenciais para melhor realização.

O relato de Jéssica também ressalta como o trabalho remoto trouxe uma sensação de desconexão, tanto do público quanto das próprias histórias que ela contava. Ao trabalhar em casa, faltava "*estar nos locais*" o que, para ela, era parte integral de seu papel como repórter. Essa distância física dos contextos afetava sua percepção de integridade profissional. Ao lidar com as dificuldades operacionais e com a falta de controle sobre o ambiente doméstico, ela demonstrou resiliência, mas deixou claro que o preço foi alto. Seu relato nos faz refletir sobre os limites da digitalização no jornalismo e a importância do contato humano e da presença no campo como elementos centrais para o trabalho de repórter.

Portanto, o que se pode inferir a partir do relato de Jéssica é que, embora a pandemia tenha forçado jornalistas a adotarem novas ferramentas e modos de trabalho, essas adaptações muitas vezes não conseguiram substituir a prática jornalística presencial. A sensação de fazer o trabalho "do jeito que dava", sem o engajamento completo, gerou frustrações e dificuldades que, apesar da superação, deixaram claro que certas profissões, como o jornalismo, têm uma relação indissociável com o campo, com as ruas e com o contato direto com as histórias e as pessoas.

O relato de **Laura**, jornalista repórter de TV, mostra como a pandemia reforçou sua versatilidade profissional e sua capacidade de adaptação em um cenário de crise. Ela se autodenomina uma jornalista "multimídia", ressaltando que, desde sua formação, já estava habituada a lidar com todas as etapas da produção jornalística, desde a captação de imagens até a edição final. Esse conjunto de habilidades foi crucial durante a pandemia, quando muitos jornalistas tiveram que operar em circunstâncias adversas. Laura destaca: "*Já tinha todos os equipamentos, já editava, já captava imagens, até porque atuo como freelancer e executo todas as funções.*"

Esse relato faz refletir sobre como a pandemia acelerou o processo de individualização do trabalho jornalístico, no qual muitos profissionais como Laura, se viram realizando múltiplas funções que tradicionalmente eram divididas entre equipes. A digitalização e o trabalho remoto exigiram que os jornalistas desenvolvessem ou aprimorassem uma série de habilidades técnicas, como baixar aplicativos, ajustar enquadramentos e conectar entrevistados que muitas vezes tinham pouca familiaridade com a tecnologia. A fala de Laura – *"Teve vezes em que levei mais de 40 minutos só pra conseguir que o entrevistado se conectasse à entrevista"* – exemplifica as dificuldades técnicas que se tornaram parte do cotidiano jornalístico durante a pandemia.

Além disso, a criatividade foi um aspecto central na adaptação às novas condições de trabalho. Laura menciona como, em alguns casos, precisou usar seu carro como "estúdio de gravação" para evitar ruídos indesejados, e como as limitações impostas pela pandemia demandaram soluções visuais e narrativas inovadoras. *"Ficou muito claro que a informação vem antes da 'qualidade técnica' de uma imagem"* afirma, destacando uma mudança de prioridade que muitos jornalistas enfrentaram: garantir que a informação fosse transmitida com precisão, mesmo que os recursos técnicos não fossem ideais.

O relato de Laura também mostra o impacto da pandemia na conciliação entre a vida profissional e pessoal. Ela descreve como editava suas matérias de madrugada, pois era o único momento em que tinha *"as duas mãos livres"*, já que durante o dia cuidava de sua filha pequena. A imagem que Laura constrói ao falar sobre transformar um quarto de sua casa em um local de gravação ilustra não apenas a adaptação às novas condições de trabalho, mas também o nível de comprometimento pessoal necessário para continuar cumprindo suas funções em meio aos desafios do contexto. Essa mistura entre os papéis de jornalista e mãe é significativa e reflete a realidade de muitos profissionais que tiveram que lidar com a sobreposição entre trabalho e vida pessoal durante o confinamento.

Adicionalmente, Laura destacou que, apesar de trabalhar remotamente durante os primeiros meses da pandemia, o retorno ao presencial foi gradual e seguiu protocolos rigorosos de segurança. Ela citou o uso de EPIs fornecidos pela empresa e a reestruturação das redações para manter o distanciamento social. Nesse contexto, valorizou a responsabilidade coletiva dos colegas em seguir as regras sanitárias: *"A consciência dos colegas foi de cumprir as regras*

sanitárias e protetivas no cotidiano da reportagem" Sua narrativa reforça a ideia de que, embora a digitalização e o trabalho remoto tenham sido eficazes em manter as rotinas de trabalho, a segurança e a cooperação no ambiente de trabalho presencial também foram essenciais para a retomada gradual das atividades.

Em seu depoimento, destaca-se a fusão de múltiplas funções e responsabilidades em meio a uma crise sem precedentes. Laura exemplifica como o papel do jornalista se expandiu durante a pandemia, não apenas em termos técnicos, mas também em relação à adaptação emocional e pessoal. Nas suas palavras, *"tivemos que depender muito das fontes"*, o que demandava ensinar os entrevistados a utilizar novas tecnologias e confiar no envio de imagens e vídeos por terceiros. Esse processo de ensinar e orientar as fontes mostra como a colaboração na produção jornalística se aprofundou durante um período em que o acesso direto a eventos e entrevistas foi altamente limitado.

Por fim, Laura faz refletir que a pandemia foi um momento de grande aprendizagem e superação, mas também de sobrecarga emocional. A necessidade de conciliar os desafios profissionais com o cuidado de sua família, incluindo sua bebê e um filho com asma, intensificou a sensação de vulnerabilidade. No entanto, sua capacidade de adaptação e a utilização de ferramentas tecnológicas para continuar a produzir conteúdo de qualidade refletem o papel fundamental que jornalistas como ela desempenharam durante a crise. Como ela própria descreve *"A informação vem antes da qualidade técnica"* o que reforça que, em tempos de pandemia, o compromisso com a verdade e a necessidade de informar foram mais importantes para profissionais como ela que os desafios técnicos enfrentados.

A experiência de Laura traz uma reflexão sobre como a pandemia redefiniu o papel dos jornalistas, impondo novos desafios que exigiram resiliência, criatividade e, sobretudo, um compromisso ético com a informação. O relato sobre sua trajetória durante esse período evidencia que mesmo que a digitalização tenha oferecido ferramentas e soluções práticas, houve limites e dificuldades de se manter a qualidade do trabalho em meio a tantas adversidades, tanto pessoais quanto profissionais.

Fabiana, produtora de rádio, continuou trabalhando presencialmente durante a pandemia, pois sua função exigia uma interação direta e rápida entre as diferentes partes da equipe técnica. Ela destaca que, enquanto grande parte

da equipe foi para casa, os produtores e operadores eram considerados essenciais. *"O produtor é a ponte entre o apresentador, o repórter e a parte técnica, então eles acharam que teriam um prejuízo muito grande tendo os produtores em casa sem ter a agilidade de resolver as coisas na hora"* comenta Fabiana, explicando a necessidade de manter sua presença física na rádio. A fala dela destaca a centralidade do produtor no funcionamento fluido de um programa de rádio ao vivo, onde qualquer falha de comunicação pode comprometer o resultado.

Essa dinâmica revelou um desafio significativo durante a pandemia: a adaptação forçada de alguns segmentos da equipe ao trabalho remoto, enquanto outros, como os produtores, tinham que estar presencialmente para garantir a continuidade do fluxo de trabalho. Fabiana lembra que, mesmo com as ferramentas digitais e chamadas de áudio constantes com os operadores, a dependência da tecnologia se tornou uma fonte de estresse. *"Às vezes o sinal do repórter caía... precisava tirar do ar, o sinal do apresentador caía"* relata, exemplificando como a instabilidade da internet dificultava a condução dos programas.

Fabiana comenta em relação a estes desafios: *"Acredito que é inerente à profissão do jornalista a necessidade de se adaptar e improvisar"*, apontando que mesmo em condições adversas, a equipe precisava encontrar soluções rápidas para os problemas que surgiam. A pandemia intensificou essa necessidade de flexibilidade, principalmente porque a parte técnica enfrentava limitações constantes.

O relato de Fabiana mostra que, mesmo com a digitalização e o trabalho remoto em andamento para parte da equipe, o ambiente do rádio onde ela trabalhava exigia que certos profissionais estivessem fisicamente presentes. A presença dela no estúdio assegurava a agilidade necessária para resolver problemas técnicos em tempo real, algo que teria sido impossível com a mesma eficiência à distância. No entanto, ela relata que essa situação gerou angústia, especialmente pelo medo de expor sua família ao vírus o que a levou, com o passar do tempo, a solicitar à empresa uma flexibilização de suas condições de trabalho. *"Pedi na empresa, informei que não estava mais me sentindo segura, e eles prontamente me apoiaram"* conta, destacando o papel positivo da liderança organizacional em garantir a segurança dos funcionários.

Apesar das dificuldades técnicas, Fabiana entende que a pandemia humanizou, de certa forma, o trabalho jornalístico. Barulhos de fundo, como latidos de cachorro, começaram a fazer parte das transmissões, e os ouvintes acabaram se adaptando a essa nova realidade, o que tornou o ambiente mais informal e próximo. Essa situação refletiu o esforço contínuo da equipe em se manter conectada com o público, mesmo com as limitações que surgiam.

No geral, o depoimento de Fabiana destaca os desafios de se manter um programa de rádio funcionando em meio a restrições, mas também sublinha a adaptabilidade necessária na profissão jornalística, especialmente em momentos de emergência. A presença de produtores e operadores no estúdio foi essencial para garantir a qualidade das transmissões, enquanto a parte da equipe que estava em casa enfrentava problemas técnicos que só podiam ser resolvidos por quem estava no local, evidenciando a interdependência e a cooperação necessárias para a continuidade do trabalho.

O que essas entrevistas revelam é que a migração para o trabalho remoto e a digitalização transformaram as práticas e o fluxo de trabalho nas redações de maneira ambivalente. Por um lado, a tecnologia permitiu que as atividades continuassem exigindo adaptações dos jornalistas. No entanto, as falas dos entrevistados mostram que a cooperação e a organização nas redações foram testadas por pressões externas, como a necessidade de se manter produtivo em um contexto de incerteza e risco. As tecnologias digitais, embora úteis, não foram capazes de eliminar a sensação de isolamento e de desconexão entre os profissionais, e em muitos casos, como o de Jéssica, gerou frustrações com a limitação das práticas jornalísticas em relação em seu formato tradicional.

O que se observa, portanto, é que a migração para o trabalho remoto e o uso de tecnologias digitais, embora tenham se mostrado fundamentais para garantir a continuidade das atividades jornalísticas durante a pandemia, trouxeram fragilidades estruturais e emocionais na prática do jornalismo. Os jornalistas entrevistados destacam como as práticas precisaram se adaptar de forma abrupta, o que resultou em desafios significativos às rotinas, ao fluxo de trabalho e à cooperação entre equipes. A flexibilização e a improvisação, elementos já inerentes à profissão, foram amplificadas no contexto pandêmico, levando muitos profissionais a desempenharem múltiplas funções e a buscarem soluções tecnológicas para problemas operacionais, como ficou evidente nos relatos de Laura e Fabiana.

No entanto, as tecnologias digitais não suprimiram a necessidade de presença física e de contato direto que muitas funções jornalísticas exigem, como salientaram Jéssica e Cláudia. A ausência de interação presencial e o distanciamento do campo geraram sentimentos de desconexão e de frustração, o que mostra também limites das soluções digitais no contexto jornalístico. Apesar da resiliência e da capacidade de adaptação dos profissionais, ficou claro que o jornalismo depende de uma cultura organizacional e de um ambiente de laboral que valorize tanto as inovações tecnológicas quanto condições de trabalho que preservem a integridade física e emocional dos jornalistas.

Em suma, em relação às experiências dos jornalistas analisados, podemos ver que a pandemia acelerou processos de digitalização que já estavam em curso, mas também revelou a necessidade de equilíbrio entre inovação e a preservação de elementos fundamentais da prática jornalística. A cooperação, a interação humana e a presença no campo são aspectos que, mesmo em tempos de transformação digital, continuam a ser pilares da profissão. Assim, as experiências relatadas evidenciam que a digitalização e o trabalho remoto trouxeram avanços, mas também expuseram os desafios e as limitações do jornalismo em um cenário de crise.

6.2 Adaptações dos jornalistas em ambientes de risco e seus impactos na cobertura

A pandemia de COVID-19 desafiou os jornalistas a se adaptarem a novos cenários de risco, redefinindo tanto as práticas de apuração quanto o próprio conceito de segurança no exercício da profissão. Com o aumento da exposição a ambientes inseguros e a necessidade de manter o público informado, os profissionais da comunicação precisaram ajustar suas rotinas e a adotar novas formas de trabalho, muitas vezes sob pressão emocional e física.

Cláudia, assessora de imprensa de um hospital, relata que encontrou em uma situação crítica, onde o risco à saúde era elevado e a necessidade de comunicação constante com o público ampliava a demanda por seu trabalho: *"No início, pensei que seria algo mais simples, mas rapidamente se tornou uma missão, a demanda era enorme e a remuneração não acompanhava isso"*. Seu relato evidencia como a pandemia agravou a precarização do trabalho dos jornalistas que, mesmo diante de cenários de risco, como os hospitais,

enfrentaram condições difíceis sem o devido reconhecimento. Além disso, ela destacou um sentimento de vulnerabilidade, não apenas pela exposição ao vírus, mas também pela sobrecarga emocional: "*Cheguei a ter insônia durante a pandemia, porque era tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo.*"

O relato de Cláudia traz à tona a pressão psicológica que muitos jornalistas enfrentaram. A insegurança sanitária somou-se ao estresse da sobrecarga de trabalho, criando um cenário em que a saúde mental dos profissionais foi colocada à prova. Seu testemunho faz refletir sobre a necessidade de apoio psicológico e de melhores condições de trabalho para jornalistas em momentos de crise que são, ao mesmo tempo, essenciais para a sociedade, mas frequentemente negligenciados.

Já **Bruno**, professor de jornalismo, lidou com uma adaptação de outra natureza. Mesmo sem estar diretamente exposto ao risco físico do vírus, ele destacou os desafios da educação em um cenário de incerteza. "*O grande desafio foi manter os alunos engajados e adaptados ao novo formato digital*" explica. Bruno mencionou que, apesar de a sala de aula virtual proporcionar segurança, a ausência da prática de campo criava uma lacuna difícil de ser preenchida no ensino de jornalismo. Para ele, a adaptação não foi apenas uma questão técnica, mas também emocional, já que viu muitos alunos lidando com a depressão e o cansaço mental causados pela pandemia. "*Tivemos que flexibilizar prazos e nos adaptar à realidade dos alunos, muitos deles estavam lidando com a COVID-19 em suas próprias casas.*"

O testemunho de Bruno revela uma dimensão importante em tempos de crise: o impacto indireto do ambiente de risco no desenvolvimento dos futuros jornalistas. A adaptação ao ensino remoto, embora necessária, comprometeu o contato direto com o campo, algo que é central na formação de profissionais da área. Isso nos faz refletir sobre como o distanciamento prolongado pode afetar a qualidade do aprendizado e como esse período de adaptação moldou uma nova geração de jornalistas.

Jéssica, repórter de rádio e televisão, destacou as dificuldades de equilibrar as exigências de sua profissão com os riscos de estar no campo. "*A primeira vez que voltei às ruas foi durante as eleições de 2020, e o medo estava ali*" ela relembra. Para ela, a experiência de sair da segurança do *home office* para cobrir eventos de grande aglomeração foi marcada por um sentimento de apreensão, mesmo com todas as medidas de proteção. No entanto, Jéssica

também ressaltou como a pandemia a obrigou a se adaptar rapidamente a novas tecnologias para manter a cobertura jornalística: *"Passamos a fazer entrevistas por videochamadas e a depender muito de imagens enviadas pelos próprios entrevistados."*

A fala de Jéssica reflete sobre o impacto da ausência física no campo para o jornalismo de televisão, que depende tanto da imagem quanto do contato direto com os fatos. Sua experiência com entrevistas remotas e a dependência de materiais fornecidos por terceiros evidenciam os limites da cobertura digital, levantando questões sobre a veracidade e a profundidade das apurações em tempos de pandemia. Embora essas adaptações tenham permitido a continuidade do trabalho, elas também revelaram as fragilidades da prática jornalística quando privada da presença no local.

Laura, repórter de televisão, enfrentou desafios tanto pessoais quanto profissionais durante a pandemia. Além da preocupação com a sua segurança e a de sua família, já que tinha filhos pequenos em casa, ela precisou aprender a lidar com as novas exigências tecnológicas impostas pelo trabalho remoto. *"Tive que usar meu carro como estúdio improvisado mais de uma vez para garantir que o áudio ficasse limpo nas gravações"* conta Laura, ressaltando como a pandemia trouxe um nível de improviso sem precedentes à sua rotina. No entanto, ela também percebeu que o ritmo da cobertura jornalística não poderia parar, e o uso criativo de tecnologias permitiu que as reportagens continuassem a ser produzidas: *"O mais importante era garantir que a informação chegasse, mesmo que não fosse com a melhor qualidade técnica."*

A experiência de Laura reflete a capacidade de adaptação de jornalistas em tempos de crise, em que a criatividade e a agilidade se tornaram tão essenciais quanto os equipamentos tradicionais. Seu depoimento mostra como a pandemia forçou os jornalistas a abandonar a busca pela perfeição técnica em prol da urgência da informação, adaptando-se ao contexto e às exigências impostas pela distância e pelas limitações de recursos.

Por fim, **Fabiana**, produtora de rádio, trouxe uma perspectiva diferente, focada na importância do trabalho presencial para manter o fluxo das transmissões ao vivo. *"Nós, produtores, não podíamos simplesmente trabalhar de casa. Precisávamos estar lá para garantir que tudo funcionasse"* explica. Fabiana relatou como os produtores e operadores, essenciais para a transmissão de programas, enfrentaram o dilema de continuar trabalhando

presencialmente enquanto lidavam com o medo constante de contaminação. *"Ficávamos em constante contato com o público por WhatsApp, e era difícil manter a empatia enquanto lidávamos com nossos próprios medos"* ela reflete, destacando o peso emocional que carregava durante a pandemia.

O depoimento de Fabiana me faz refletir sobre a resiliência necessária para continuar produzindo conteúdo jornalístico em meio ao caos. Ela destaca como a pandemia humanizou o jornalismo, trazendo os profissionais mais para perto do público, que também vivia as incertezas daquele momento. A relação direta com os ouvintes, principalmente em uma mídia como o rádio, intensificou o papel do jornalista como mediador de informações e emoções, criando uma conexão ainda mais forte com o público.

Em conclusão, as adaptações dos jornalistas aos ambientes de risco durante a pandemia foram tão diversas quanto desafiadoras. As experiências revelam a tensão entre a segurança pessoal e a responsabilidade profissional, destacando a necessidade de encontrar soluções criativas em um cenário que limitou a prática tradicional da cobertura de campo. As falas dos entrevistados demonstram como, apesar dos desafios, esses jornalistas mantiveram o compromisso com a informação, mesmo quando as condições impostas pela pandemia testaram os limites de sua resiliência. O que emerge dessas experiências é a capacidade de adaptação e de inovação que, embora essenciais, também deixaram marcas profundas na forma como o jornalismo é praticado e percebido em tempos de crise.

6.3 O papel da tecnologia e das plataformas digitais frente aos desafios do distanciamento social

A pandemia de COVID-19 acelerou o uso das tecnologias e das plataformas digitais no jornalismo, transformando a maneira como as notícias eram produzidas e disseminadas. O distanciamento social e as restrições impostas pela crise sanitária exigiram soluções tecnológicas rápidas e adaptáveis, e cada um dos jornalistas entrevistados trouxe à tona diferentes maneiras de como essas ferramentas foram essenciais para manter o fluxo de trabalho e enfrentar os desafios.

Cláudia ressalta o quanto as plataformas digitais facilitaram o acesso à mídia, especialmente em um momento em que a presença física não era viável.

"Usávamos muitos recursos digitais para garantir que as informações sobre o hospital chegassem à mídia, desde vídeos e fotos que produzíamos internamente até coletivas de imprensa on-line" comenta ela. Nesse sentido, a tecnologia não apenas viabilizou a comunicação com a imprensa, mas também serviu como uma ponte para que o hospital pudesse compartilhar rapidamente atualizações sobre a situação crítica dos atendimentos. Entretanto, Cláudia também destaca os limites dessa dependência digital: *"Por mais que as plataformas tenham ajudado, senti que o trabalho era mais exaustivo, a pressão era maior e as ferramentas digitais não compensavam a sobrecarga que vivemos."*

Essa fala de Cláudia faz refletir sobre a ambivalência do papel das tecnologias digitais no contexto do jornalismo de crise. Embora as plataformas tenham permitido que as operações continuassem, elas também reforçaram a percepção de que a adaptação tecnológica não foi suficiente para atenuar a intensidade do trabalho imposto pela pandemia. Isso demonstra que, apesar dos avanços, a digitalização trouxe um tipo de cansaço particular, exacerbado pela constante pressão e pela ausência de condições físicas e emocionais adequadas.

Para **Bruno**, professor de jornalismo esportivo, o uso da tecnologia foi crucial para a continuidade das aulas e do laboratório de jornalismo esportivo. Ele relata que plataformas como o Teams e o Zoom se tornaram fundamentais para criar dinâmicas de ensino que, até então, eram completamente presenciais.

Fomos obrigados a adaptar tudo para o ambiente virtual. Nossos alunos, que estavam acostumados a ir aos estádios e cobrir eventos ao vivo, tiveram que aprender a analisar vídeos de partidas antigas e fazer entrevistas virtuais com atletas. (Bruno, professor de jornalismo esportivo)

Ele aponta que essa experiência trouxe uma nova visão sobre como o jornalismo esportivo pode ser praticado, mas admite que *"a falta de presença física limitou muito a prática real do esporte, que é algo que não se aprende totalmente em um ambiente virtual."*

O relato de Bruno evidencia que, embora a tecnologia tenha sido uma ferramenta de adaptação bem-sucedida no ambiente acadêmico, ela também revelou limitações na formação prática dos futuros jornalistas. Isso reflete uma

preocupação sobre até que ponto as plataformas digitais podem substituir a experiência presencial, especialmente em áreas como o jornalismo esportivo, onde o contato com o campo e os eventos é uma parte essencial do aprendizado.

Jéssica, repórter de rádio e televisão, também viu seu trabalho transformado pelo uso intensivo da tecnologia durante a pandemia. Ela destaca como as *lives* e as entrevistas virtuais se tornaram a principal forma de produção de conteúdo: *"A gente passou a usar muito as lives e entrevistas pelo Zoom, o que não era o ideal para a captação de imagens, mas era o possível para manter o jornalismo vivo durante a pandemia"* afirma Jéssica. No entanto, ela ressalta que essa nova dinâmica trouxe desafios no controle de qualidade das imagens e da organização das entrevistas. *"Muitas vezes dependíamos das assessorias para nos enviar vídeos ou fotos, e nem sempre o material tinha a qualidade que gostaríamos"* relata.

A experiência de Jéssica evidencia como a tecnologia foi uma solução prática, mas também trouxe limitações, especialmente em um meio como o jornalismo televisivo, que depende da qualidade visual. Esse contexto nos faz refletir sobre a importância da presença física para garantir a qualidade das reportagens e como a dependência de terceiros para fornecer material visual pode impactar a integridade e a estética da notícia.

Laura, repórter de televisão, também enfrentou desafios semelhantes ao lidar com as ferramentas tecnológicas. Ela relata que a maior parte do seu trabalho nos primeiros meses da pandemia foi realizado de casa e a captação de imagens e entrevistas virtuais passou a ser a norma. *"Eu mesma gravava os offs no meu carro, porque precisava de um ambiente silencioso e a minha casa não tinha condições para isso"* relembra, reforçando a necessidade de improvisação durante o trabalho remoto. O uso das plataformas digitais, segundo ela, facilitou a comunicação com a equipe e o envio de matérias, mas ao mesmo tempo tornou o trabalho mais solitário: *"Mesmo com todas essas ferramentas, senti falta de estar na redação, de trocar ideias pessoalmente com os colegas."*

O depoimento de Laura faz refletir sobre o distanciamento emocional e social que muitos jornalistas enfrentaram ao trabalhar remotamente. Embora a tecnologia tenha possibilitado a continuidade das produções, a ausência do contato humano, fundamental para o jornalismo, destacou a fragilidade das conexões profissionais quando intermediadas exclusivamente por telas.

Fabiana, produtora de rádio, ressalta o quanto a tecnologia foi essencial para manter os programas no ar durante a pandemia, especialmente quando muitos repórteres e apresentadores estavam trabalhando de casa. *"Nós ficávamos em constante chamada de áudio com os apresentadores e operadores para garantir que tudo funcionasse. Era como se tivéssemos uma linha direta, 24 horas por dia"* conta Fabiana. Ela também lembra dos problemas frequentes com a internet, que muitas vezes interrompiam transmissões ao vivo: *"Tinha vezes em que o apresentador e o reserva caíam ao mesmo tempo, e aí tínhamos que improvisar e ajustar tudo o mais rápido possível."*

Apesar dos desafios, Fabiana destaca que a tecnologia trouxe um tipo de proximidade com o público que antes não existia: *"Os ouvintes se adaptaram a ouvir nossos cachorros latindo ao fundo, e isso humanizou a rádio de uma forma que eu nunca imaginei."*

A fala de Fabiana traz uma reflexão sobre a relação entre tecnologia e a humanização do jornalismo. O uso das plataformas digitais trouxe não apenas agilidade, mas também proximidade e conexão emocional com o público, que pôde testemunhar os bastidores das transmissões e se aproximar dos profissionais de uma maneira inédita. Esse fenômeno demonstra que a tecnologia, apesar de seus desafios técnicos, também permitiu novas formas de engajamento entre jornalistas e audiência.

Em síntese, o papel da tecnologia e das plataformas digitais durante a pandemia foi fundamental para que o jornalismo continuasse operando, mas não sem expor suas limitações. As falas dos jornalistas mostram que, embora as tecnologias digitais tenham sido cruciais para manter a informação fluindo, elas também se vincularam a novos desafios, desde a sobrecarga de trabalho até a perda da qualidade visual e da interação humana. O que se observa no caso do relato dos entrevistados é que a tecnologia, embora poderosa, não substituiu completamente o contato direto e as trocas interpessoais, que são essenciais para a prática jornalística em sua plenitude.

6.4 O papel dos jornalistas na mediação de informações da pandemia e a influência na percepção pública

Durante a pandemia, os jornalistas assumiram um papel central como mediadores de informações críticas sobre a crise de saúde pública e certamente

influenciaram a percepção da sociedade sobre a COVID-19 e as medidas necessárias para conter sua disseminação. Cada jornalista entrevistado trouxe perspectivas relevantes sobre como essa mediação afetou seu trabalho e a resposta do público diante das informações que transmitiam.

Cláudia conta que, ao atuar como assessora de imprensa de um hospital, estava diretamente envolvida na mediação das informações provenientes da linha de frente do combate à COVID-19. *"Nós éramos a própria fonte, não havia intermediários"* a relembra, destacando o quanto a informação precisava ser clara e precisa. O hospital, como epicentro de muitas notícias durante a crise, dependia da comunicação para informar tanto as mídias quanto o público sobre a situação dos atendimentos e os protocolos adotados.

Cláudia percebeu, contudo, que, apesar de todo o esforço para fornecer dados corretos, muitas vezes a percepção pública estava mais influenciada por notícias sensacionalistas ou informações desencontradas que circulavam nas redes sociais: *"Ficava um pouco frustrada quando via que, mesmo com todo o nosso trabalho, muitas pessoas ainda acreditavam em fake news."*

A fala de Cláudia revela um dos grandes desafios enfrentados pelos jornalistas durante a pandemia: a luta contra a desinformação. Apesar do acesso direto às fontes, a circulação de boatos e informações incorretas nas redes sociais dificultava o trabalho dos profissionais de comunicação em manter o público informado de maneira responsável. Isso demonstra a importância do jornalismo de qualidade na construção de uma narrativa baseada em fatos, especialmente em tempos de crise.

Bruno, professor de jornalismo esportivo, também reflete sobre o papel do jornalismo na mediação de informações, embora seu foco tenha sido em um nicho específico. *"Mesmo trabalhando com esporte, era impossível ignorar o impacto da pandemia nas nossas vidas e nos noticiários. Isso exigiu uma postura muito cuidadosa de todos nós"* relata Bruno. Ele menciona que, na universidade, tiveram discussões com os alunos sobre a responsabilidade ética do jornalismo em momentos de crise, destacando como a cobertura esportiva também se transformou em um espaço de reflexão sobre as implicações da pandemia para a sociedade. *"Os alunos precisavam entender que, mais do que nunca, o jornalismo precisava ser uma ferramenta de conscientização,"* comenta.

Essa fala de Bruno sinaliza que a mediação de informações sobre a pandemia não se restringiu apenas aos jornalistas que estavam na linha de

frente das notícias sobre saúde pública, mas permeou todas as áreas do jornalismo. A pandemia se tornou um tema transversal que impactou a forma como diferentes editorias, até mesmo as esportivas, se adaptaram para incluir discussões sobre saúde, segurança e bem-estar.

Jéssica, que trabalhou como repórter de rádio e televisão durante a pandemia, reflete sobre o impacto da comunicação de massa e como o público respondeu às informações transmitidas. *"Percebi que o público ficou muito mais atento ao que a televisão dizia. As pessoas ligavam a TV esperando por respostas"* relata. Para Jéssica, isso significou um aumento da responsabilidade em transmitir informações claras e verificadas, especialmente em um momento em que as *fakes news* proliferavam nas redes sociais. *"Não podíamos cometer erros. As pessoas estavam desesperadas por informações e qualquer deslize poderia causar pânico"* afirma.

A fala de Jéssica faz pensar que a televisão, um dos meios de comunicação mais tradicionais, pode ter recuperado parte de sua credibilidade durante a pandemia, servindo como uma fonte confiável de informações para muitos espectadores. No entanto, esse aumento de confiança também significava uma pressão maior sobre os jornalistas para garantir a veracidade e a qualidade das notícias que estavam sendo veiculadas, reforçando o papel do jornalista como mediador responsável em tempos de incerteza.

Laura, que também trabalhou como repórter de televisão, destaca a relação direta que teve com a percepção pública, especialmente ao cobrir temas relacionados à vacinação e ao comportamento da população frente às medidas sanitárias: *"A população estava dividida, e nós, jornalistas, tínhamos que ser extremamente cuidadosos para não alimentar polarizações"*. Ela lembra de como muitas vezes se deparava com entrevistas de pessoas que se recusavam a seguir as orientações de saúde e como era um desafio mediar essas visões sem gerar ainda mais desinformação ou controvérsia. *"Era um jogo de equilíbrio: informar sem julgar, mas também sem deixar de lado os fatos científicos"* reflete.

O depoimento de Laura nos leva a pensar sobre o papel crítico do jornalista não apenas como transmissor de informações, mas também como mediador de debates sociais complexos. Durante a pandemia, a imprensa desempenhou um papel essencial para equilibrar diferentes opiniões e mediar o diálogo entre especialistas de saúde e a população em geral, muitas vezes navegando em um terreno polarizado.

A entrevistada **Fabiana**, produtora de rádio, reforça o desafio de lidar com o público que estava constantemente exposto a informações conflitantes. "*A sensação era de estar nadando contra uma maré de desinformação*" ela descreve, referindo-se ao esforço contínuo em combater *fake news* enquanto mantinha os ouvintes atualizados sobre as novas recomendações de saúde pública. O rádio, com seu caráter mais direto e acessível, foi um meio importante para alcançar audiências diversas e Fabiana destaca como isso foi crucial para disseminar informações corretas e úteis em um momento de tanta incerteza. "*Os ouvintes mandavam mensagens, queriam saber o que era verdade e o que não era, e nós tínhamos que estar preparados para responder de forma rápida e precisa*" comenta.

Fabiana destaca um aspecto importante da mediação de informações durante a pandemia: a proximidade com o público. O rádio se mostrou um meio eficaz para criar um diálogo constante com a audiência, ao oferecer um espaço de esclarecimento imediato e construir uma relação de confiança entre o jornalista e o ouvinte.

Em resumo, o papel dos jornalistas como mediadores de informações durante a pandemia foi amplamente desafiado pelas dinâmicas de desinformação e pelo crescente papel das plataformas digitais. As falas dos entrevistados revelam que, apesar de todas as dificuldades, a mídia tradicional (televisão, rádio, e mesmo o jornalismo esportivo) desempenhou um papel crucial em fornecer informações verificadas e de qualidade. Ao mesmo tempo, o trabalho desses jornalistas nos faz refletir sobre a importância de um jornalismo comprometido com a verdade e com a responsabilidade social, em tempos em que as fronteiras entre fatos e boatos foram muitas vezes borradas.

7 INFERÊNCIAS COM BASE NAS FALAS DOS JORNALISTAS

A análise das entrevistas com os jornalistas que vivenciaram e cobriram a pandemia de COVID-19 reflete aspectos centrais das transformações nas práticas jornalísticas, evidenciando como a midiatização, conforme descrita por Fausto Neto (2011) e Gomes (2016), moldou essas experiências em um cenário de crise sem precedentes. A pandemia intensificou a transição do jornalismo da "sociedade dos meios" para a "sociedade midiatizada", destacando o papel das tecnologias digitais e das plataformas como ferramentas centrais na adaptação às novas condições de trabalho.

A adaptação forçada ao trabalho remoto foi um dos elementos mais impactantes, conforme os relatos de Laura e de outros jornalistas. A necessidade de improvisação e criatividade para realizar tarefas básicas, como gravações em ambientes inadequados, exemplifica a capacidade dos jornalistas de se adaptarem nesses cenários adversos. Esse movimento reforça a argumentação de Fausto Neto (2011), que destaca a capacidade dos jornalistas de integrarem-se a dispositivos sociotécnicos como uma adaptação necessária na era midiatizada. A busca pela perfeição técnica, outrora um pilar do jornalismo tradicional, foi substituída pela urgência de transmitir informações relevantes, mesmo em condições técnicas e emocionais desafiadoras.

Essa adaptação também trouxe uma dimensão de humanização ao jornalismo, especialmente evidente no relato de Fabiana, produtora de rádio. A informalidade das transmissões realizadas de casa, com sons do cotidiano e interações mais pessoais, gerou um novo tipo de proximidade entre jornalistas e público, alinhando-se à perspectiva de Verón (1997) sobre a complexidade dos fluxos de comunicação na midiatização. A interação mais direta com as audiências, possibilitada pelas tecnologias digitais, reforçou o papel dos jornalistas como mediadores não apenas de informações, mas também de sentidos, em um contexto de incerteza e vulnerabilidade social.

Contudo, a tecnologia também expôs seus próprios limites. Como ressaltado por Cláudia, a sobrecarga de trabalho e as pressões emocionais foram intensificadas pelas novas demandas digitais, sem que essas ferramentas conseguissem compensar a exaustão física e psicológica dos profissionais. Jéssica, por sua vez, evidenciou que a dependência de materiais enviados por terceiros no jornalismo televisivo comprometeu a qualidade estética e

informacional das reportagens. Esses desafios dialogam com a ideia de Gomes (2016) de que a midiatização não elimina as dificuldades estruturais e culturais dos meios, mas as reconfigura de maneira que exige novos tipos de competências e resiliência dos jornalistas.

Outro aspecto central foi o combate à desinformação, que emergiu como um dos principais desafios para os profissionais de comunicação. Fabiana descreveu a luta contra as *fakes news* como "nadar contra uma maré de desinformação", evidenciando a pressão constante sobre os jornalistas para produzir e verificar informações de maneira rápida e confiável. Esse cenário reflete o conceito de circulação de sentidos descrito por Verón (1997) e Rosa (2022), no qual os jornalistas são simultaneamente produtores e receptores de fluxos informacionais que afetam não apenas o público, mas também os próprios profissionais.

Além disso, a função mediadora do jornalista foi intensificada durante a pandemia. Os relatos destacaram como os jornalistas, em suas interações com instituições, meios de comunicação e o público, desempenharam um papel central na organização dos fluxos informacionais e na modelagem da percepção pública sobre a COVID-19. Essa centralidade está em linha com a análise de Heberlê (2021), que enfatiza o papel dos jornalistas como atores centrais na construção de sentidos durante crises. A dependência de *feedbacks* do público e de dados institucionais moldou não apenas a cobertura jornalística, mas também a própria dinâmica de interação entre os atores sociais.

Por fim, a pandemia revelou a ambivalência do uso das plataformas digitais no jornalismo. Se, por um lado, essas tecnologias possibilitaram a continuidade do trabalho e a inovação em metodologias de produção, por outro, evidenciaram fragilidades estruturais que limitaram a profundidade das apurações e a qualidade técnica dos conteúdos. O cenário pandêmico reforça a necessidade de equilíbrio entre inovação tecnológica e preservação das práticas jornalísticas fundamentais, como a presença física no campo e a interação direta com as fontes.

Essas reflexões destacam a transformação do jornalismo em um contexto de crise, evidenciando como as práticas e as relações foram reconfiguradas pela midiatização e pelos desafios impostos pela pandemia. A capacidade de adaptação, a humanização das relações e o compromisso ético com a

informação emergem como elementos centrais na resiliência dos jornalistas, reafirmando sua relevância em tempos de incerteza e mudança.

Nas tabelas 5 e 6 é apresentada uma sistematização das transformações das práticas jornalísticas em diferentes dimensões, realizada com base nos relatos dos jornalistas entrevistados.

Tabela 5 – Dimensões das práticas jornalísticas afetadas no contexto da pandemia e tipos de afetações

Dimensões afetadas	Tipos de afetação
Espacial	- Migração para o trabalho remoto. - Adaptação de ambientes domésticos. - Redução da presença no campo.
Temporal	- Sobrecarga de trabalho. - Flexibilidade de horários.
Tecnológica	- Uso de plataformas digitais. - Dependência de materiais de terceiros. - Criatividade em recursos tecnológicos.
Processos de apuração e produção	- Entrevistas virtuais. - Limitações na qualidade de imagens. - Dependência de informações de fontes.
Interações e relações	- Redefinição das dinâmicas de cooperação. - Desafios nas relações com público e colegas.
Cultural	- Improvisação e multitarefas. - Humanização dos bastidores.

Fonte: Sistematização dos dados da pesquisa.

Tabela 6 – Tipos de afetações vividas pelos jornalistas no contexto da pandemia.

Afetações positivas	Afetações negativas
- Flexibilidade e criatividade. - Ampliação de habilidades digitais. - Proximidade maior com o público. - Inovação em metodologias.	- Sobrecarga emocional e psicológicas. - Desconexão com o campo. - Desafios técnicos. - Frustração com limitações técnicas. - Intensificação da precarização.

Fonte: Sistematização dos dados da pesquisa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo central investigar as transformações nas práticas jornalísticas durante a pandemia de COVID-19, com foco no impacto das tecnologias, nas mudanças nas dinâmicas das redações e nas relações entre jornalistas, fontes e o público. Os resultados apontam para um contexto marcado por adaptações forçadas, resiliência e inovação, mas também por desafios estruturais e emocionais que redefiniram profundamente a prática jornalística. A análise revela que a pandemia intensificou o processo de midiatização digital, reconfigurando práticas consolidadas, flexibilizando rotinas produtivas e promovendo o surgimento de novas dinâmicas profissionais.

A transição para o trabalho remoto foi um dos aspectos mais impactantes desse período, acelerando a adoção de tecnologias digitais como plataformas de videoconferência, ferramentas colaborativas e redes sociais. Esse movimento reconfigurou as rotinas jornalísticas, promovendo maior flexibilidade e ampliando as habilidades digitais dos profissionais. Contudo, como apontaram as entrevistas, a digitalização trouxe desafios significativos: a desconexão do campo, a sobrecarga emocional e a intensificação da precarização do trabalho. Cláudia, por exemplo, relatou como as demandas exaustivas e as condições adversas no ambiente hospitalar revelaram os limites da adaptação tecnológica frente à pressão emocional e física dos jornalistas.

Essas transformações também expuseram a criatividade dos profissionais diante das adversidades. Laura, ao improvisar um estúdio em seu carro para gravar matérias, ilustrou como a pandemia exigiu respostas rápidas e práticas inovadoras. Por outro lado, Jéssica destacou a insatisfação com a dependência de imagens de terceiros e a perda da presença física no campo, essenciais para a qualidade estética e informacional do jornalismo televisivo. Esses relatos refletem o paradoxo da tecnologia: embora essencial para a adaptação, mostrou-se insuficiente para substituir integralmente a presença e as dinâmicas humanas intrínsecas ao fazer jornalístico.

No âmbito das narrativas, a pandemia provocou uma aproximação maior do público às histórias humanas, enfatizando dramas, atos de solidariedade e desafios cotidianos. Fabiana, produtora de rádio, destacou como as imperfeições das transmissões, como barulhos de fundo e ruídos técnicos, foram ressignificadas como elementos que humanizaram o jornalismo.

Outro aspecto crucial observado foi o enfrentamento à desinformação, que se intensificou durante a pandemia. As redes sociais, ao mesmo tempo em que ampliaram o alcance do jornalismo, também facilitaram a disseminação de *fake news*, desafiando os jornalistas a atuarem como curadores de informações. Fabiana descreveu a sensação de "nadar contra uma maré de desinformação", ilustrando o esforço contínuo de combater inverdades e garantir a precisão informativa. Esse cenário evidenciou a relevância do papel ético dos jornalistas na mediação de informações, especialmente em um momento de crise sanitária.

A análise das práticas jornalísticas durante a pandemia permite reflexões amplas sobre a midiatização. Como apontam autores como Verón (1997) e Fausto Neto (2011), a intensificação dos fluxos informacionais e a horizontalidade proporcionada pelas plataformas digitais desafiaram as lógicas tradicionais de produção e circulação de notícias. As entrevistas mostram que os jornalistas precisaram se adaptar rapidamente a esse novo ecossistema comunicacional, onde as interações com o público e as instituições se tornaram mais diretas e dinâmicas. Muitos romperam com a dependência exclusiva de grandes veículos, explorando novas formas de engajamento em plataformas digitais, evidenciando o papel central do jornalista na mediação de sentidos.

Além disso, o processo de midiatização revelou-se central na reconfiguração das práticas jornalísticas, pois trouxe novas formas de interação entre os jornalistas, os meios de comunicação e o público. Essa dinâmica evidenciou tanto as potencialidades quanto as fragilidades do jornalismo digital em um contexto de crise. A experiência pandêmica reforçou que, embora a tecnologia tenha ampliado as possibilidades de produção e disseminação de notícias, porte essencial do jornalismo ainda reside na relação humana, na presença física e na profundidade das apurações.

Em suma, a pandemia de COVID-19 não apenas acelerou processos já em curso no jornalismo, como também intensificou a midiatização digital, promovendo transformações profundas nas práticas jornalísticas. As entrevistas realizadas destacam a necessidade de equilibrar inovação tecnológica com a preservação de valores fundamentais da profissão, como ética, veracidade e compromisso com o interesse público. Mais do que isso, evidenciam que o jornalismo, ao se adaptar às crises, não só informa, mas também ajuda a construir sentidos e fortalecer os laços sociais em momentos de incerteza.

Essa pesquisa, ao dar voz aos jornalistas e sistematizar suas experiências, contribui para o entendimento das práticas jornalísticas em contextos de crise, oferecendo subsídios para refletir sobre os rumos da profissão na sociedade midiaticizada. Ela destaca que, mesmo em um cenário de rupturas e incertezas, o jornalismo permanece indispensável como mediador de narrativas que ajudam a sociedade a interpretar, compreender e enfrentar os desafios históricos de seu tempo.

As metodologias adotadas nesta pesquisa foram essenciais para alcançar o objetivo de investigar as transformações nas práticas jornalísticas durante a pandemia de COVID-19. O trabalho utilizou uma abordagem qualitativa, integrando entrevistas com jornalistas e análise documental, o que possibilitou uma compreensão mais ampla e detalhada das dinâmicas em jogo. Essa combinação de métodos foi fundamental para captar tanto as experiências subjetivas dos profissionais quanto os contextos mais amplos que moldaram suas práticas.

A pesquisa documental consistiu na análise de materiais como reportagens, estudos setoriais e outros documentos produzidos durante a pandemia. Esse método permitiu contextualizar as entrevistas, identificando padrões de comportamento e mudanças estruturais no jornalismo que estavam refletidos nos relatos dos entrevistados. Ao reunir dados provenientes de fontes documentais e cruzá-los com as narrativas dos jornalistas, foi possível fortalecer a base analítica do estudo e enriquecer a discussão sobre as transformações nas práticas jornalísticas.

As entrevistas qualitativas, por sua vez, trouxeram à tona as vivências individuais dos jornalistas, destacando suas percepções sobre as mudanças nas rotinas, a utilização de tecnologias, os desafios emocionais e as relações com fontes e público. Por meio de uma abordagem aberta e exploratória, as entrevistas permitiram captar nuances das experiências vividas pelos profissionais e aprofundar questões que não estariam acessíveis apenas por meio da análise documental. Esse método destacou a relevância do relato humano para compreender os impactos da pandemia nas práticas jornalísticas, alinhando-se à necessidade de valorizar as vozes dos profissionais como sujeitos centrais dessa transformação.

Apesar de sua riqueza, as metodologias adotadas também apresentaram limitações. A realização das entrevistas de forma remota, devido às restrições no

período das enchentes, pode ter influenciado a interação entre pesquisador e entrevistados. Além disso, a pesquisa documental exigiu um esforço adicional para selecionar e categorizar os materiais mais relevantes em meio ao volume de informações disponíveis durante a pandemia.

Este trabalho abre caminhos para novas investigações que podem complementar e expandir os achados apresentados. Entre as possibilidades de aprofundamento estão: realização de estudos que comparem as adaptações dos jornalistas em diferentes regiões ou países, considerando variações culturais, econômicas e estruturais no impacto da pandemia sobre o jornalismo; expansão da análise documental para incluir registros como vídeos de transmissões ao vivo, postagens em redes sociais de jornalistas e materiais internos de redações, aprofundando a compreensão das dinâmicas de trabalho; exploração do papel das plataformas próprias e das iniciativas autônomas de jornalistas que surgiram durante a pandemia, analisando sua relevância e sustentabilidade no ecossistema informativo; examine de como as tecnologias emergentes, como inteligência artificial e ferramentas de automação, estão moldando as práticas jornalísticas no contexto pós-pandemia; estudos de como o processo de midiaticização se comporta em diferentes tipos de crises globais, além da pandemia, como desastres naturais, crises políticas ou conflitos armados.

Essas perspectivas apontam para a necessidade de aprofundar o entendimento das dinâmicas que envolvem o jornalismo em contextos de crise e transformação. Além de contribuir para o avanço acadêmico, os estudos futuros podem oferecer *insights* valiosos para o fortalecimento das práticas jornalísticas, reafirmando seu papel essencial em sociedades informadas e democráticas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. **A influência da pandemia nas práticas e rotinas de um jornalista de rádio: os casos da TSF, Renascença e Antena 1.** Lisboa, 2023. 90 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.21/16954>>. Acesso em 07 nov. 2023.

ARAÚJO, M. **As rotinas produtivas do telejornalismo na COVID-19: o caso das emissoras da rede globo da Paraíba.** João Pessoa, 2022. 100 f. Dissertação (Mestrado em jornalismo) – Centro de Comunicação, Turismo e Artes – CCTA, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo – PPJ, Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/29381>>. Acesso em 25 out. 2023.

AS VÍTIMAS da covid-19 e da falta de eficiência no Brasil. *In*: EXAME. [S. l.], 03 ago 2020. Disponível em: <https://exame.com/brasil/as-vitimas-da-covid-19-e-da-falta-de-eficiencia-no-brasil/>. Acesso em: 04, jun 2023.

BRASIL. **Decreto Nº 10.288, de 22 de março de 2020.** Regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir as atividades e os serviços relacionados à imprensa como essenciais. Brasília, DF: Presidência da República, 2020. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=10288&ano=2020&ato=cd0ETRU1EMZpWT0f7>. Acesso em: 25, mar, 2023.

BRAGA, José Luiz. Mediação & midiatização. *In*: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (orgs.). **Circuitos versus campos sociais.** Salvador: EDUFBA, 2012. p.31-52. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/k64dr>. Acesso em 15 mar. 2024

CARDOSO, A. **Processos de Trabalho no Telejornalismo da TV Sergipe: Impactos da pandemia de COVID-19.** São Cristóvão, 2023. 140 f. Dissertação (Mestrado em comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Sergipe Centro de Educação e Ciências Humanas. Disponível em: < <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/18577>>. Acesso em 16 nov. 2023.

Dashboard das UTIs. Progressão do Total de Infectados em UTI Porto Alegre. msrodrigues@gmail.com, [S. l.], [2023.], Disponível em: <https://msrodrigues.shinyapps.io/Corona/> Acesso em: 15, nov, 2023.

CORONA vírus na China: o que se sabe sobre a misteriosa doença após confirmação de transmissão entre humanos. *In*: BBC NEWS Brasil. [S. l.], 20 jan 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51157487>>. Acesso em: 05, abr, 2023.

CORONAVÍRUS chega ao Brasil: veja os principais fatos sobre a doença. *In*: PORTAL do Governo do Estado de Rondônia. [S. l.], [2023]. Disponível em:

<<https://epoca.globo.com/coronavirus-chega-ao-brasil-veja-os-principais-fatos-sobre-doenca-1-24275705>>. Acesso em: 21, mar, 2023.

CRISE DO OXIGÊNIO: um mês após colapso em hospitais, Manaus ainda depende de doações do insumo. *In*: G1. Amazonas 14 fev 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/02/14/crise-do-oxigenio-um-mes-apos-colapso-em-hospitais-manaus-ainda-depender-de-doacoes-do-insumo.ghtml>. Acesso em: 20, jun, 2023.

FALCÃO, R. **Jornalismo, Cão de Guarda Na Pandemia De COVID-19: Uma análise do jornal o globo**. Rio de Janeiro, 2023. 280 f. Tese (Doutorado em comunicação) – PUC, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=62400>. Acesso em 13 set. 2023.

FERNANDES, G. **Jornalismo de Esgotamento: A precarização do trabalho jornalístico na pandemia**. Rio de Janeiro, 2021. 335 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – PUC, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=55715>>. Acesso em 26 set. 2023.

FAUSTO NETO, Antonio. Enunciando realidades ou os modos de fabricação da realidade midiática? (**A propósito de Laden, a santa e o doente**). São Paulo, **Comunicação Mídia e Consumo**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 29–48, set. 2008. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/34>. Acesso em: 24 abr. 2024.

FAUSTO NETO, Antonio. Fragmentos de uma «analítica» da mediatização. **Matrizes**, v.1, n.2, p. 89-105, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p89-105>. Acesso em: 20 fev, 2023.

FAUSTO NETO, Antonio; FERNANDES, José David Campos. **Interfaces jornalísticas: ambientes, tecnologias e linguagens**. João Pessoa, PB: Editora da UFPB, 2011.

FAUSTO NETO, Antonio. O jornalismo terá novo formato. **Correio da Paraíba**, Paraíba, A7, 3 mai. 2015.

FAUSTO NETO, Antonio. Circulação: **trajetos conceituais**. Rizoma. v. 6, n. 2, p. 08-40, jul. 2018. Disponível em: Circulação: trajetos conceituais | Rizoma (unisc.br). Acesso em: 20 abr. 2024.

FORTINI, Andréia. Durante a pandemia da covid-19 jornalistas desempenharam dever cívico de manter a sociedade informada. *In*: PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA, Rondônia, 09 set 2021. Disponível em: <<https://rondonia.ro.gov.br/durante-pandemia-da-covid-19-jornalistas-desempenharam-dever-civico-de-manter-a-sociedade-informada/>>. Acesso em: 08, fev, 2023.

FREITAS, Marcelo. **Nós também estivemos na linha de frente** – As histórias do jornalismo na pandemia. Belo Horizonte: Comunicação de Fato, 2022.

GARCIA, Renata do Nascimento. **Construções de sentidos em disputa: o caso Duda Reis e Nego do Borel como acontecimento midiaticizado**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2024.

GINDRÍ, M. **Telejornalismo remoto: uma análise do uso de videochamadas nas reportagens do RBS Notícias durante a pandemia da Covid-19**. Porto Alegre, 2023. 66 f. TCC (Bacharel em Jornalismo). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: < https://lume.ufrgs.br/handle/10183/258862?locale-attribute=pt_BR>. Acesso em 13 set. 2023

GOMES, Pedro. **Dos meios à midiaticização** - Um conceito em evolução. São Leopoldo: Unisinos, 2016.

GONZATTO, Marcelo. Um mês de pandemia: covid-19 demorou mais para chegar no RS, mas avançou mais rápido do que a média nacional. *In*: ZERO HORA, Porto Alegre, 30 out 2020. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/03/um-mes-de-pandemia-covid-19-demorou-mais-para-chegar-ao-rs-mas-avancou-mais-rapido-do-que-a-media-nacional-ck8exnm1r098t01pqszb09lzh.html>>. Acesso em: 18, nov, 2022.

GRAGNANI, Juliana. Fila única por leitos de UTI? As propostas para fechar conta de desigualdade entre SUS e planos de. *In*: BBC NEWS. Londres, 23 abr. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52375980> Acesso em: 06, jun 2023.

HEBERLÊ, Antônio Luiz Oliveira. Pandemia e produção de sentidos: relatos, diálogos e discursos. *In*: WESCHENFELDER, Aline; FAUSTO NETO, Antônio; HEBERLÊ, Antônio; ARAÚJO, Inesita Soares de; CERRÊA, Laura Guimarães; RUSSI, Pedro (orgs.). **Informação e comunicação na pandemia: contribuições do Ciseco para essa discussão**. Campina Grande/PB: CISECO: EDUEPB, 2021. p.23-40.

KROHN, A. **Negacionismo e Desinformação em Tempos de Pandemia: Como a imprensa repercutiu o documento Manifesto pela Vida**. São Leopoldo, 2022. 84 f. TCC (Bacharel em Jornalismo). Unisinos Unidades Acadêmica de Graduação Curso de Jornalismo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos: < <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/12396>>. Acesso em 13 set. 2023.

IHME. COVID-19 Projections. [S. l.], 16 set. 2022. Disponível em: <http://www.diabetes.org.br/publico/diabetes/diagnostico-e-tratamento>. Disponível em: <https://covid19.healthdata.org/brazil?view=cumulative-deaths&tab=trend>. Acesso em: 15, nov, 2023.

MADEIRO, Carlos. Com covid-19, maio se torna o mês com mais mortes no Brasil. *In*: UOL. Maceió, 25 jun. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/25/com-covid-19-maio-se-torna-o-mes-com-mais-mortes-na-historia-do-brasil.htm>. Acesso em: 04, jun 2023.

MAIS DE 300 jornalistas brasileiros morreram em decorrência da covid-19. *In*: COMUNIQUE-SE Portal. [S. l.], 25 mar 2022. Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/mais-de-300-jornalistas-brasileiros-morreram-em-decorrencia-da-covid-19/>. Acesso em: 06, fev, 2023.

MALI, Tiago; PINTO, Paulo Silva; MOTORYN, Paulo. 88% dos intubados com covid em fevereiro morreram no Brasil. *In*: PODER 360. [S. l.], 26 mar. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/88-dos-intubados-com-covid-em-fevereiro-morreram-no-brasil/>. Acesso em: 04, jun 2023.

MANZANO, Fábio; SILVA, Camila Rodrigues da. Mortes na fila por um leito de UTI, falta de insumos e funerárias sem férias: os sinais do colapso na saúde brasileira. *In*: G1. [S. l.], 20 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/20/mortes-na-fila-por-um-leito-de-uti-falta-de-insumos-e-funerarias-sem-ferias-os-sinais-do-colapso-na-saude-brasileira.ghtml>. Acesso em: 06, jun 2023.

MARTINEZ, G. **Usos e apropriações de desinformação por sujeitos cegos**. São Leopoldo, 2024. 120 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola da Indústria Criativa - UNISINOS, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

MATTA, Gustavo Corrêa *et al.* Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia. *In*: MATTA, Gustavo Corrêa; REGO, Sergio; SOUTO, Ester Paiva; SEGATA, Jean (Orgs.). **A covid-19 no Brasil e as várias faces da pandemia**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2021, p. 15-24

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação**: projetos, ideias, práticas. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2018. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 15 fev. 2024.

MÉDICOS alertam para situação dramática dos hospitais de Porto Alegre. *In*: UFRGS jornal da universidade. Porto Alegre, 04 mar. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/medicos-alertam-para-situacao-dramatica-dos-hospitais-de-porto-alegre/?print=print>. Acesso em: 10, jun 2023.

MINISTÉRIO da Saúde. Painel Coronavírus. **Coronavírus Brasil**. [S. l.], 21 mar. 2023. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 21, mar, 2023.

MONTEIRO, Danielle. 10 fake news que você precisa conhecer sobre a Covid-19. *In*: FIOCRUZ. João Pessoa, 1 abr. 2020. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/48548>. Acesso em: 18, abr 2023.

MOREIRA, Ardilhes; PINHEIRO, Lara. OMS declara pandemia de coronavírus. In: G1. [S. l.], 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 21, mar, 2023.

NASCIMENTO, G. **Desinformação, Pandemia de Covid-19 e as Mudanças do Jornalismo**. São Paulo, 2023. 74 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13743783>. Acesso em 15 ago. 2023.

OLIVEIRA, I. **Entre Política, Mídia e Saúde: A Mediação Da Politização Da Pandemia De COVID-19 pelo Jornal Nacional e o Jornal da Record**. Goiânia, 2024. 54 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14771531>. Acesso em 15 ago. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Painel da OMS COVID-19. **Organização Mundial da Saúde**, [S. l.], [2023?]. Disponível em: <<https://data.who.int/dashboards/covid19/cases?n=c>>. Acesso em: 16, mai, 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Histórico da pandemia de COVID-19**. Região das Américas: OPAS, [2023?]. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 20, mar, 2023.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE Prefeitura confirma primeiro caso de coronavírus na capital. Porto Alegre, RS: 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://prefeitura.poa.br/sms/noticias/prefeitura-confirma-primeiro-caso-de-coronavirus-na-capital>>. Acesso em: 21, mar, 2023.

ROSA, Ana Paula. À imagem e semelhança: máquina, homem e imaginários em circulação. In: **V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MIDIATIZAÇÃO E PROCESSOS SOCIAIS**, 5, 2022, Santa Maria. Auditório INPE - UFSM - Santa Maria, 2022. p.1-22.

SANTOS, T. **Jornalismo X Pandemia: A credibilidade do jornal nacional na cobertura da crise da COVID-19**. Niterói, 2023. 94 f. Dissertação (Mestre em Mídia e Cotidiano). Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14446663>. Acesso em 15 ago. 2023.

SECRETARIA DA SAÚDE. Painel Coronavírus RS. [S. l.], RS: [2022?]. Disponível em: <<https://ti.saude.rs.gov.br/covid19/>>. Acesso em: 18, nov, 2022.

SENADO FEDERAL. **Desinformação e fake news são entraves no combate à pandemia, aponta debate**. [S. l.], 05 jul. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/05/desinformacao-e-fake-news-sao-entrevao-no-combate-a-pandemia-aponta-debate>. Acesso em: 11, set, 2023.

SGORLA, F. Complexificação da zona de contato na ambiência midiática: Um estudo da interação do Jornal Nacional com os receptores na fan page no Facebook. São Leopoldo, 2015. 228 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos.

SILVA, T. **Transformações no Jornalismo Científico Brasileiro**: A pandemia e seu impacto entre jornalistas e cientistas. Vitória, 2021. 223 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: < <http://repositorio.ufes.br/handle/10/15200> >. Acesso em 15 ago. 2023.

SILVA, J. **Os Desafios Dos Jornalistas Durante a Pandemia De COVID-19**: As mudanças e dinâmicas da produção de notícias nas redações de televisão. Fortaleza, 2021. 117 f. Dissertação (Mestrado em Administração). Fundação Edson Queiroz, Universidade de Fortaleza. Disponível em: <<https://biblioteca.sophia.com.br/terminalri/9575/acervo/detalhe/127109>>. Acesso em 10 out. 2023.

SOUZA, G. **Ameaças para Silenciar o Mensageiro**: Ataques e agressões aos profissionais do jornalismo como notícia no jornal nacional. Juiz de Fora, 2023. 222 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: < <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/15949> >. Acesso em 10 out. 2023.

SOUZA, B. **Desinformação em saúde e checagem**: Uma análise do “Fato ou Fake”. Rio de Janeiro, 2021. 135 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica). Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/48623>>. Acesso em 15 mar. 2024

SOUZA, Paloma; FERRARI, Murillo. 17 estados e o DF estão em colapso na saúde; MT, MS, RS e RO não têm mais leitos. *In*: CNN BRASIL. São Paulo, 19 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/17-estados-e-o-df-estao-em-colapso-na-saude-mt-ms-rs-e-rr-nao-tem-mais-leitos/>. Acesso em: 10, jun 2023.

SIQUEIRA, Fabiana; MONTEIRO, Patrícia. **Jornalismo em tempos de pandemia**: reconfigurações na TV e na internet. João Pessoa PB: Ed. UFPB, 2020.

SOARES, Fernando. Levantamento aponta quase 300 jornalistas mortos por Covid-19 no Brasil. **PORTAL DOS JORNALISTAS**, [S. l.], 11 ago 2021. Disponível em: <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/levantamento-aponta->

quase-300-jornalistas-mortos-por-covid-19-no-brasil/>. Acesso em: 06, fev, 2023.

WESCHENFELDER, Aline. Estudo de caso midiaticizado: estratégia metodológica em pesquisas no contexto da midiatização. In: **ANAIS DE ARTIGOS DO SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MIDIATIZAÇÃO E PROCESSOS SOCIAIS**, 4, 2021, São Leopoldo. Anais de artigos... São Leopoldo: Casa Leiria, 2021. Disponível em: <<https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiaticacao-artigos/article/view/1354>>. Acesso em 19 fev. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Naming the coronavirus disease (COVID-19) and the virus that causes it. [Geneva]: [2023?]. Disponível em: <[https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-\(covid-2019\)-and-the-virus-that-causes-it](https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-(covid-2019)-and-the-virus-that-causes-it)>. Acesso em: 05, abr, 2023.

VATIERO, Caê; NEIVA, Paula Beatriz; LIMA, Bruna. Um ano depois da pandemia, jornalistas relatam desafios e danos à saúde mental. In: ABRAJI. [S. l.], 11 mar. 2021. Disponível em: <https://www.abraji.org.br/noticias/um-ano-depois-da-pandemia-jornalistas-relatam-desafios-e-danos-a-saude-mental>. Acesso em: 18, abr, 2023.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Diálogos de la Comunicación**, Lima, n. 48, p.9-16, 1997. Disponível em: Esquema para el análisis de la mediatización - HAL-SHS - Sciences de l'Homme et de la Société. Acesso em 15 mar. 2024.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semiantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, v. 8, n.1, p. 13-19, 2014.

APÊNDICE A: Entrevista sobre vivências, percepções e práticas jornalísticas durante a pandemia de COVID-19

Bloco 1: Perfil do entrevistado e vivências pessoais em relação à COVID-19

1. Qual era a sua função na área de comunicação jornalística durante a pandemia?
2. Onde você trabalha?
3. Que idade você tem?
4. Gênero

Bloco 2: Vivências e percepções pessoais em relação à COVID-19

4. Você contraiu COVID-19? Em caso afirmativo, foi antes ou depois da vacinação? Como foi essa experiência?
5. Você sofreu alguma perda familiar, de amigos ou colegas de trabalho durante a pandemia? Como foi esta experiência?
6. Você está ciente de que o Brasil lidera o ranking do maior número de profissionais da área de comunicação mortos por COVID-19 no mundo? Como essa informação o impacta?

Bloco 3: Práticas jornalísticas

2. Você precisou sair às ruas para exercer suas atividades? Com que frequência? Houve necessidade de realizar atividades em ambientes com aglomerações? Você e os envolvidos sempre utilizavam máscaras?
3. Você saiu às ruas para exercer suas atividades por livre e espontânea vontade? Ou houve algum tipo de pressão por parte da sua liderança? Em ambos os casos, é fundamental compreender o que levou o entrevistado a tomar essa atitude (por exemplo, se foi por livre e espontânea vontade, ocorreu alguma sensação de dever junto à sociedade?).
7. Quais foram os desafios que você enfrentou para executar suas funções em meio às restrições e condições adversas?
8. Como você se adaptou às medidas sanitárias?
9. Como foi o seu relacionamento com suas audiências, enfatizando a importância e a empatia do papel da comunicação transparente e a sensibilidade às preocupações do público?
10. Como lidou com a necessidade de se adaptar rapidamente às novas condições de trabalho, incluindo a implementação de tecnologias e maneiras criativas de reportar as notícias?

11. Como você verificou a veracidade das notícias que chegavam rapidamente, evitando a propagação de Fake News?

12. Você recebeu algum tipo de ameaça ou insulto relacionado ao seu trabalho neste período?

13. A pandemia provocou alguma mudança em sua carreira? Ex.: Necessidade de afastamento, tratamento psicológico, mudança de função, etc.